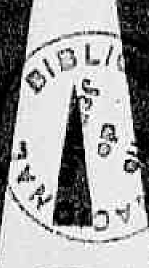
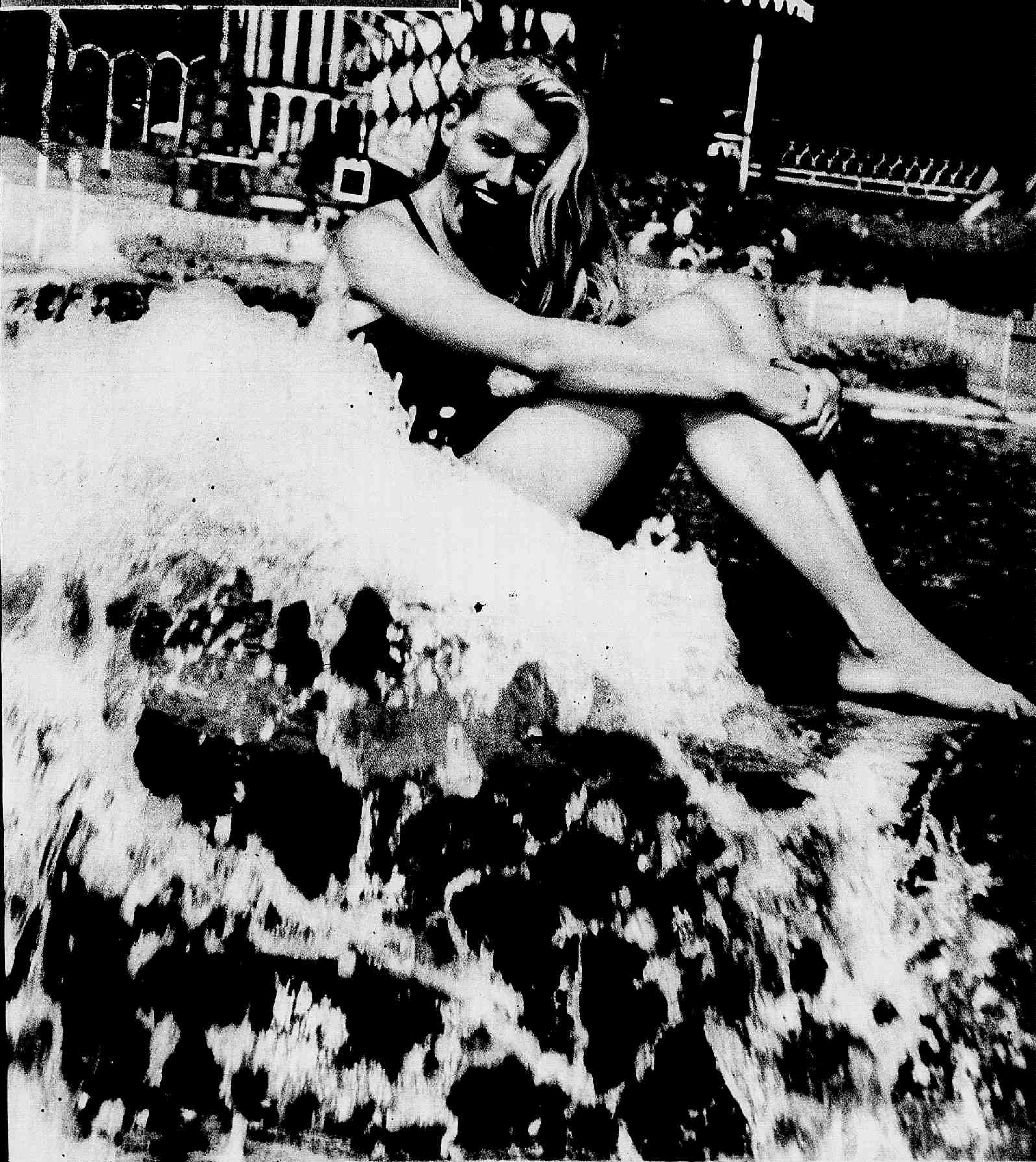
REVISTA DA SEMANA

N. 6



★ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES★



JOSÉ RONALDO, exclusivo: AS MAIS BELAS E RICAS FANTASIAS PARA O CARNAVAL

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



EXCELENTE BAR

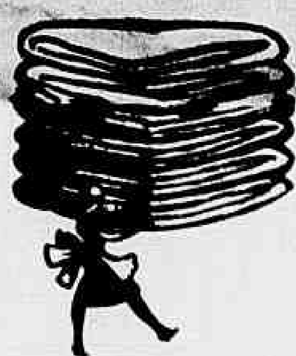


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata 30 minutos de automóvel)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 6 — 6-2-54

SUMÁRIO

ta do Flamengo 8/13
mo fazemos democracia 14/17
vida é melhor do que se pensa 20
revista Pingue-Pongue 21
nhuma mulher resiste ao «Pin-p-boy» 24/25
gem interplanetária 28/29
linha do carnaval de 1954 ... 30/33
rnaval, sem querer de Holly-wood 38/39
Martinelli viu São Paulo rescer 42/45
Paulo transforma-se em Can-es 46/49
políticos são assim 52/53
ta 3
êsse mundo de Deus 4/6
Brasil fora da mala 7
do Catete 113 19
ho de rio 26/27
ve pequenas para um rapaz .. 34/35
nana Literária 50/51
nana em Revista 54/55
nana Política 56/57
imo flash 58

CAPA:
Verão (Foto Camera press)

Redator-Chefe: Joel Silveira
Assistente: Hélio Abreu
Paginação: Victor Tapajós
Desenhos: Alberto Lima
Publicidade: J. M. Costa Júnior

decana das revistas nacionais. Pre-da com medalha de ouro na Expo-ão de Turim de 1911 e os Grandes mios nas Exposições de Sevilha e uérpia, em 1939, e na Feira Interna-al de São Paulo em 1933. — Proprie-e da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito
Assistente: Renato de Alencar

ENDEREÇOS E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
ação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570
Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8847
— Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
África Oriental Portuguêsa: D. Spa-, Caixa Postal, 434, Lourenço Mar-s. Em Portugal: Helena A. Lima, ave- Fontes Pereira de Melo, 34, 2º dis-, Lisboa. No Uruguai: Moratório & , Constituyente, 1746, Montevidéu. Na ntina: Interprensa, Florida 299, tele- 32, Avenida 9509, Buenos Aires. agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
stribuição: A. Zambardino — Rua apitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569 blicidade: M. Gonçalves da Silva Rua 15 de Novembro, 228, 5º dar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

SSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
simples — Um ano .... Cr$ 250,00
meses .... Cr$ 125,00
strada — Um ano .... Cr$ 2[illegible]0,00
meses .... Cr$ 140,00

SSINATURA PARA O EXTERIOR
strada — Um ano .... Cr$ 400,00
meses .... Cr$ 200,00

número avulso custa Cr$ 5,00 em do o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

correspondência deve ser endereça-o Diretor. O corpo de colaboradores EVISTA DA SEMANA está organiza-Só publicaremos colaboração solici-pela redação. Não devolvemos ori-s, mesmo quando não publicados. abalhos assinados são de responsa-de dos autores. Êste número tem 76 páginas.

Sesta

JOEL SILVEIRA

Desenho de FORTUNA

FUI procurar um amigo importante, lá na sede do Jockey Club, e quando cheguei na sala principal o que vi foi uma espécie de dormitório improvisado, com uma porção de gente visìvelmente rica e bem almoçada se estirando nos sofás e poltronas. Cochilavam quase todos; alguns roncavam até; e outros, cismarentos e derreados, se inclinavam perigosamente nos assentos fofos, os pés indolentemente horizontais, o colarinho folgado e a gravata empurrada para um lado.

Identifiquei uns quatro ou cinco, todos de haveres bojudos, mais ou menos magnatas em tal ou qual setor, cavalheiros de grandes posses e mil negócios. O amigo com quem comentei o imprevisto daquele espetáculo bocejante e sonolento, me informou, então, que dormir depois do almôço, nas poltronas e sofás da sede, era um dos "chics" da associação. E de quanto mais espaço dispusesse o sócio para a sua sésta digestiva, mais estaria afirmando a sua condição de dono da vida.



Contaram-me mais que, quando o almôço vai acabando, a corrida em direção aos acolchoados da sala de leitura é um "vale tudo" afobado e guerreiro. Cada um quer pegar o lugar melhor, a poltrona mais ampla, o sofá mais privilegiadàmente colocado. A maioria dorme mesmo de verdade, farta e madraça. Mas há também os que apenas fingem, e lá ficam uma hora inteira de ôlho fechado e espírito vivo, estòicamente submissos à escravidão do "chic".



Sento-me, enquanto espero, num canto da sala, entre um senhor ventrudo e rosado que ronrona como um gatão de borralho, e um rapaz magro, pescoço fino enforcado num colarinho justíssimo, e cujo sono é uma sucessão aflitiva de esgares, estremecimentos e caretas. Vem de longe um barulho de talheres; e chega da rua, surdo e torvo, o rumorejar suado da multidão comum.

Chego à janela e fico a olhar o povaréu apressado que vai e vem, em ondas. O lotação raivoso quase pega o homem de azul-marinho que quis tentar o resto de verde do sinal; e passa arrastando os pés descalços a mulher de rosto cavado e vestido em farrapos, seguida por uma ninhada de crianças sujas e quase nuas.

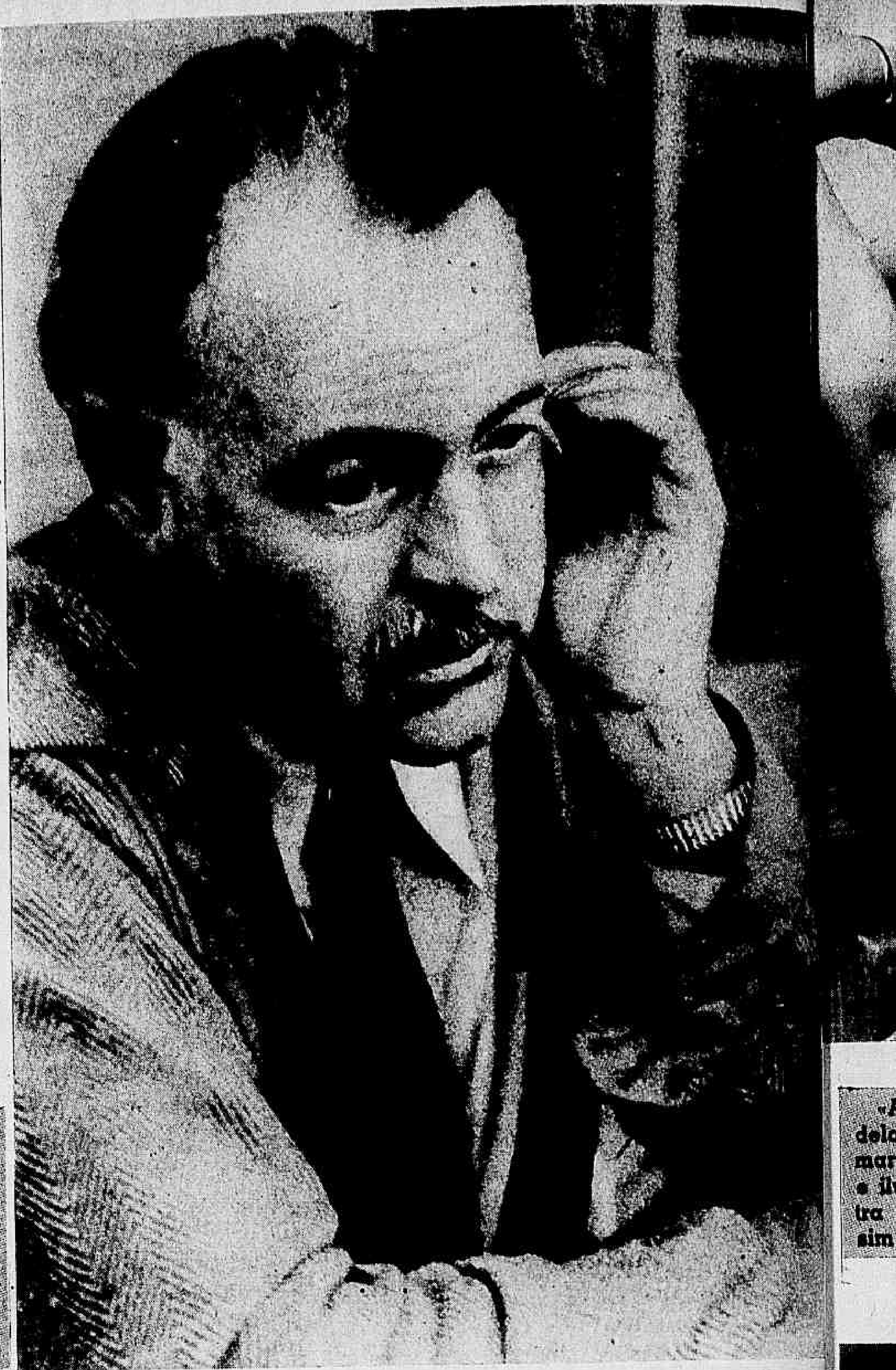
Atrás de mim, a riqueza empanturrada boceja e ronca. E o senhor ventrudo mergulhou tanto no seu sono milionário que uma baba de gôzo já lhe escapole por um dos cantos dos beiços mole — bada dos mais puro ouro sobrando, descuidada, de inesgotáveis entranhas.



Por êsse Mundo de Deus



Marina de Poliakoff, irmã de Odile Versois, é uma parisiense de 16 anos, e que faz sua estréia no cinema na Itália, sob a direção de Giuseppe de Santis, em um filme intitulado «Dias de Amor».



INSTANTÂNEOS

HAILÉ SELASSIÉ NA INTIMIDADE

Um cineasta italiano roda em Adis Abeba um documentário em côres sôbre a Côrte Imperial de Selassié, sendo a primeira vez que um imperador da Etiópia consente que a intimidade de sua residência seja filmada.

ENTÊRRO COM MÚSICA

No Piemonte, Itália, acaba de ser construido o primeiro carro fúnebre musical, isto é, um carro dotado de um mecanismo especial que age sôbre uma série de discos. Durante o transporte daquele que se foi, os discos tocam músicas de Schubert, Chopin e Lizst. Não há escolha.

"THE ROBE"

"A Túnica", o esperado filme americano em 3 dimensões (cinemascópio) decepcionou a França. Dêle disse G. Charensol, crítico de cinema de "Nouvelles Littéraires": "O tédio compacto que emana dêsse interminável filme nos faz correr o risco de ser injustos com um processo do qual a formidável publicidade nos afirma que, com êle, começa uma era nova para o cinema".

E Claude Mauriac, crítico do "Figaro Littéraire", assim se exprime: "Nunca o mau gôsto e a frivolidade de Hollywood me arrasaram tão totalmente"

OS SINOS NÃO DOBRARAM

Na primeira grande guerra, o romancista americano Erne Hemingway, 55 anos, serviu primeiro como voluntário em um unidade de ambulâncias na França, transferindo-se mais tard para o exército italiano onde foi (muito) ferido em combat depois da guerra, participou da desenfreada boémia paris se; na segunda guerra, passou dois anos patrulhando para EE.UU. as costas cubanas em seu próprio barco, voando tam bém, em diversas missões, com a R.A.F., acabando por m char com as tropas aliadas que recuperaram Paris. Uma vid como se vê, de perigos. Sem falar nas suas caçadas, nos esportes e nos seus quatro casamentos.

A semana passada, finalmente, as agências telegráficas m taram Hemingway e o ressuscitaram três horas depois. Na v dade, o grande escritor e sua espôsa haviam sofrido dois des tres de aviação em dois dias, na Uganda e no Sudão, mas caparam de ambos com ferimentos leves. Mas as agências ficaram nisso: no dia seguinte ao desmentido, publicavam d clarações que Hemingway teria feito ao chegar salvo a Ent na Uganda («Vou correr o mundo, conhecer as novas pros tas da sociedade, os desclassificados», etc.), declarações e de velhíssimas entrevistas do autor de «Adeus às Armas».



«A MAIS BELA FALSA SUL-AMERICANA DE PARIS» — O nome dela é Martine Revel, tem 22 anos de idade, é parisiense de Montmartre, e acaba de vencer o pitoresco certame. Pitoresco para êles e ilustrativo para nós, gente de «lá-bas», pois o concurso nos mostra de como Paris imagina as «señoritas» da América Latina: assim como a esfogueada moça da foto. (Foto «Agip»).

A CARICATURA DA SEMANA







UM CASAMENTO QUE REÚNE OS MAIS ILUSTRES ANTEPASSADOS

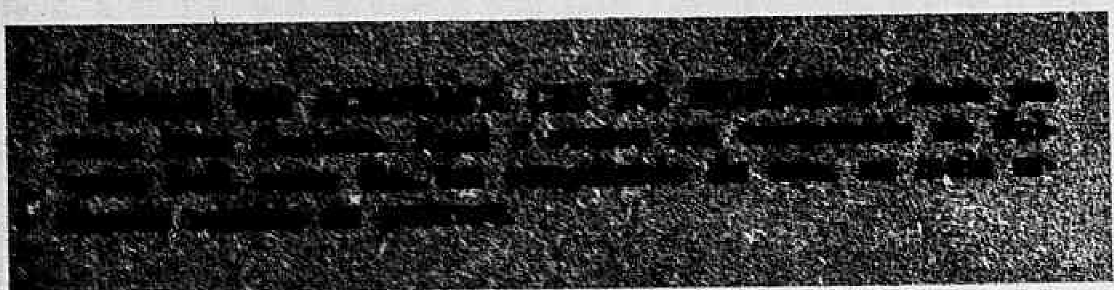
A princesa Margarida de Savoia-Aosta casou-se na quatro vêzes centenária igreja de Brou, França, com o arquiduque Roberto da Austria, casamento que veio pôr fim a uma velha animosidade entre a Casa de Saboia e a Casa de Habsburgo. Margarida de Savoia tem 23 anos. Seu pai, o duque d'Aosta era filho de Helena de França e neto de Vitor-Emanuel. Atrás de sua vida, há muitas outras vidas que fizeram a história do mundo.

Roberto de Habsburgo, de 38 anos, é filho de Carlos I, imperador da Austria-Hungria, o último soberano da monarquia austro-húngara. Quando a república austríaca foi proclamada, foi êle confiá-lo à Inglaterra, que o enviou para a Ilha da Madeira, em 1922, onde o ex-soberano morreu na miséria. Em companhia de sua mãe, Roberto de Habsburgo passou sua infância na Espanha. Tem primos em tôdas as côrtes da Europa.



A última novidade em matéria de coquetéis foi lançada agora por uma fábrica de bebidas alemã. Trata-se de uma garrafa tríplice, contendo três qualidades de bebidas diferentes que cada um mistura a gôsto para o seu coquetel individual. (Foto APLA).





[illegible]

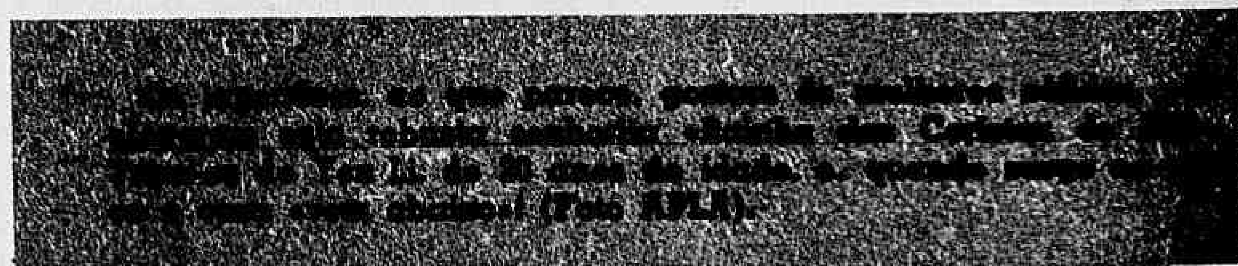
O ÚLTIMO LADRÃO ELEGANTE

O velho barão Sigmond Felice Paolo Jarnutowski, acaba de entrar na sala de julgamento, em Como, acusado de ter furtado em um hotel de Bellagio um colar de pérolas falsas, um par de brincos de ouro e dois maços de cigarro.

Que decadência! O barão Jarnutowski, polonês de nascimento, tendo estudado nos melhores colégios de sua terra e na Academia de Agricultura de Berlim, viveu pelas grandes capitais da Europa uma vida de ricaço, tendo iniciado em 1901 suas atividades de gatuno elegante. «Não fiz isso, disse êle a um repórter, apenas por dinheiro, mas para conquistar os mais belos olhos da Europa».

O barão, ainda nobre em todos os seus gestos e palavras, hoje com setenta e cinco anos, já sentenciado várias vêzes, foi condenado dessa vez a três anos e seis meses de prisão por furto continuado.





[illegible] (Foto KEYSTONE).

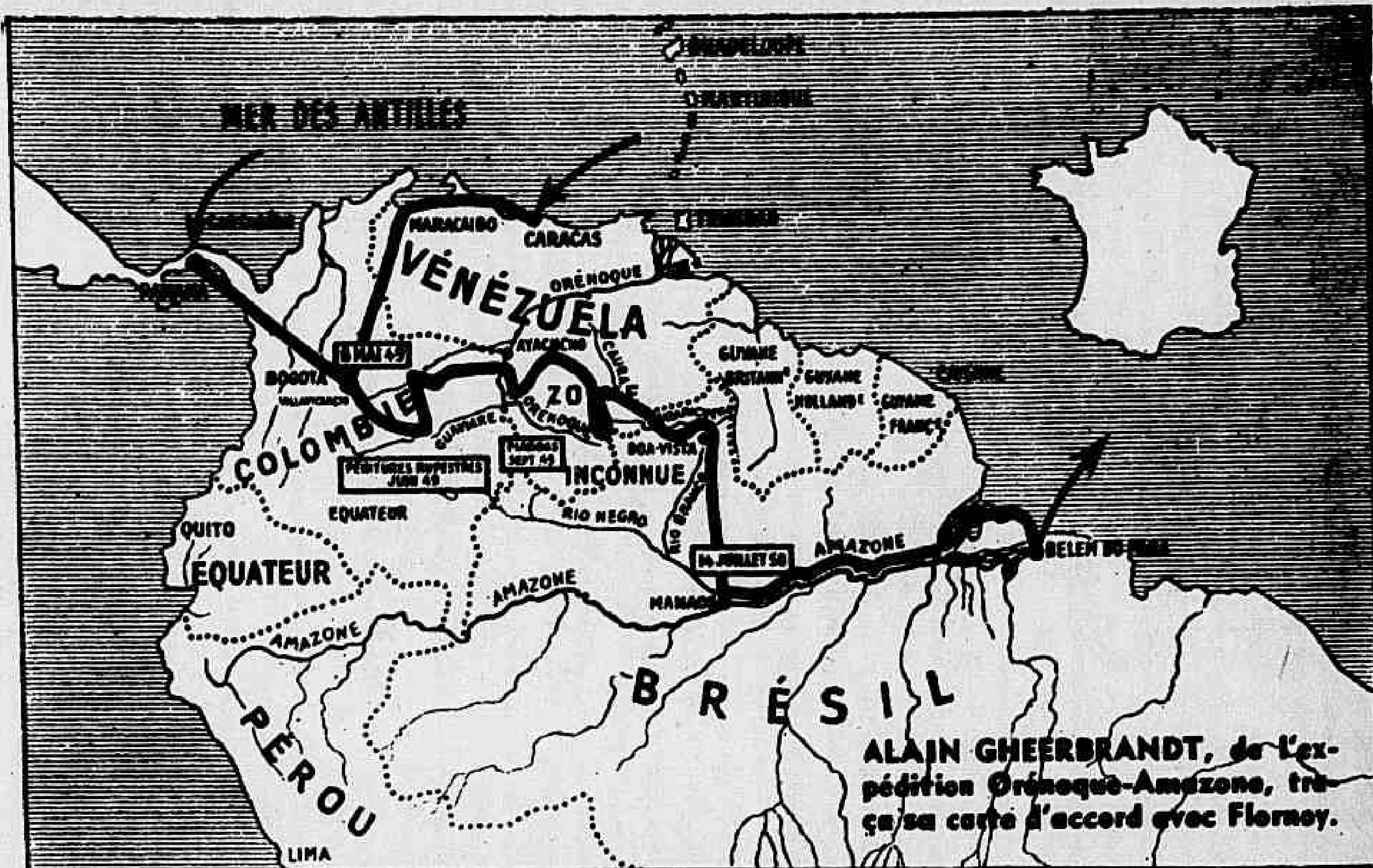


Por êsse *Mundo* de Deus

[illegible] em Hove, Inglaterra, [illegible] Brighton, a fim de gozar [illegible] um sol quente sôbre as costas. Entretanto o tempo [illegible] (Foto KEYSTONE).

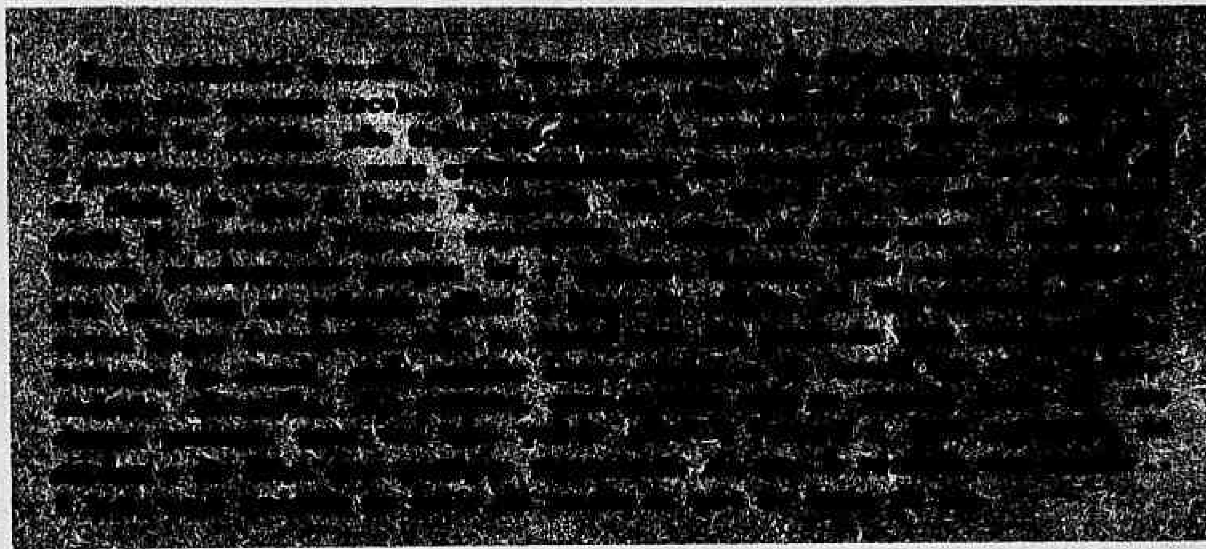
O BRASIL FORA DA BARRA

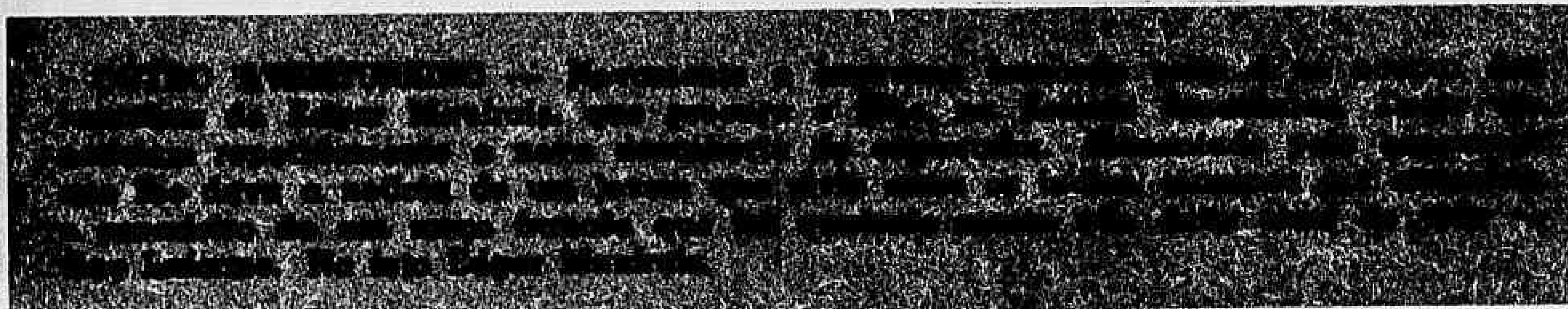
COURTEVILLE: "L'AMAZONE N'A PAS DE SOURCES!"



ALAIN GHEERBRANDT, de l'expédition Orénoque-Amazone, traça sa carte d'accord avec Florney.











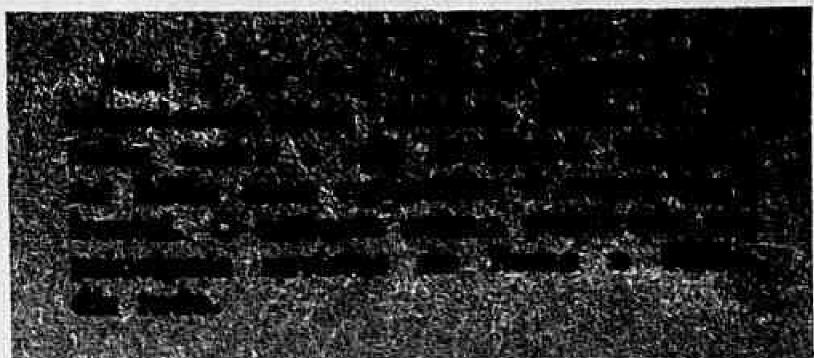
date caffè ai bambini!

Ai bimbi piace il caffelatte scuro, ma il caffè fa male. Accontentateli aggiungendo al latte un po' di Miscela *La Vecchina*. Sana igienica miscela di pura cicoria, orzo e melassa. Rende il caffelatte scuro e squisito e costa 1/5 del caffè.

La Vecchina si usa da 80 anni.



LA VECCHINA



CEM MIL PESSOAS GRITANDO NO MARACANÃ:

É O MAIOR! É O MAIOR

O FLAMENGO RECEBEU A FAIXA DE CAMPEÃO CARIOCA EM MEIO A UMA DAS MAIS FORMIDÁVEIS FESTAS ESPORTIVAS JÁ VISTAS NO RIO.

Fotos de A. VIEIRA e A. MIRANDA

Reportagem de LEVY KLEIMAN



O maior estádio do mundo, o Maracanã, foi palco da mais bela festa do futebol brasileiro, porque num só espetáculo foram vividas inúmeras páginas da história esportiva carioca e nacional.

Na consagração dos campeões cariocas de 1953 confundiram-se várias épocas do progresso futebolístico do Brasil, um autêntico retrato de corpo inteiro do selecionado nacional.

Nunca a torcida tivera a oportunidade de presenciar numa só parada que demorou cêrca de duas horas tantos ídolos de ontem, hoje e amanhã do Flamengo assim como do «scratch» representativo do futebol brasileiro nos compromissos internacionais, além da nota emocionante da despedida de um craque profissional que deu tudo pelas côres do seu clube, Biguá.

O Flamengo apresentou as suas três épocas, o zagueiro Galo, médio do primeiro time campeão da cidade pelo rubro-negro em 1913, os heróis da campanha do tri-campeonato de 42-43-44 capitaneados por Domingos da Guia, o mais famoso zagueiro nacional, e os campeoníssimos de 53, capitaneados pelo extrema canhoto, Esquerdinha.

O futebol brasileiro estêve presente com três comandantes representativos de páginas brilhantes no cenário internacional, Artur Friedenreich, o homem que deu a vitória no campeonato sul-americano de 1919, Leônidas da Silva, o diamante negro, o homem-borracha, o vencedor da Copa Rio Branco de 32 em Montevidéu, o sensacional artilheiro da Copa do Mundo



Jaime de Carvalho, chefe da torcida rubro-negra, representou na festa o torcedor inveterado do C. R. do Flamengo.



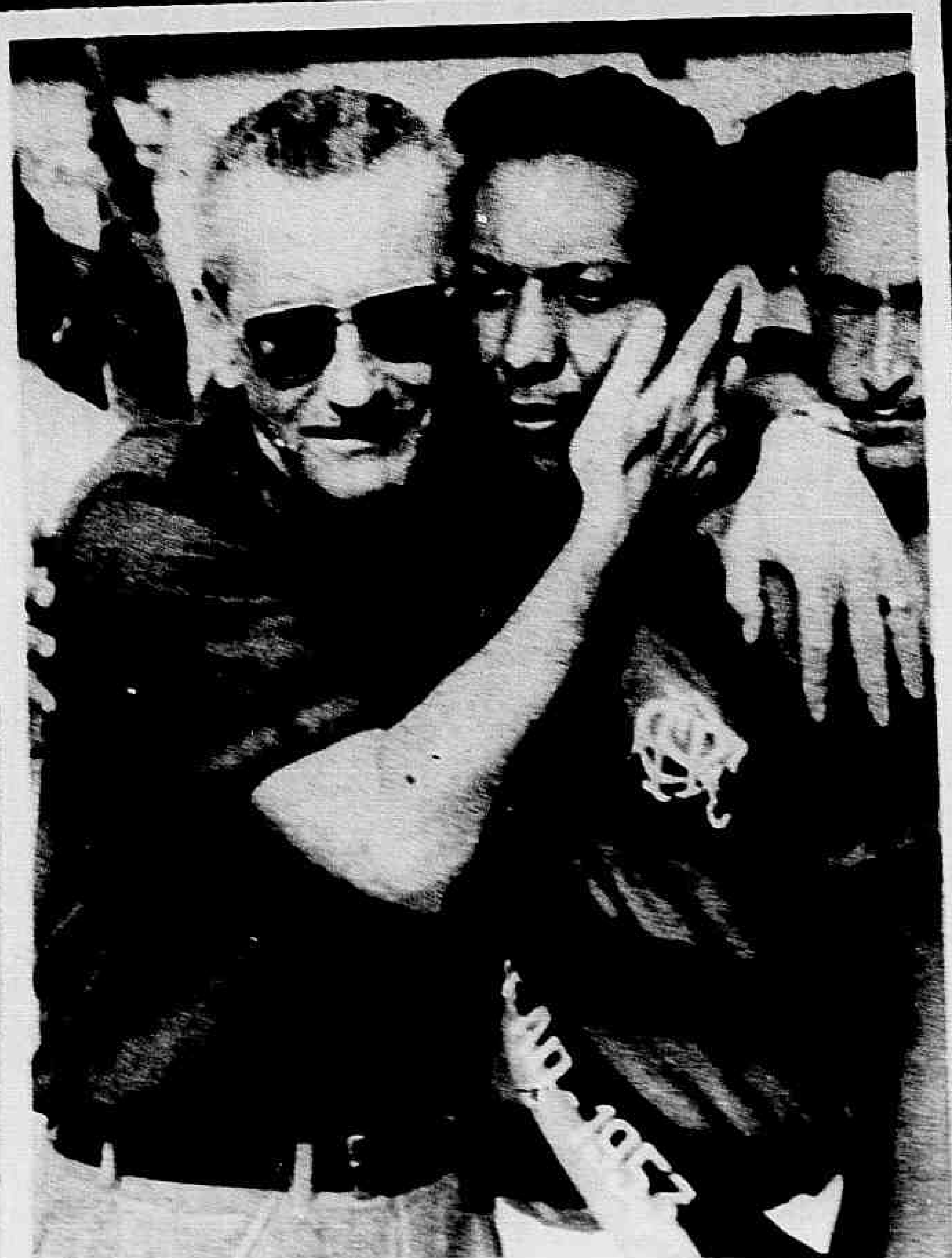


A «charanga» de Jaime de Carvalho abriu o desfile dos campeões, e um auto-giro trouxe a bandeira ao Maracanã.





Os três maiores centro-avantes brasileiros de todos os tempos: Leônidas, Ademir e Friedenreich.



Ari Barroso, torcedor nº 1 do Flamengo na televisão, foi colocar a faixa de campeão no comandante Índio.

Dois campeões sul-americanos de 1919, o zagueiro Píndaro e o goleiro Marcos de Mendonça, voltaram a se encontrar depois de terem descalçado as chuteiras há muitos anos.



Os jogadores do Botafogo fizeram a guarda de honra para a entrada no Maracanã dos campeões de 53.



Mme. William Kepler de Santa Rosa coloca a faixa de campeão em Esquerdinha, capitão do time e seu marido.



Ao alto, o instante da entrega do pavilhão nacional a Zezé Moreira, e em baixo o goleiro Garcia enfaixado.





FLAMENGO

de 38, na França, e finalmente o mais notável atacante de todos os tempos, Ademir Marques de Meneses, o homem do «rush» impressionante e dos «goals» impossíveis, campeão pan-americano de 51, artilheiro-mor da Copa do Mundo de 50.

Também os campeões pan-americanos de 52, os jogadores que conquistaram o primeiro título internacional fora das canchas brasileiras, abrilhantaram a tarde festiva do esporte no dia do aniversário da cidade.

O espetáculo teve três atos e uma apoteose. Começou com o desfile comemorativo pela conquista do título de campeoníssimo pelo Flamengo, tendo à frente os dois representantes da torcida, os chefes Jaime de Carvalho e Rildo Feijó, como uma homenagem e gratidão à grande torcida rubro-negra. Depois, representando a época mais antiga do futebol do Flamengo, o campeão do passado, Armando de Almeida (Galo). Em seguida, representando a fase de ouro, os tri-campeões da cidade de 42-43-44. Fleitas Solich, o comandante da vitória de 53, iniciou a entrada em campo dos campeões da temporada, ao som de clarins. Em seqüência os padrinhos e madrinhas entregaram as faixas de campeoníssimo aos campeões. O primeiro a recebê-la foi o veteraníssimo massagista Johnson. O médio Servílio, que veio do futebol paulista para cobrir o claro deixado pelo médio Jadir, recebeu a sua faixa das mãos do seu irmão, o famoso centro-médio Brandãozinho, campeão pan-americano de 52. O zagueiro Pavão foi premiado pelo seu próprio pai, enquanto o Benitez, artilheiro-mor do campeonato de 53, foi agraciado pela sua espôsa. Fleitas Solich, o vitorioso técnico, teve a sua faixa colocada pelo homem que o trouxe para o Flamengo, o presidente da vitória, o mais fanático torcedor do clube, o médico Gilberto Cardoso.

A nota mais alta do ponto de vista emotivo foi, sem dúvida alguma, a despedida de Moacir Cordeiro, mais conhecido como o índio Biguá, legítimo símbolo da fibra rubro-negra, tri-campeão, um profissional que lutava como autêntico amador. As lágrimas correram pelo rosto do veterano médio antes mesmo de descalçar as suas chuteiras. Como homenagem à torcida deu o seu último chute na direção do público, atirou ao público que tanto o aplaudiu. Um torcedor ficou com a bola histórica. Depois, numa cena talvez inédita em campos cariocas, Biguá sentou-se no centro do gramado, rodeado pelos seus companheiros, os campeões de 53, e tirou as suas chuteiras, encerrando a sua carreira de «astro» das multidões. Chorou intensamente e depois, sob os aplausos da torcida, deu a volta olímpica no estádio, com os braços ao ar, e não conseguiu controlar-se e correu para o vestiário. Despedida emocionante.

O terceiro ato foi a apresentação do novo uniforme da seleção brasileira, que será estreado nas eliminatórias da Copa do Mundo de 54. Culminando com a vitoriosa campanha dos nossos confrades do «Correio da Manhã», foi escolhido, através um concurso de caráter nacional, o novo uniforme do «scratch» representando as côres da bandeira brasileira. Deram entrada no gramado, vestindo as novas camisas de amarelo-ouro e calções azul-cobalto, inúmeros dos campeões pan-americanos de 52: Sant... Ademir, Djalma Santos, Arati, Brandãozinh... Gerson, Didi, Julinho e o capitão Eli. Dep... foram chamados a integrar êste grupo os jog... dores rubro-negros convocados para o seleci... nado: Índio, Rubens e Dequinha. Em segui... o mestre de cerimônias, o locutor Oduval... Cozzi, fêz a chamada nominal dos campeõ... sul-americanos de 1919, que entraram em cam... ovacionados pela multidão. Em primeiro lug... o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, ... célebre fitinha roxa, depois Píndaro, Amilca... Neco, Bianco, Heitor e Friedenreich. Algu... carecas, outros barrigudos, o tempo marcan... nos atletas a sua vertiginosa passagem. Inco... porados, com lágrimas nos olhos, foram cu... primentar o técnico Zezé Moreira, campe... pan-americano de 52.

Finalmente a apoteose. Os cadetes da Ac... demia Militar das Agulhas Negras, dando um... nota de alto espírito cívico, fizeram a entre... do pavilhão nacional, trazido ao Maracanã p... um helicóptero, ao técnico Zezé Moreira, a fi... de que a Bandeira do Brasil passe a acomp... nhar no exterior tôdas as representações esp... tivas. O vitorioso preparador ao recebê-la dis... que êle e os seus comandados «tudo faria... para honrá-la e dignificá-la».

Ao som do Hino Nacional, com os jogador... em fila olímpica, e a multidão de pé, foi ergui... no mastro do estádio o pavilhão auri-verd... e os três maiores centro-avantes brasileiros ... tôdas as épocas, de mãos dadas, Fried, Leônid... e Ademir, fizeram a volta pelo Maracanã, s... o aplauso entusiástico da multidão, era a hi... tória do futebol brasileiro que corria pelo mai... estádio do mundo.



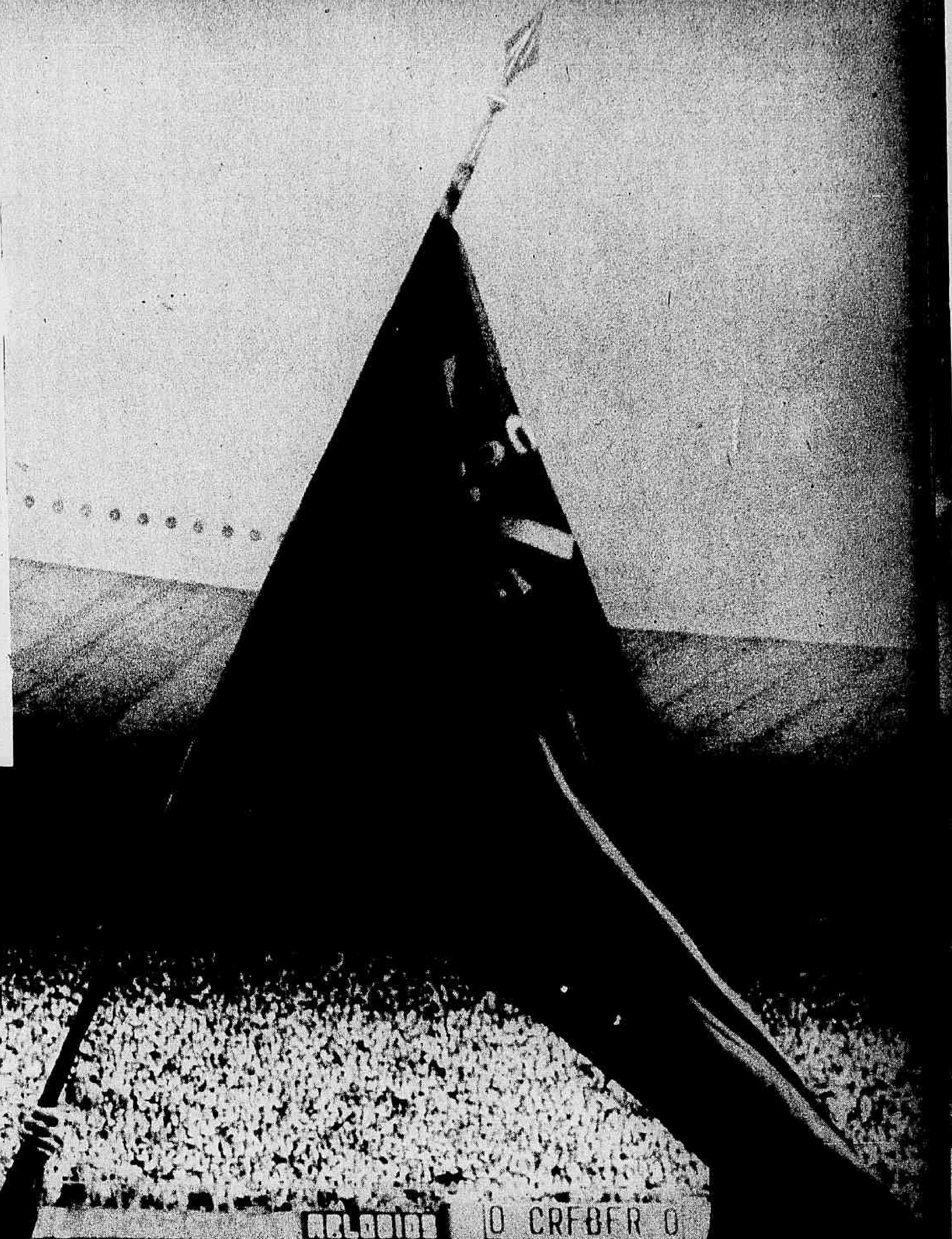
O estado-maior da vitória: Fadel Fadel, Fleitas Solich, Gilberto Cardoso, dr. Santiago e Aristeu Duarte.



O padre Campos Góis agita a bandeira rubro-negra em nome de S... Judas Tadeu e o seu adepto, Alves de Morais.



Biguá, depois de descalçar as chuteiras, encerrando a sua carreira de futebolista, deixa o gramado com lágrimas nos olhos.



O veterano médio Galo, com a Bandeira do Flamengo, representou no desfile a primeira geração dos campeões

1. Partidos políticos presos ao aparelho judiciário.
2. Imigração discriminada.
3. Cooperativas controladas pelo Estado.
4. Leis antigreve vigorando.
5. Sistema sindical impôsto pelo Estado Novo.
6. Ensino exigindo democratização.
7. Fechamento do Partido Comunista.
8. Analfabetos e militares não votam.

O entusiasmo arrefeceu. O delírio virou decepção. E aquelas gloriosas [...]o cam[...]

COMO FAZ[...]



[...]iosas [...] campo do Vasco não são mais possíveis.

A nossa maneira de fazer democracia é única no mundo. Vivemos, nós, cidadãos de uma democracia, com a nossa ação e os nossos direitos limitados por leis fascistas, impostas pelo ditador em pleno Estado Novo.

★

A maioria dos famosos decretos-leis do sr. Getúlio Vargas continua vigorando, em choque com a Constituição de 46, pràticamente despida de leis complementares. Não basta afirmar que vivemos numa democracia — é preciso anular as condições que fazem dessa democracia um regime de liberdade aparente.

O sr. Getúlio Vargas se foi, voltou e encontrou muita coisa deixada por êle. Deixou um estado fascista e encontrou um estado democrático. Evidentemente, o paralelo resulta confuso.

PARTIDOS POLÍTICOS

NA França, sete pessoas se reúnem e resolvem formar um partido político. Têm êsse direito. Fazem o registro como qualquer entidade civil, organizam estatutos e programas como bem entendem e fazem o que melhor lhes parecer. O mínimo de sete pessoas é apenas uma questão de direito civil. Isto é democracia.

Na democracia brasileira, os partidos políticos estão presos ao aparelho judiciário. O Código Eleitoral fixa a sua organização e registro, os órgãos que deve ter, a possível aliança com outros partidos, a violação dos deveres partidários, como organizar a contabilidade e as finanças, a suspensão de funcionamento ou cancelamento do registro e que espécie de propaganda pode fazer.

Como primeira condição, é preciso provar que tem 50 mil eleitores. Com isto, pretende o Código exigir uma importância inicial e compulsória, evitando que agrupamentos sem expressão participem da vida política. Mas a importância de um partido político é questão que só a êle interessa e a sua maior ou menor participação na vida política não deve ser imposição — a sua própria importância fixaria essa participação.

As reformas de estatutos e programas estão sujeitas à aprovação do Tribunal Superior Eleitoral, bem como os estatutos e programas iniciais.

IMIGRAÇÃO DISCRIMINADA

A não revogação da legislação discriminatória da imigração é um dos erros mais graves da experiência democrática brasileira. Temos uma política imigratória bombástica, meio fascista, meio irresponsável, tôda complicada. Nos países sul-americanos, a média do tempo para naturalização é de 2 anos — no Brasil é de 6 anos.

A discriminação na política imigratória começou com a Constituição de 1934, pelo princípio da limitação ou regime de quotas. Onze dias antes de deposto, a 18 de setembro de 1945, o sr. Getúlio Vargas assinou o decreto-lei nº 7.967, que mantém o regime de quotas. É o que vigora ainda hoje, apesar da Constituição de 1946 não falar em política imigratória com discriminação.

O decreto estabelece, para cada país, uma quota anual de 2 por cento sôbre o total de imigrantes no período de 1884 a 31 de dezembro de 1933. Significa que a Itália, por exemplo, pode mandar, por ano, 2 por cento sôbre o total de italianos vindos para o Brasil naquele período.

Para a composição étnica da população brasileira, aponta a ascendência européia como de características mais convenientes, evidenciando o propósito de boicotar a imigração amarela.

LEIS E COOPERATIVAS

É através do cooperativismo que se espera superar o capitalismo, estabelecendo primazia do trabalho sôbre o capital com um processo democrático. A nossa legislação cooperativista (com decretos-leis de 1932, 1938 e 1945, ainda não revogados) foi tôda feita para submeter as cooperativas ao contrôle do Estado, anulando-as.

Reguladas por decretos-leis assinados pelo sr. Getúlio Vargas na fase anterior, inclusive como ditador, funcionam as nossas cooperativas cingidas a um cinturão de obrigações para com o Estado, representado pelo Serviço de Economia Rural, do Ministério da Agricultura. O processo de contrôle é o seguinte:

1. Mensalmente: cópia do balancete do mês anterior;
2. Mensalmente: demonstração das operações de crédito ativo efetuadas no mês anterior, nas cooperativas de crédito ou que possuam seções dessa natureza;
3. Semestralmente: lista nominativa dos associados, com declaração de nacionalidade, idade, profissão, estado civil, residência. Quando a sociedade tiver capital, a discriminação das respectivas quotas-partes;
4. Anualmente: cópia do balanço geral, acompanhada da demonstração de lucros e perdas, do parecer do Conselho Fiscal e de um exemplar do relatório. Isto tem que ser feito 15 dias antes da assembléia de prestação de contas;
5. Estatutos padronizados, com modêlo traçado por lei.

O incentivo é nenhum. Apenas as cooperativas de produção agrícola e de consumo são

[...]OS DEMOCRACIA

Reportagem de NEWTON CARLOS

COMO FAZEMOS DEMOCRACIA







Planos, reformas, novos planos e reformas, mas a democratização do ensino ainda não foi possível.

isentas de impôsto. As demais são isentas apenas do impôsto de renda. E as cooperativas de produção industrial não têm isenção nenhuma.

As nossas cooperativas são reguladas pelo decreto-lei 22.239, de 19 de dezembro de 1932. Em agôsto de 1938, o sr. Getúlio Vargas assinou um novo decreto, o 581, mas a reação obrigou-o a revalidar as condições antigas. Fêz isto em 1945, pouco antes de deixar o govêrno. Pelo decreto de 1938, as intervenções nas cooperativas seriam incidentes diários.

A fiscalização das cooperativas é feita de acôrdo com o decreto 6.890, de 19 de março de 1941, do Estado Novo, portanto. Cabe ao ministério da Agricultura, através do Serviço de Economia Rural, fazê-la.

LEIS ANTIGREVE

A Constituição de 46 garante o direito de greve. Mas até hoje não se fêz lei complementar, regulando êsse direito. O direito de greve, em processo democrático, continua a não existir na democracia brasileira.

Um ano depois de eleito, o govêrno Dutra promulgou o decreto 9.070, ainda hoje vigorando, como pretensa regulamentação do direito de greve. Na realidade, negava êsse direito — pelo decreto, sòmente depois de esgotados todos os recursos, passando por tôdas as instâncias de Judiciário, é que a greve é presumìvelmente permitida. Além do decreto 9.070, temos o Código Penal, de inspiração fascista, e os famosos «crimes contra a organização do trabalho». São os artigos de 197 a 207, do título IV.

Agora, preparada por comissão presidida pelo ministro da Justiça, será encaminhado à Câmara novo anteprojeto de regulamentação. Mas a reação contra êle já é enorme, por restringir ao mínimo o direito de greve.

Até agora, entretanto, tudo é suposição: a não revogação das leis antigreve é um êrro que a experiência democrática brasileira insiste em manter.

LIBERDADE SINDICAL

O nosso sistema sindical continua sujeito às mesmas leis do Estado Novo. Equivale a dizer que vivemos numa democracia onde não existe liberdade sindical.

São os mesmos sindicatos criados em 1931, com o decreto-lei 19.970. Os mesmos da reforma de 1934. Os mesmos que obedecem aos dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, de 1943. Os mesmos e ainda sujeitos ao aparelho governamental, como no Estado Novo.

Os estatutos continuam padronizados, ditados pela Consolidação, feita segundo a «Carta del lavoro», de Mussolini. Continuam as intervenções. Continuam o Serviço de Assistência Sindical, o Departamento de Orientação e Assistência Sindical, a Comissão do Impôsto Sindical e todo o Ministério do Trabalho, inclusive o ministro, como tutores oficiais do sistema sindical de uma democracia.

Um dos grandes erros da experiência democrática brasileira é a não libertação dos sindicatos do aparelho governamental. O impôsto sindical, antidemocrático porque compulsório, é mantido até hoje e até hoje continua sob o contrôle direto do ministério do Trabalho, através da Comissão de Impôsto Sindical.

Com o impôsto sindical, presenciamos as mesmas cenas do Estado Novo. Os festins demagógicos no estádio do Vasco, a cidade emplastrada de cartazes que fazem a propaganda governamental em todo primeiro de maio. E os mesmos grandes escândalos.

Uma nova lei sindical está na Câmara dos Deputados. Tira do Ministério do Trabalho todo o contrôle dos sindicatos, transferindo essa função para uma «Câmara Sindical». Estabelece o princípio da pluralidade sindical, básico numa democracia. Mas conserva o impôsto sindical, sinônimo de corrupção. O sindi[...] deve viver à base de contribuições dos [...]ciados. Sem o dinheiro fácil e polpudo [...] aventureiros se afastarão, dando a oportuni[...] que merecem os líderes sinceros, cujo [...] objetivo é fazer política sindical honesta.

Como estamos, o sindicato é um elem[...] estranho no regime vigente — e seu advers[...]

DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO

Para as comemorações de 7 de sete[...] de 1951, as alunas do Instituto de Educ[...] ensaiaram uma canção denominada «Saud[...] a Getúlio Vargas». Eis o primeiro verso:



A greve é um direito, ensina a Consti[...] Mas o fato é que as leis — anti-greve [...] não foram revogadas. O operário acima, [...]

Viva o Brasil
Vi-vô-ô-ô-ô-ô
Salve Getúlio Vargas
O Brasil deposita sua fé e esperança
No chefe da Nação.

«O Brasil deposita sua fé e esperança no chefe da Nação» é frase que andou nas paredes de todos os bares do país, durante o Estado Novo, como legenda de um retrato do ditador, que naquele tempo se confundia com média, pão e manteiga. A manifestação, preparada com a conivência do ministro da Educação, lembrava as manifestação ao ditador, também preparadas pelo seu ministro da Educação, sr. Gustavo Capanema.

A democracia brasileira ainda não cuidou da democratização do ensino. Os mesmos métodos de ensino (e à margem do ensino) introduzidos pelo Estado Novo, continuam na vida cotidiana das nossas escolas. As mesmas «paradas da raça» e os mesmos hinos de nacionalismo exacerbado. E o mesmo Ministério da Educação, como senhor absoluto.

Uma existência escolar viciada pela prática antidemocrática, não pode preparar cidadãos para a democracia. Ao contrário: coloca a democracia em posição ridícula, como querem os seus inimigos.

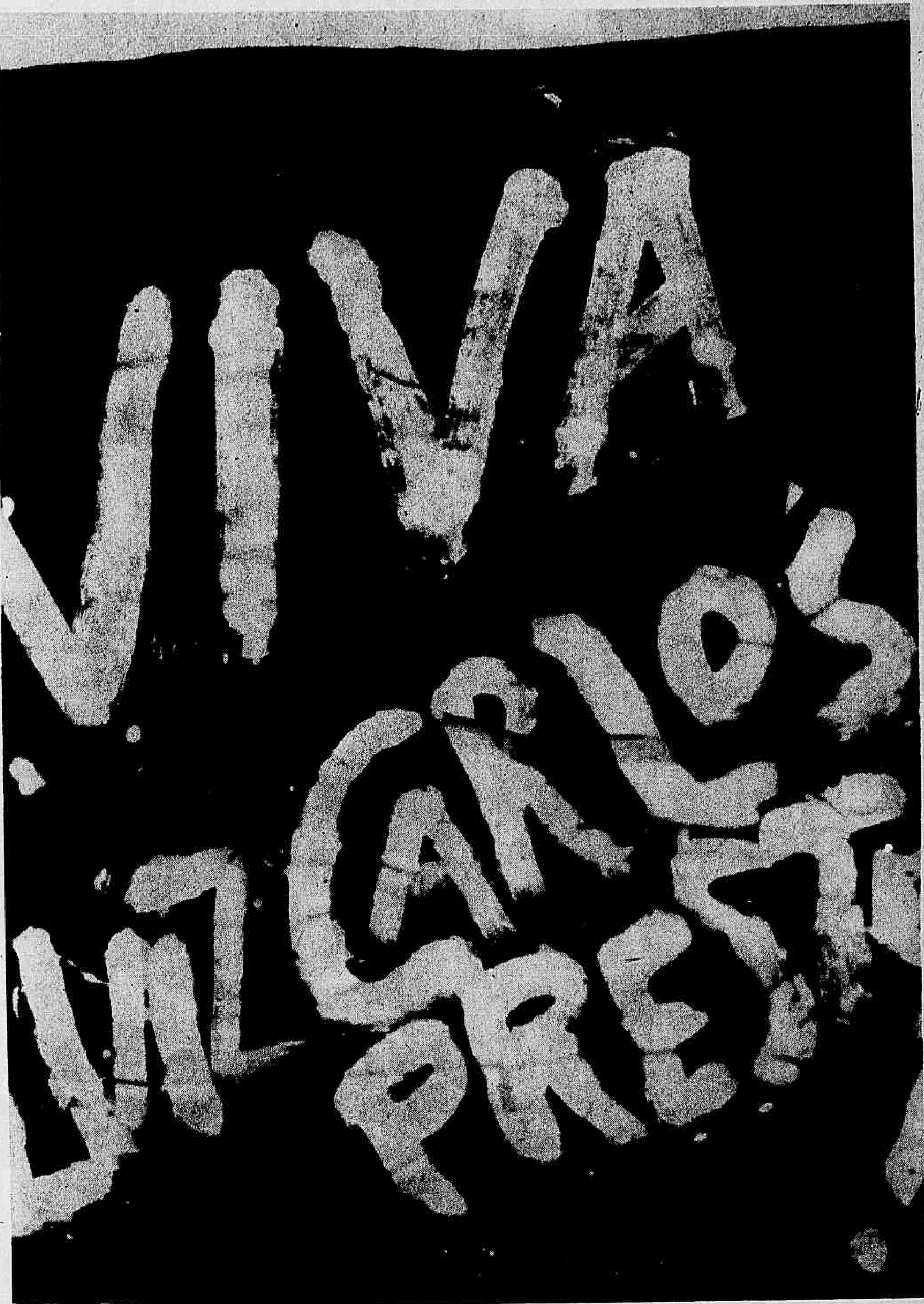
FECHAMENTO DO P. C. B.

O fechamento do Partido Comunista não foi apenas um êrro do ponto de vista da violação de princípios democráticos, mas essencialmente um êrro tático. Conseqüências:

1. Amputou parte da opinião pública da vida política do país;

2. Jogou o partido no terreno onde êle é dono absoluto, onde melhor vive — na ilegalidade;

3. Deixou campo aberto às manobras reacionárias, tôdas em nome de anticomunismo cego ou premeditado.



O êrro tático que representou o fechamento do Partido Comunista, só serviu para uma coisa: a integração do PCB na sua atmosfera ideal — a ilegalidade.



do pela polícia repressiva, acreditou no direito e esqueceu a revogação que ainda não houve... As conseqüências foram fatais.



A conseqüência desejada, embora demagógica, não atingiu à opinião pública — fechar partidos comunistas não prova que a democracia é melhor. A prova tem que ser conseguida na prática, em luta honesta, sem privilégios.

O fato é que o Partido Comunista continua existindo, como mártir de uma democracia traçada a linhas tortas, feito carta de matuto.

NÃO VOTAM

Analfabetos e militares subalternos (praças do exército, marinha e aeronáutica) não têm direito a voto na democracia brasileira.

Nas democracias onde o processo eleitoral acompanha as normas do regime, o soldado, cabo, sargento ou suboficial vota como qualquer cidadão. O direito de voto é o que há de mais sagrado numa democracia e não há de ser uma condição quase sempre transitória que irá impedir um cidadão de escolher dirigentes do país em que vive.

Outro êrro da nossa experiência democrátic é negar direito de voto ao analfabeto. O ana lfabeto existe como cidadão, sabe pensar muitas vêzes o que quer — é cidadão com outro qualquer. Apenas não sabe ler e escreve na maioria das vêzes por culpa do própri govêrno. Resultado: o govêrno lhe nega ins trução e ainda lhe tira o direito de voto, impe dindo que pense em um outro govêrno, ma amigo da instrução e dos analfabetos.



DECEPÇÕES E DESESPERANÇAS VÃO, AOS POUCOS, MINANDO O CONTEÚDO PRINCIPAL DA POLÍTICA CAUDILHESCA — AQUÊLE QUE REPOUSA NA CEGA CONFIANÇA DAS MASSAS NA PRETENSA INFALIBILIDADE DO PATRIARCA.

Rua do Catete 113

RENATO DE ALENCAR

MUITA gente, ao passar pela rua do Catete 113, se benze, (se é mulher) ou tira o chapéu, se é homem e ainda o usa. Às vêzes, também os homens fazem o sinal da cruz, persignando-se catòlicamente.

É que ali está uma capela de alentadas proporções, servindo de pórtico ao colégio Santo Antônio Maria Zaccaria. Muito poucos sabem que em modesta casa que ali havia, morou a maior figura do Brasil de todos os tempos: Irinêo Evangelista de Souza, o Barão e depois Vinsconde de Mauá.

Quando os homens enchapelados passarem por ali e suspenderem o velho enfeite de cabeça como sinal de respeito religioso, lembrem-se de unir a êsse sentimento a veneração a Mauá, pelo muito que fêz em favor do progresso do país, e, especialmente, do Rio de Janeiro. E quando as mulheres fizerem o sinal da cruz diante da fachada do templo da rua do Catete 113, recordem-se de que ali residiu o mais generoso e probo dos espíritos dêste país, um herói esquecido, confirmando-se o conceito de P. Hazard sôbre Lamartine: "La pente du chemin de l'oubli est la plus rapide", o que pode ser traduzido nisto: "É o mais rápido o declive na ladeira do esquecimento".

Não se compreende como a posteridade foi tão ingrata para com Mauá, o homem que se largou pelo mundo aos nove anos de idade, órfão de pai, analfabeto e sem vintém. Para não morrer de fome e ter um catre onde dormir, serviu como caixeiro de balcão em modesta casa de negócio aqui do Rio. Mas era tal a sua beleza dalma e tão vivo o clarão de seu espírito, que, em poucos anos, chegou a ser sócio de importante casa inglêsa do Rio.

Esta capital lhe deve os maiores benefícios, desde a fundação do primeiro **Banco do do Brasil**, à canalização das águas do Maracanã; da inauguração da luz e gás em substituição à do azeite de baleia, ao canal do Mangue; dos estaleiros e fundição da Ponta da Areia, à primeira locomotiva que puxou trem no Brasil; dos cortumes e fornecimento de carne verde, à indústria da luz esteárica; dos diques flutuantes, às primeiras obras de transformação urbana; do apoio que deu na vinda para o Rio dos capitais para a "Botanical Garden R. R. C." (Companhia de bondes Jardim Botânico), aos reiterados auxílios financeiros à Companhia Fluminense de Transportes, com o que tanto lhe prolongou a vida.

Dêle disse Rui Barbosa, apreciando-lhe as qualidades de grande conhecedor de economia política: "... um dos espíritos de mais alto tino e talvez o de mais profunda aptidão prática em assuntos financeiros que êste país já possuiu".

Mauá se impôs como diplomata à margem do Itamarati; como legislador, industrial, político, orador parlamentar, criador de riquezas nacionais, vivendo sempre com o facho do mais ardente ideal de progresso a arder-lhe na alma, sempre com os olhos e o coração dirigidos para o Brasil, sua emancipação econômica e sua supremacia em tôda a América. O mundo inteiro lhe rendia homenagens. A Inglaterra e os Estados Unidos o tinham na mais alta conta e reconheciam o seu prestígio. Mauá trazia sempre para sua pátria tudo o que via nos grandes centros da Europa. Muito sofreu. A inveja, o despeito, a guerra desleal, a falta de cumprimento de compromissos para com êle o levaram à falência. Mas nunca se entibiou. Era um estoico.

Morreu êsse gigante de energia e ação, a 22 de outubro de 1889, deixando no país e no exterior, grande seara de progresso e civilização, através de mais de meio século de lutas ciclópicas contra o atraso, a rotina e a má fé.

Quando passarem pela rua do Catete 113, reverenciem a memória do maior dos brasileiros.



MARCELINO DE CARVALHO: "A VIDA É MELHOR DO QUE SE PENSA"



UM DOS HOMENS MAIS «RAFINÉS» DO BRASIL DA SEUS PALPITES SÔBRE MULHRES, BEBIDAS, COMIDAS, ELEGAN-CIAS E SÔBRE POLÍTICA E O TRIVIAL VARIADO EM GERAL

Texto de FLAVIO PORTO

MARCELINO de Carvalho é um dêsses tipos que exala poesia sem ter nunca escrito um verso. Possuidor de um passado cheio de aventuras, vive hoje tranqüilamente na capital de São Paulo, escrevendo para o rádio e jornais. É um dos homens mais elegantes que o Brasil já conheceu, e também de melhor humor. Conheci-o nos corredores da rádio Record, sempre amável com todos, e com um sorriso e um apêrto de mão que sòmente um "gentleman" possui, principalmente quando êste é dirigido a um contínuo ou a um funcionário categorizado. Êle próprio foi quem nos contou: — "Fui menino bem comportado, tornando-me logo um rapaz perdido pelas más companhias (?), o que fêz com que meus pais me "exilassem" em 1920 para uma fazenda cuja beleza até hoje trago na memória — Corrego Rico. Formei-me em Direito sem saber ao certo por que, e em 1932 fui prêso pelas tropas getulistas que me suporam um "hungarez". Estou em vias de celebrar bodas de prata de solteiro em festas que durarão uma semana em Te Deum e tudo. Não me aposentei da boêmia, nem pretendo aposentar-me — "boêmio um dia, boêmia a vida tôda"... mas o que Marcelino de Carvalho não contou-nos mas viemos a saber, é que visitou a Linha Maginot (com Paulo Duarte), trabalhou durante quase tôda a guerra para a BBC de Londres, por simples diletantismo, com Lia e Geraldo Cavalcânti. Colaborou também na Columbia Brodcasting Sistem e na Paris Mondial, nessa última com o Di Cavalcânti. Quando lhe perguntamos se em França havia trabalhado em alguma coisa, respondeu-nos: "Sim, na Radiodiffusion Française, com o A. C. Callado, se é que isto pode ser chamado trabalho". Foi "profiteur de guerre", aliás assistiu a tôdas elas de perto, desde a primeira à segunda grande guerra, com passagem pela a da Abissínia, que êle classifica de "guerrinha". Depois de Raul Bopp, talvez seja o homem brasileiro que mais tenha viajado. Em suma, Marcelino de Carvalho é um dêsses homens que o Brasil tem e não sabe que possui, e portanto não pode deixar de figurar nessa série "os hom de bom humor".

P — Que pergunta gostaria que eu fizesse?

R — Nenhuma.

P — Mas o sr. me prometeu a entrevi

R — Então faça qualquer uma.

P — Qual a melhor coisa que pensa feito na vida?

R — Um Martini sêco. Com uma g de Orange-Bitters e óleo de lim queimado, é pirotécnico e gosto

P — Diga o nome de cinco pessoas q considera realmente pessoas?

R — As seis pessoas do verbo, menos "vós", que é formal e lírico.

P — O que acha dos carecas?

R — Juro suspeição.

P — Qual a melhor coisa da vida?

R — Comer bem em segundo lugar; é própria vida, que é muito mel do que se pensa.

ENTREVISTA PINGUE-PONGUE (com um homem de bom humor)

P — Quais as coisas de que tem mêdo?

R — Dor de dentes, dor de cotovelo, e letra de câmbio no dia do vencimento.

P — Se não tivesse nascido em S. Paulo, onde gostaria de ter nascido?

R — Em São Pedro, estação termal.

P — O que acha da atual política brasileira?

R — Para achar alguma coisa precisaria antes compreendê-la e admiti-la.

P — No Brasil há alguém que saiba receber seus convidados "comme il faut"?

R — Haverá convidados "comme il faut" no Brasil?

P — Diga o nome de três intelectuais realmente intelectuais em S. Paulo.

R — Não sei contar até três.

P — São Paulo é uma grande coisa?

R — São Paulo é uma coisa grande.

P — O que acha do rádio brasileiro?

R — São todos iguais, acho que é a única pergunta que posso responder com autoridade, pois sou professor no assunto.

P — Acha a crônica social uma coisa necessária?

R — Interessante para quem a faz de dentro para fora, pois do contrário não haveria o "vale por conta" no jornal que a publica.

P — Que atitude deve tomar o resto do mundo, ante as divergências políticas existentes entre os EE. UU. e a Rússia?

R — Não podendo cruzar os braços, deve arregaçar as mangas.

P — No Brasil existe algum clube "bem" como os de Londres?

R — Havia um — o Automóvel Clube de São Paulo; os outros são grêmios.

P — Qual a mulher mais mulher que existe?

R — Aquela que a gente já teve e ainda quer ter.

P — Se tivesse que organizar um jantar a pessoas supinamente entendedoras na arte de bem receber, que "menu" organizaria?

R — O mesmo que já tive em casa de Caio Pinto Guimarães — caviar do Irã, presunto de urso, e perdizes (grouses) escocesas.

P — O "champagne" é coisa de bom gôsto num jantar?

R — Com um "menu" assim, não.

P — Que bebidas são realmente bem indicadas para serem servidas depois do jantar?

R — Na ausência do velho "cognac", que seja o "armagnac".

P — Diga o nome de cinco mulheres elegantes de São Paulo.

R — Nessa você não me pega, porque teria de me haver com as outras cinco.

P — Qual foi o maior "gentleman" que conheceu?

R — O Joaquim de Souza Queiroz, mais conhecido por Pimpolho. Que classe.

P — Enfeitar um ambiente com folhagens e frutos é mais elegante do que com flores?

R — Mais elegante não. Pode ser mais típico ou pitoresco em certas ocasiões.

P — Se tivesse que viver numa ilha deserta e pudesse levar consigo dez mulheres, quais as que escolheria?

R — As sete de Barba Azul, duas que você bem sabe quais são, e uma que você nem imagina quem seja.

P — Qual a vantagem de ser solteiro?

R — Simplesmente não ser casado.

P — Quais os três maiores "bluffs" do Brasil?

R — O Descobrimento, a Independência e a República.

P — De agora em diante qual sua maior ambição?

R — Ser Josué e mandar parar o Sol.

— Quais as coisas mais belas da vida?

R — Uma esperança, um sorriso e uma saudade.

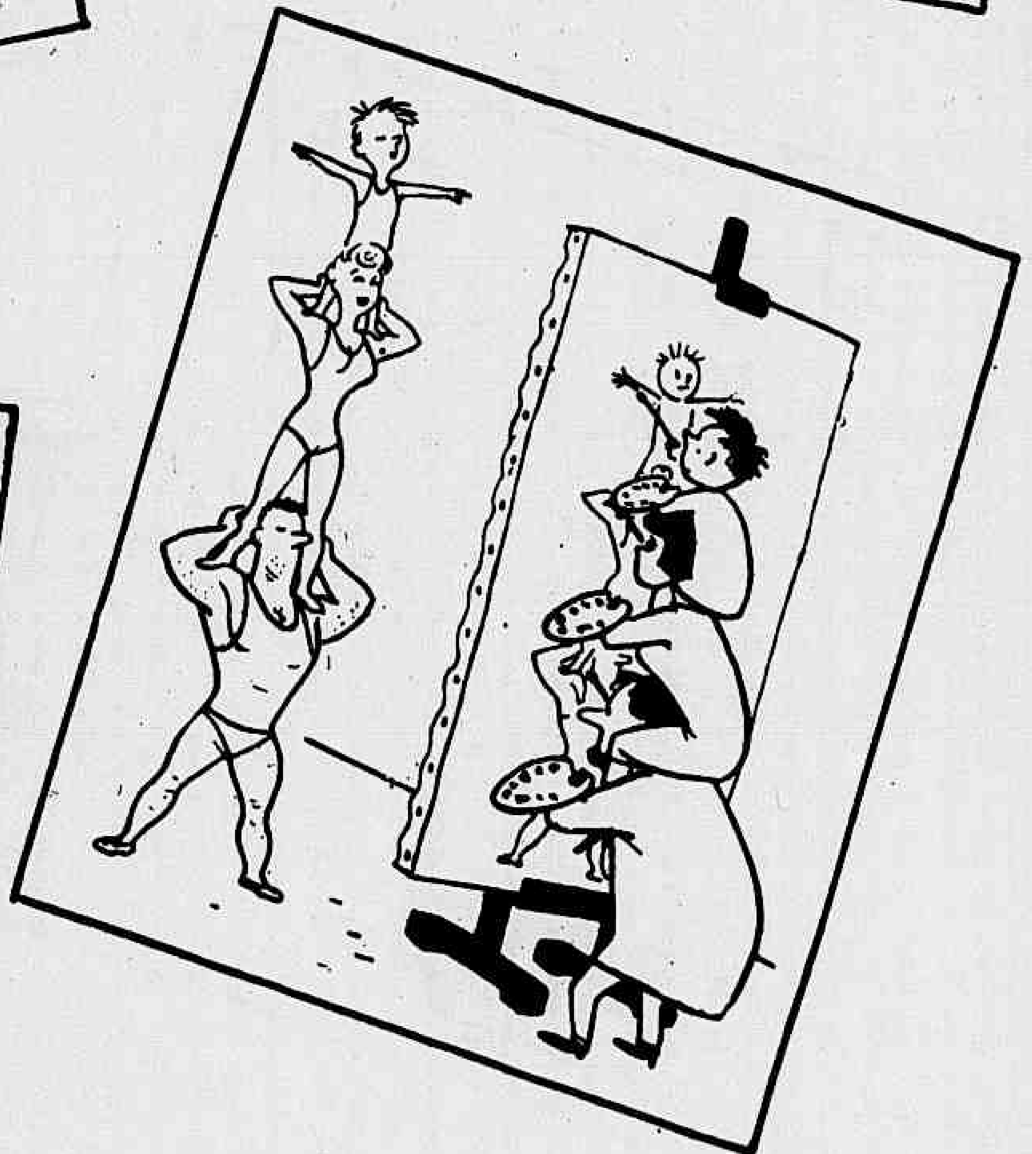




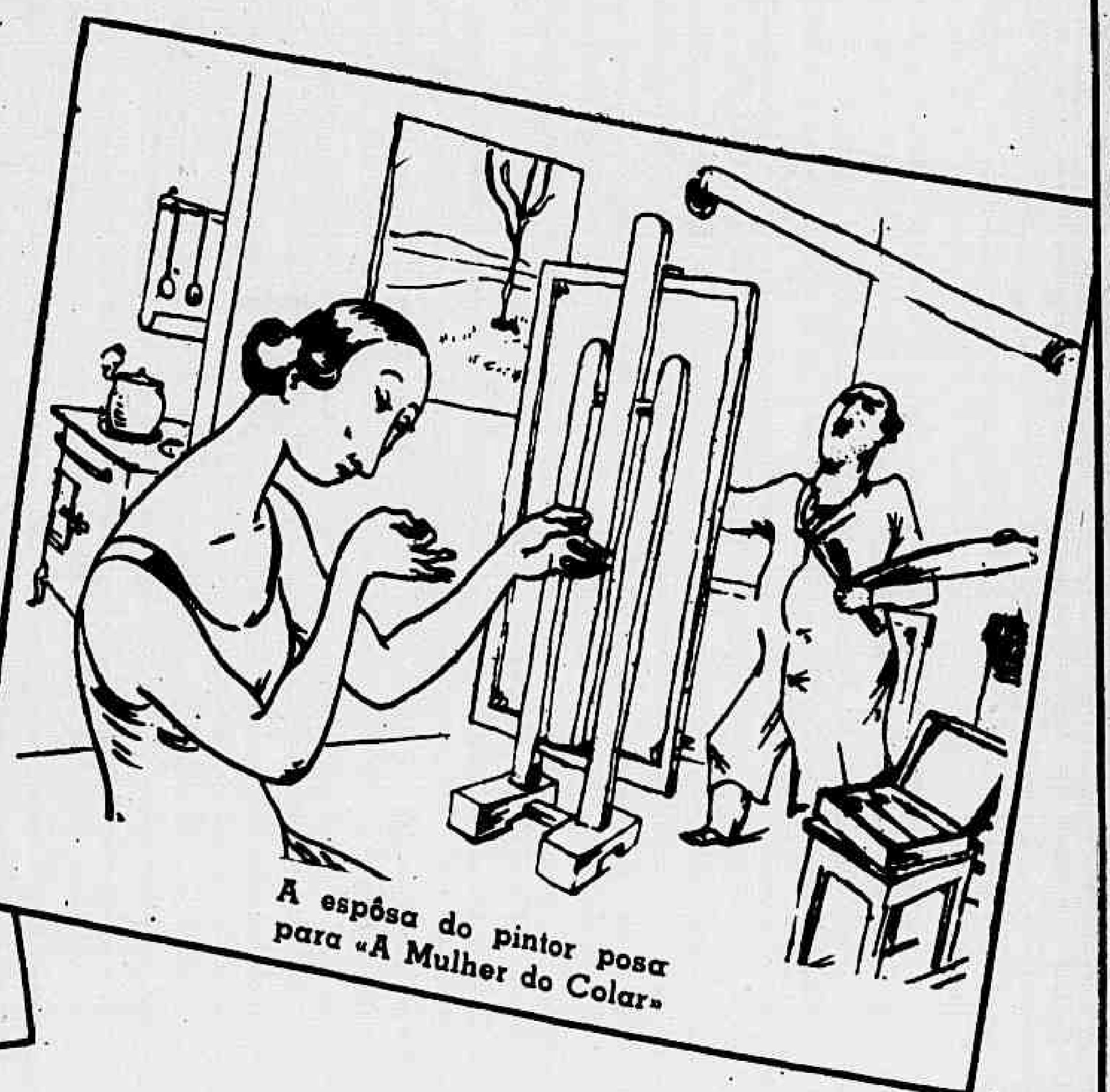




— Está bem, está bem, eu sou o guia do museu. Mas por favor, não me sigam.







A espôsa do pintor posa para «A Mulher do Colar»

O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS



— Isto é uma surprêsa! Não sabia que sua mãe era modêlo!



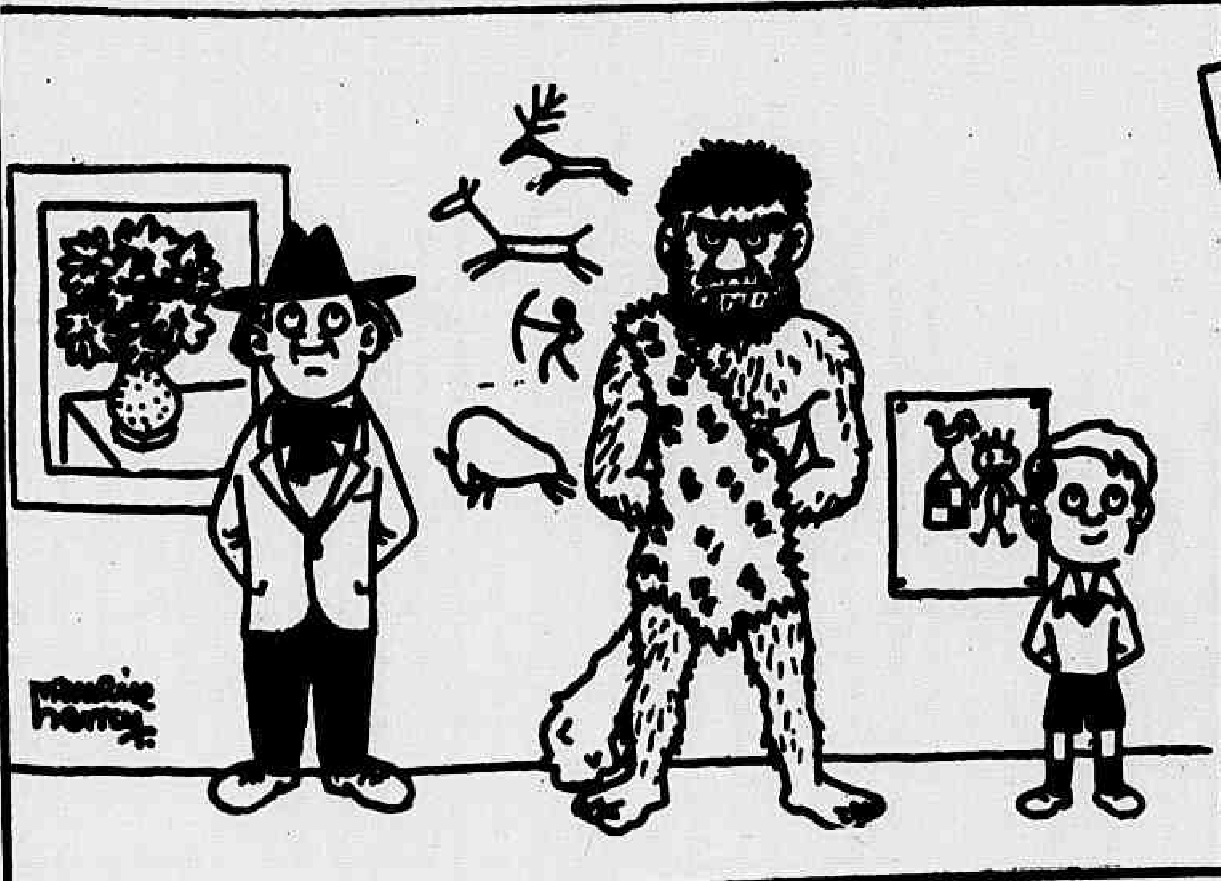
O público, na saída

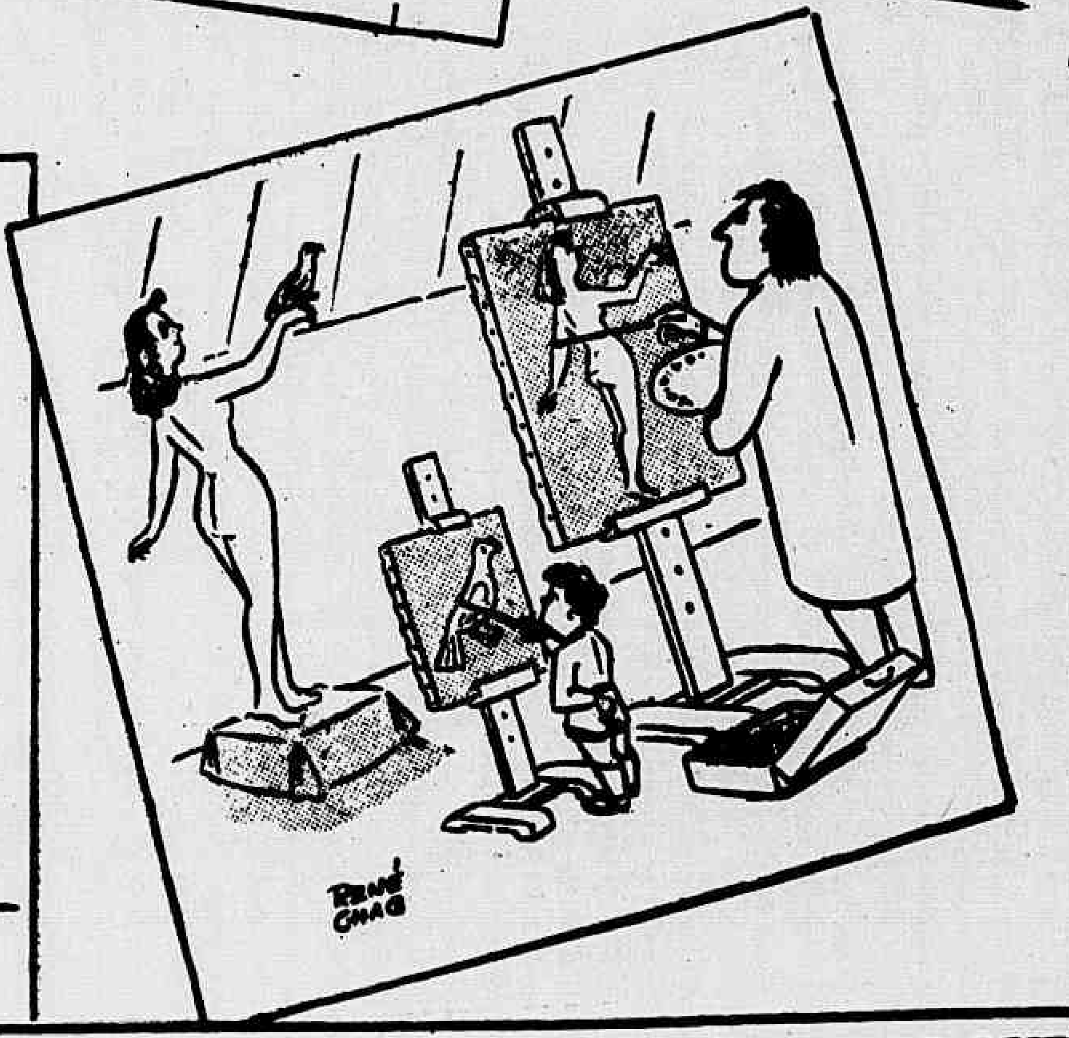


— E agora, está parecido?



— Cada vez que passam, eu tento...





O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

Olhar viril com uma ponta de desdém

NENHUMA MULHER RESISTE AO "PIN-UP BOY"

GESTOS DUROS, NARIZ PERFEITO E COSTAS LARGAS, ATRIBUTOS QUE NO CINEMA FAZEM SEMPRE SUCESSO ★ DE BARRYMORE A MARLON BRANDO



Galã disputadíssimo pelas «estrêlas» — tanto na tela como fora dela — Jeff Chandler é considerado o «pin-up» nº 1 do cinema atual, uma espécie de contraponto de Marylin Monroe. Nesta foto demonstra com eficiência que merece de sobra o título.

A moda, evidentemente, nã
é recente, pois desde qu
o mundo é mundo, as form
femininas constituíram assun
de interêsse bastante gener
lizado, como o prova o pr
prio aumento das populaçõe
Mas a coisa está tomand
incremento, e nos tempos qu
correm, dificilmente se folhei
uma revista, jornal ou dema
publicações sem deparar co
uma senhorita de "short
"bikini" ou qualquer out
indumentária sumária, posa
do horizontalmente ou e
plano inclinado, numa atitu
de dar cãibras a uma estátu
de pedra. Acrescente-se cab
los soltos, caindo molemen
sôbre ombros nus, ou tapand
a metade do rosto (o pud
também é excitante), bus
empinando, lábios voluptu
samente desenhados, e aí es
a receita da famosa "pin-up

Longe de nós censurar es
moderna deusa que enfeita o
olhos de tanta gente. Se
bela, e tem o que exibir, qu
exiba! Mas por que não pr

curam
vistas
mulhere
tas rec
seções
vez em
ceitas -
das —
nos qu
tão de
suas co
Esta
agora
mente,
vez às
dos ex
mo" m
Êles
ceita o
falha:
ponta
de pre
estufa

As
tive
so
Ped
cel
re
dot
coi

curam os ditos jornais e revistas agradar também as mulheres, e ao invés de tantas receitas de culinária nas seções femininas, publicar de vez em quando algumas receitas — devidamente ilustradas — dos "pin-up" masculinos que, à sua maneira, são tão decorativos quanto as suas comparsas femininas?

Esta injustiça nos propomos agora a remediar ràpidamente, apresentando desta vez às nossas leitoras alguns dos expoentes do "pin-upismo" masculino.

Êles também têm uma receita que nunca ou raramente falha: olhar viril com uma ponta de desdém, cabeleira de preferência espêssa, peito estufado (para esconder uma possível dilatação do estômago), a masculatura dos braços contraída para salientar os bícepes. Tudo isso não deixa de ter um efeito, por assim dizer, psicológico nas fãs impressionáveis que, exatamente como os homens, muitas vêzes aceitam gatos por lebres.

Mas não queremos aqui discutir as qualidades físicas positivas ou negativas dos ídolos da tela e de outras zonas. Apenas constatar a existência do "pin-up".

Espáduas largas — se possível, salpicadas de sardas —são predicados apreciados pelas fãs e outras...



As costas de Marlon Brando tiveram sua parte no sucesso de «Uma Rua Chamada Pecado». Porém, Marlon, excelente ator dramático, prefere ser apreciado pelos seus dotes artísticos. Mas uma coisa não impede a outra.





O peito estufado e o ar displicente são sempre a indumentária preferida dos «pin-up».

Na sua obra-prima «Tabu», mal sabia Murnau que, exibindo a plástica perfeita dos nativos das Ilhas dos Mares do Sul, estava sendo o precursor do «pin-upismo» masculino.



"BANHO DE RIO"

ANTÔNIO MARIA

(Desenho de DAREL)

ROSEIRAL, antigo engenho de açúcar, velho vendedor de aguardente, depois que as usinas cresceram, reduzira-se à condição de terra de plantio.

Os seus donos, os Mota, guardavam, da prosperidade que tiveram, apenas os dentes de ouro. Resignavam-se a tirar duas mil toneladas do campo, colhidas em soca e ressoca, sem adubação, sem nada, nos anos de chuva. A casa grande, caindo há 15 safras deficitárias, apodrecia nas grades de madeira do terraço e morria na cal das paredes, onde os cupins desenhavam seus túneis de moradia.

As galinhas andavam por dentro de casa, punham ovos no quarto dos santos e quando quisessem podiam receber os galos na sala de visitas. Anoitecendo, se chovia, cavalos, bois e cabras — os mais íntimos da família — vinham para o terraço e, sem cerimônia, passavam a noite, sujando, preguiçando, fazendo barulho de cascos no cimento. E êsse entendimento, essa intimidade, essa boa vontade entre o homem e os bichos é o maior sinal de que o homem vai mal de vida. A família reduzira-se a três irmãos Mota, um casado, um viúvo e o outro solteiro, porque tivera convulsão, impaludismo e tumor no ouvido, em menino e, por isso, ficara uma pessoa leza (tinha mania de fazer palitos, o dia todo). Dona Clarisse, mulher do mais velho, mexia requeijão, providenciava casamento para os **moradores** amigos e era zeladora do Apostolado da Oração, há 17 anos. Gostava de cantarolar música de igreja e só trabalhava cantando o Tantum Ergo ou o "Coração Santo, tu reinarás".

Filhos ninguém tinha e, certamente, ninguém teria dali para frente.

O primo Ricardo Mota, que era advogado e morava na cidade, passara a orgulho e exemplo de bem viver, sendo lembrando nas horas do tédio geral· "Ricardinho é que soube fazer". Tinha uma filha, Heloísa, que escrevia e mandava retratos. Alguns eram rasgados imediatamente, porque tinham sido tirados na praia, em trajes de banho, muitas vêzes com homens em redor. Era bonita e sua beleza nascia de velhos traços sementeiros da família (olhos claros, nariz de ponta arrebitada, riso grande), ajudados, no corpo, pela saúde do mar, do sol e dos exercícios de dança clássica. Na última carta, mandou dizer que viria passar dezembro.

Se bem que as casas caíssem e os homens, dentro delas, se finassem de preguiça, Roseiral guardava seus encantos. A campina ondulada, sempre em verde. A mata da côr de musgo, começando na testa dos morros e fechando círculo, no alto, em redor da várzea. Depois o rio, encachoeirado e algumas vêzes espumoso. No remanso, quando os barrancos se abriam, boiavam palmas de **paraguaia**, de onde, de vez em quando, voavam galinhas-dágua e jaçanãs. E Heloísa chegou, com o sol, num dia lindo de verão. Fêz o caminho do carro-de-boi desatenta às perguntas, tomada pelas coisas que, sùbitamente, se multiplicavam aos seus olhos: a brancura dos imbaubais, copando a mata; depois, a florestinha de cajueiros, na campina plana, e sua sombra fria, onde os Mota mais velhos e já mortos fizeram "pic-nics", dançaram quadrilhas, tiraram madornas de rêde, sem saber que o tempo os comeria na alegria e na carne. Nos primeiros contatos com os parentes houve choques inevitáveis. Algumas coisas que Heloísa dizia, causavam mal-estar e ficavam sem resposta, enquanto os quatro tios se entreolhavam com desgôsto. Essas primeiras experiências de convívio serviram para que Heloísa sentisse a necessidade de modificar vários dos seus modos. Suas roupas, por exemplo: teria sempre de andar vestida como se fôsse para a missa — decentemente. O mínimo possível de corante (rouge e baton). Teria que estar em casa ao meio-dia e às 8 da noite, para rezar o têrço, que a tia Clarisse tirava, enunciando os **Mistérios** e os **Frutos**, antes de cada dezena de ave-marias.

★

Um dia, de tardinha, a água do rio estava numa transparência de vinho branco e, no fundo, viam-se os seixos, muitas vêzes azuis. Heloísa olhou em volta e não havia ninguém. Os caminhos estavam vazios. Foi tirando a roupa devagarinho, numa hesitação de quem vai pecar e, sem nada no corpo que não fôsse a lindeza, caiu na água. Beleza de água. Vinha-lhe até os ombros, no lugar mais fundo. Morninha, na tona. Esfriando, até quase ficar gelada, da cintura para baixo. Tímidas piabas rodeando o seu corpo — algumas puxavam-lhe a penugem das pernas, fazendo festa. De vez em quando, olhava para o barranco, onde se despira, e via o montinho de roupa que deixara. Tudo em ordem. E mergulhava, sem se importar de molhar os cabelos. De repente, começou a escurecer e o vento ficou mais frio. Lembrou-se dos tios, da paz que devia perdurar entre ela e êles. E deixou o banho às carreiras. Pulou 3 vêzes para tirar água dos ouvidos e andou para o montinho de roupa. Que já não estava. Há poucos metros, um pretinho de seus 5 anos dava uma risada de vaia e fugia. Virou-se para o rio Heloísa e, no pedaço da correnteza, viu o montinho de roupa seguindo e sumindo. A noite caiu em cima do seu mêdo, enquanto o frio passava de raspão em sua pele molhada. Tinha que andar e foi andando, pedindo a Deus que não a olhassem, quase dois quilômetros de campina. Chegaria em casa e, nua, pediria aos quatro tios Mota que lhe abrissem a porta, mesmo sem perdão. Ódio, desolação e vergonha na vida dos Mota. Mas, para sempre, o vento das noites de Roseiral ficaria cheirando a pele molhada de moça nua.



AS INCRÍVEIS DISTÂNCIAS DO ESPAÇO

UMA "CURTA" VIAGEM INTERPLANETÁRIA PODE DURAR 44 MIL ANOS

MAS O FATO É QUE JÁ EXISTEM, NOS EE.UU. E NA EUROPA, AGÊNCIAS TURÍSTICAS OFERECENDO PASSAGEM E ESTADA EM MUNDOS DESCONHECIDOS ★ COMEÇOU EM EINSTEIN E NINGUÉM SABE ONDE E COMO ACABARÁ.

Reportagem de FERNAND CRIQUI (Da Agence Parisienne de Presse)

[illegible]

TURISMO INTERPLANETÁRIO

[illegible]

[illegible] a exatidão da cifra de 384 mil quilômetros, atribuída à distância média da Terra à Lua é apenas relativa.

A confirmação dessa quilometragem pela experiência do radar não é ainda prova absoluta, sabendo-se que a mesma se baseia em pura convenção que exige que a luz se desloque com a velocidade constante de 300 mil quilômetros por segundo. Ora, até hoje, nenhum fato veio provar a invariabilidade da velocidade da luz.

TUDO COMEÇOU EM EINSTEIN

[illegible] cálculos e conclusões puramente literários de autores de ciência-ficção. Fazem-se viagens — no papel, é claro — não apenas interplanetárias, mas [illegible], ultrapassando com a maior desenvoltura todos os limites possíveis, mesmo do bom senso. Baseando-se na teoria da relatividade, chegou-se [illegible] à conclusão de que seria necessário navegar durante vinte anos pelos espaços celestiais para chegar [illegible] mais distantes, com a condição de dispor-se de um engenho capaz de seguir com uma aceleração constante [illegible] do que há na superfície da Terra. [illegible] que estamos ainda muito longe de construir tal aparelho, capaz de realizar tão importante performance, e, sobretudo, de manter esta aceleração durante anos. [illegible] conhecer os processos [illegible] a totalidade da energia contida na matéria. Suponhamos, entretanto, que essa máquina [illegible]. E também suponhamos que se encontrem indivíduos [illegible] que se disponham a arriscar a aventura. Deverão êles, então, [illegible] vinte anos para a ida e outros vinte para a volta, ou seja o total de quarenta anos. Muito satisfeitos de sua viagem, logo que retornarem à Terra procurarão entrar em contacto com as pessoas que aqui deixaram há quarenta anos. Mas... ó céus! A teoria da relatividade pretende que os mesmos não mais encontrarão nenhum indivíduo da geração que êles conheceram, nem a casa em que moravam, e a própria cidade em que [illegible] terá desaparecido.

A VIAGEM DE 44 MIL ANOS!

[illegible]



JOSÉ RONALDO APRESENTA

A linha DO A



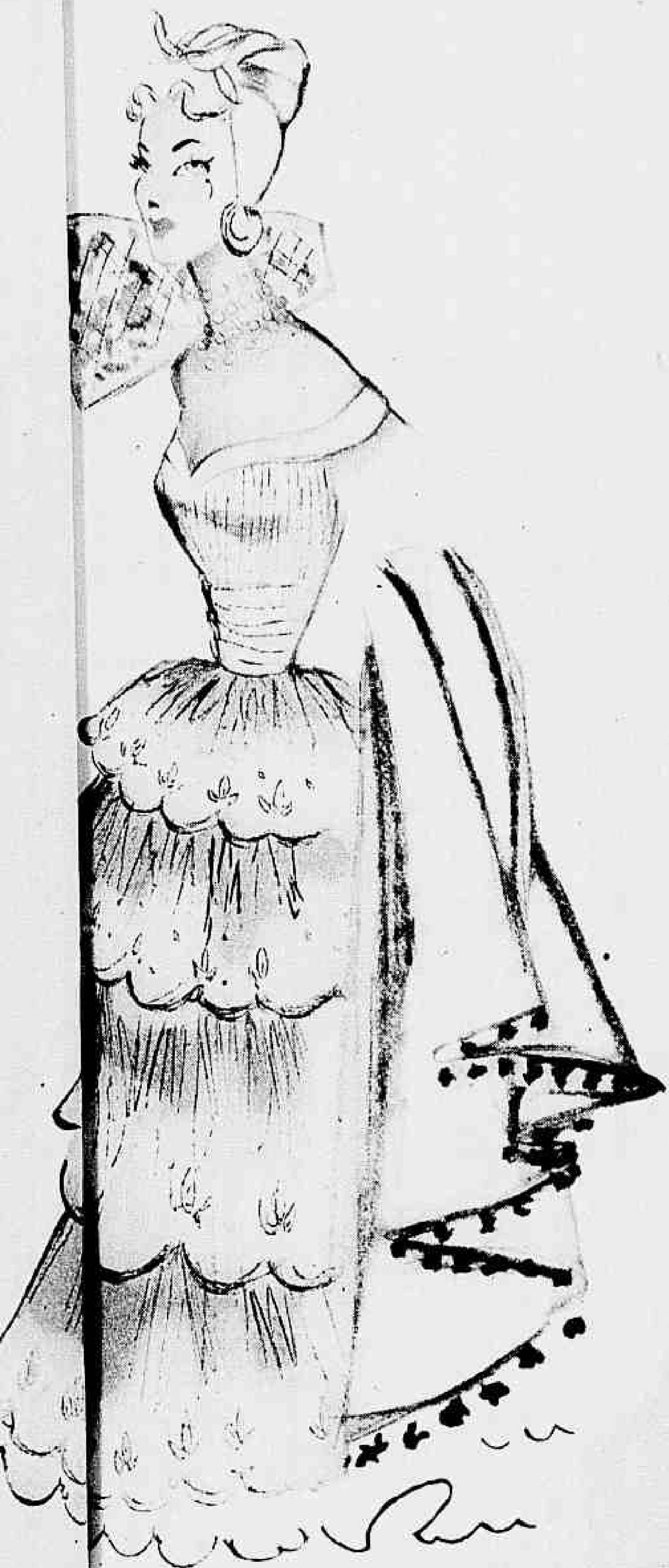
JOSÉ RONALDO, jovem figurinista da nova geração, criou, a par de mais dois ou três outros figurinistas, a nova linha da chamada «moda brasileira». José Ronaldo consagrou-se através de várias publicações, pela sobriedade do traço e pela elegância do estilo. A partir de hoje, apresentaremos algumas páginas com suas criações, iniciando esta série com algumas fantasias desenhadas com exclusividade para a REVISTA DA SEMANA.



BAIADERA

Sôbre um corpo em veludo bordado, uma saia de vários godês de organdi em côres vivas, recoberta por outras em filó prêto.

ARNAVAL DE 54





FOLIA

Sôbre organdi prêto, viezes em côres pastel. O corpo é igualmente nos mesmos tons.

BONFIM

Em cambraia e bordado inglês, em vários babados. Cinto largo e pano da Costa em cetim listrado. No ombro, uma cêsta de flôres

A "LINHA" DO CARNAVAL DE 54



CIGANA

Blusa em "mousseline" branca, cinto em veludo prêto. Saia de algodão, em tons, recoberta por uma franja preta. No ompbro, tons de amarelo e vermelho.

A "LINHA" DO CARNAVAL DE 54



MUCAMA

Organdi de bolas e organdi liso. Grande faixa nos quadris, em cetim de algodão vermelho.



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Romance de **MICHEL DUCHEMIN** — Tradução de **SÍLVIA JAMBEIRO**

— Madame nossa casa está as ordens. Venha visitar nossa terra e aprenda com os franceses como se deve acolher o estrangeiro.

Naturalmente que isso é balela e da grossa. Pois se há um país onde se recebe mal um estrangeiro é a França. Mas afinal como todo bom francês cumpria-me defender meu país que acabava de ser ofendido. E o havia feito com certa diplomacia. Léna, por milagre, não ouvira a discussão pois estava muito interessada em dar a Helena e Gisèle um curso intensivo de relações comerciais e emprêsas naturalizadas.

Passamos a tarde tôda reunidos enquanto Léna infatigável prosseguia discorrendo sôbre o assunto sem se perturbar com o maior ou menor interêsse de seus ouvintes. As meninas também aproveitaram para desabafar as mágoas e libertar seus rancores. E cada uma queria superar a outra nos adjetivos empregados para classificar, ou melhor, para desclassificar o cidadão iugoslavo.

— Eu não me posso habituar (comentou Nicole) êles não se afastam sequer para dar passagem numa porta. Ao contrário, nos empurram como se fôssemos obstáculos de uma corrida que êles devem ganhar a todo preço!

— E vocês não viram? (pergunta Denise). Uma senhora em estado interessante de pelo menos seis meses ficou de pé enquanto um rapaz saudável se apressou em sentar-se cômodamente antes dela! E o pior é que todos estavam achando muito natural!!! Eu as escutava sorrindo. Era realmente divertido ver como se indignavam. E não pude evitar um sentimento de sinistro prazer e ri alto.

Elas se voltaram tôdas.

— Enfim, Michel, será que você vai defendê-los?

— Mas, está claro. É perfeitamente normal.

Elas me olham com certo rancor.

— É, é isso mesmo. Nem vale a pena continuar; você não é o que se pode chamar um cavalheiro perfeito mas os iugoslavos ganham você longe.

Faço uma reverência irônica.

— Eu vos agradeço. Mas é natural. Léna vive repetindo que as mulheres têm os mesmos direitos que os homens. As mulheres podem ocupar todos os cargos desde ministro até contínuo. Há mulheres comandantes de regimentos — sinto pena dos pobres recrutas — e creio até que existem mulheres na marinha!

— Até onde você quer chegar?

— Quero chegar a dizer que o homem não vê mais motivo para se mostrar galante e fazer cortesias para quem lhe é igual!

— Ora . . . isso não quer dizer nada (replica uma).

— Grande argumento (comenta outra).

Então eu me inflamo. Tenho uma teoria que me é muito cara e que seria agradável impor neste país:

— O homem e a mulher são complementares; não podem ser iguais. Quanto mais vocês ganham em direitos mais perdem em prestígio diante dos homens. O homem é o eterno escravo do mistério. Em que época foi a mulher mais adulada, mais bajulada, mais obsequiada do que lá por 1900? Que galante ver um homem ensaiar vêzes e vêzes a maneira mais cortês de se apresentar à dama dos seus sonhos! E ela inacessível, difícil. Enquanto que na mesma época as futuristas ávidas de liberdade ficavam sem pretendentes.

Parei com a garganta sêca e passei os olhos em volta de mim pronto a rebater quem me contrariasse.

Para meu espanto tôdas concordaram comigo o que deu um certo encanto à questão. Preparei então um pequeno discurso em sentido contrário exaltando a liberdade da mulher.

Tinha já palavras inflamadas para dizer elogiando a atitude da mulher moderna quebrando as convenções, partindo os grilhões seculares . . .

Mas antes que pudesse iniciar entramos no «fjord» de Sibenik.

Não falaremos mais nas mulheres então.

Vamos mudar de assunto.

De repente a cidade de Sibenik apareceu equilibrada sôbre uma rocha a pique, protegida por três fortes triunfantes.

Léna, acostumada desde a infância, sem dúvida, àquele espetáculo de tanta beleza, não parecia compartilhar de nosso entusiasmo, e assumiu até um ar de certa indiferença.

A uma pergunta direta de Collete, Léna respondeu:

— Estou preocupada porque não tenho esperanças de que possamos achar aqui um hotel para nos acomodar!

Se uma bomba explodisse sùbitamente bem no meio do nosso grupo não causaria maior susto e não nos deixaria mais trêmulos e alarmados.

— Por causa das férias coletivas todos os hotéis estão lotados (continuou ela) e eu não tive tempo de telegrafar de Rijeka pedindo reserva de aposentos para nós. E agora não sei mesmo como nos vamos arranjar!

Nós nos entreolhamos desapontados, semblantes desfeitos e ouvi comentários severos de censura sôbre a atitude de Léna, tais como:

— Em vez de correr para a praia ela devia ter ido telegrafar!

— É . . . mas ela soube achar tempo para reservar mesa na «boite»!

— É a mesma velha história, como no nosso atraso de hoje pela manhã . . . ela não sabe absolutamente organizar e nós estamos mal arranjados com isto.

Eu, intimamente, procurava justificativas para Léna que já conseguira um lugarzinho no meu coração.

O vapor encostou finalmente e nós desembarcamos desanimados como desterrados chegando às Guianas.

No cais, um rapagão moreno e bigodudo como um servo de tradição, esperava Léna. Êle trajava um uniforme original e à primeira vista nós o tomamos por um porteiro de hotel que viesse buscar a nossa bagagem.

Mas não; era Peter que acolheu o nosso grupo com um sorriso amistoso.

Logo a seguir, mãos na cintura, êle entabulou uma conversa de grande interêsse com Léna.

Nós os fitávamos com olhar ávido como os surdos quando querem seguir uma conversa mas não acompanhávamos os movimentos dos lábios porque não

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

● O jovem arquiteto Michel resolve gozar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará em companhia de nove moças. Partem e êle se vê às voltas com Colette, Denise, Nicole, Andrea, Catherine e outras que embarcam nas estações seguintes e surgem apuros com as baldeações e as bagagens. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Ficam hospedados numa casa de estudantes. Vão à praia, depois comem num restaurante socialista e voltam de trem subterrâneo para a casa de estudantes onde Michel não consegue dormir pois fica no quarto de uma rapaziada barulhenta e brincalhona. À noite vão a uma «boite» e na manhã seguinte embarcam num vaporzinho superlotado e, cobertos de fuligem e comprimidos pela multidão descortês, anseiam pelo pôrto próximo temendo um naufrágio. E assim chegam ao «fjord» de Sibenik. Ao desembarcar, porém, a turma descobre que não há hotel reservado para êles e ouvem-se queixas e lamentos mas depois de longa conversa com um iugoslavo que esperava a guia consegue hospedagem e partem todos alegremente. No tal hotel as pequenas são alojadas em dois amplos quartos enquanto o pobre Michel é empoleirado num pequenino quarto no sótão. Como sempre acontece em viagens começam a descobrir os esquecimentos. Êle trouxe apenas uma lâmina de barbear e fica alarmado e elas não se lembraram de trazer agulha e linha mas no final tudo se arranja, e é um tal de empresta daqui e dali muito divertido.

entenderíamos do mesmo jeito e tentávamos decifrar o andamento do assunto pelas expressões fisionômicas.

Em outras circunstâncias isto seria um jôgo divertido mas naquele momento, naquela dependência aflitiva tornava-se algo de muito importante: onde passaríamos a noite?

Por mim o problema não era tão sério porque eu tinha o meu saco de lona americano!

É verdade que eu, de certo modo, perdera aquêle ar confiante de homem previdente e satisfeito com a certeza inabalável de sua autoridade. Ante os olhares penetrantes e decididos de minhas meninas sôbre aquela peça cobiçada que eu carregava gentilmente enrolada senti minha convicção abalada e segurei mais firmemente aquela preciosidade que breve talvez nove sereias arrancariam das minhas mãos com unhas e dentes.

A conversa entre aquêles dois continua.

Léna faz uma pergunta rápida mostrando a inquietação no rosto. Peter não parece compreender a pergunta, curva a cabeça mais para perto e faz Léna repetir a pergunta como se em nossa companhia, ela tivesse esquecido o próprio idoma.

Sentimos a respiração ofegante.

Françoise cochicha ao meu ouvido:

— Ela já me tinha avisado no navio que não tinha coragem de revelar a todos que ainda não tem nada preparado para nós. Enfim (termina num suspiro desanimado) que vamos fazer?

Lá adiante divisamos a cidade tranqüila, na rotina das suas ocupações habituais e indiferentes à nossa tragédia.

Enquanto isso Peter levanta a cabeça, entorta a cabeça, abaixa a cabeça, balança a cabeça e finalmente expande um largo sorriso que se reflete imediatamente na fisionomia de Léna.

E antes mesmo que ela abra a bôca para dar a boa notícia nós estamos em seus braços transbordando gratidão.

— Sim, sim. Conseguiremos hotel. Podemos ir andando.

— E onde fica o hotel, Léna? (geme uma das pequenas) É longe?

— É logo ali.

E mostra num gesto gracioso um barracão do outro lado da praça que nós achamos logo com aspeto de hotel.

Jamais malas e bagagens foram carregadas com tanto prazer. No primeiro andar dois quartos enormes esperavam as meninas. Ambos dão para uma sacada ampla de onde se tem uma vista magnífica do pôrto, da catedral de duplo campanário e das ilhas distantes.

Quanto a mim . . . resta um pequeno quarto, que podíamos chamar quarto de bôlso, sem sacada, no sótão, e de costas para a vista do pôrto. Mas tenho de me resignar com a sorte.

Como cavalheiro único serei sempre o sacrificado, tenho já a certeza disso e aceito estòicamente o sacrifício.

Resolvo então ficar à vontade e fazer a barba, pois nem preciso dizer que pela manhã não me foi possível cumprir êste hábito de homem civilizado.

Tiro então o meu aparelho automático de barbear de seu elegante estojo de matéria plástica e tomo a decisão de neste dia de estréia naquele hotel estrear também uma lâmina nova. Mas . . . engraçado! Tinha a certeza de ter colocado as lâminas no compartimento reservado para tal no estojo, ao lado esquerdo do mesmo! É, mas com certeza me enganei e deixei mesmo dentro da valise, digo a mim mesmo despreocupadamente.

E, cantarolando alegremente, começo a tirar coisas da valise. Primeiro tiro a camisa, ainda úmida de suor, que usei na noite em que fômos à «boite», depois tiro meu caderno de rascunho, os filmes e filtros, a minha capa impermeável completamente amarrotada e inútil naquela aventura em pleno sol, conto os pares de meias limpos que me restam, e tudo ao som de alegre cantarolar.

(Continua no próximo número)



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Forneciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

COMPANHIA DE ANILINAS

PRODUTOS QUÍMICOS E MATERIAL TÉCNICO

RIO DE JANEIRO
RUA DA ALFANDEGA, 100
Telegramas: "ANILINA"
Caixa Postal 194
Telefone 23-1640

Puxe pelo CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES



1 Êste farol é o mais alto do Brasil. Qual é êle:

— O de Maceió?
— O de Itapoan, na Bahia?
— O de Cabo Frio?

2 De quem é esta frase: «No ciúme há mais egoísmo que amor»:

— La Rochefoucauld?
— Calderon?
— Beethoven?

3 Que vem a ser «Aarão»:

— Arca?
— Homem que vê muito?
— Lutador?

4 Em que Estado do Brasil é feriado e festejado o dia Dois de Julho de cada ano:

— Rio Grande do Sul?
— Ceará?
— Bahia?

5 De quem é a tela «Jesus no Horto das Oliveiras», existente no Museu Histórico da Bahia:

— Pedro Américo?
— Antônio Joaquim Franco Velasco?
— Horácio Hora?

6 Que nome tem a estrêla que, em nossa bandeira, representa o Estado de Minas:

— Alfa?
— Sírio?
— Antares?

7 Que vem a ser «petun», na língua dos índios brasileiros:

— Onça?
— Cobra coral?
— Fumo?

8 Quem foi Maria Ortiz:

— Grande poetisa amazonense?
— Heroína capixaba?
— A primeira médica do Paraná?

9 Qual o corsário estrangeiro que foi apelidado, no Brasil, por «Tigre Vermelho»:

— Duguay-Trouin?
— Taylor?
— Thomas Cavendish?

10 Quem iniciou no Brasil o tráfico de escravos:

— Duarte Coelho?
— Tomé de Sousa?
— Martim Afonso de Sousa?

11 Que nome tinha, no início da E. F. D. Pedro II, a estação que hoje se chama Deodoro:

— Pelourinho?
— Sapopemba?
— Areal?

12 Qual a primeira ferrovia inglêsa que se estabeleceu no Brasil:

— A E. F. D. Pedro II?
— A Santos-Jundiaí?
— A Recife ao S. Francisco?

13 O que a humanidade deve ao marquês Cugnir:

— O primeiro veículo automóvel?
— As escadas rolantes?
— A impressão litográfica?

14 Quanto tempo leva a luz para vir da Lua à Terra:

— Cinco minutos?
— Pouco mais de um segundo?
— Precisamente três minutos?

15 Esta barragem do Nordeste foi construída ao tempo de D. Pedro II. Qual é:

— A do Cedro, no Ceará?
— A de Curema, na Paraíba?
— O açude de Bom Conselho, Pernambuco?

(Respostas na pág. 55)

CLASSIFICAÇÃO:

Resposta 0: estado primitivo — homem macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — selvagem.
De 4 a 6: cultura média — estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.





Após a lavratura da escritura de venda do terreno, diretores da Caixa Econômica Federal e do Jockey Club posam para esta foto histórica.

UMA NOVA E MONUMENTAL SEDE TERÁ O JOCKEY CLUB

Um grupo elegante formado pelas senhoras doutores Aday Eiras de Araújo, Tude de Lima e Moreira Fonseca, por ocasião do «cocktail» realizado no aristocrático Salão de Honra do Jockey Club.



Com a compra do terreno na Esplanada do Castelo para a edificação da nova e suntuosa sede do Jockey Club Brasileiro, foi cumprida mais uma parte do notável plano traçado pela atual administração da nossa tradicional entidade turfística, à cuja frente se encontra o dedicado e operoso presidente dr. Mário Ribeiro. No gabinete da presidência da Caixa Federal do Rio de Janeiro, presentes o presidente e diretores dêsse grande estabelecimento bancário e presidente, diretores e membros dos conselhos administrativos do Jockey Club foi lavrada a escritura de promessa de compra e venda do terreno, marco inicial de uma nova era do nosso «turf», que passará a contar, além de seu monumental Hipódromo da Gávea, com uma majestosa sede social. Horas depois, a diretoria do Jockey Club recebeu os cumprimentos dos consócios, tendo sido na ocasião servido uma taça de «champagne». O dr. Mário Azevedo Ribeiro, ao ensejo, em vibrante oração, congratulou-se com os seus companheiros e consócios, a quem — afirmou — se deve a grande iniciativa e o entusiástico incentivo.

A senhora dr. Mário de Azevedo Ribeiro saúda a senhora dr. Justo de Morais, que aniversariou no dia da assinatura da compra do terreno.



CARNAVAL (SEM QUERER) DE HOLLYWOOD

Você está-se preparando para os três dias de Carnaval. Pretende passá-los alegremente, brilhando pelo entusiasmo, e pela... fantasia Há muito tempo que você vem pensando na mesma, e já tem, provàvelmente, uma idéia de como será. No entanto, ainda não definiu bem certos detalhes, vacila sôbre a qualidade do tecido a empregar, tem alguma dúvida sôbre as côres...

Pode ser também que você seja uma dessas folionas que se animam quase no último instante, e que ainda nem pensou na fantasia. Se êsse é seu caso, encontrará nessas páginas algumas sugestões interessantes oferecidas por artistas. Algumas são fantasias ricas, dignas de serem premiadas no baile do municipal.

Se quer mesmo se divertir a grande, prefira um traje que deixe os movimentos livres, e que não seja muito quente. Agora, bom Carnaval leitora foliona! — **FLAMA**



SUJO — numa estilização muito limpa de Betty Hutton.



RUMBEIRA — como é apresentada por Estelita (Paramount).

CARNAVAL "A DOIS"

ESTAS DUAS SUGESTÕES DE FANTASIAS LUXUOSAS VÊM ATENDER AQUÊLES QUE GOSTAM DE PASSAR O CARNAVAL EM DUPLAS. CHAMARÃO A ATENÇÃO PELA SUA ORIGINALIDADE.



SHEERAZADE — uma fantasia rica, em lamé metálico.



A PRINCESA E O GUERREIRO — Numa apresentação do «astro» John Lund e da atraente «estrêla» Paulette Goddard: de muito gôsto.

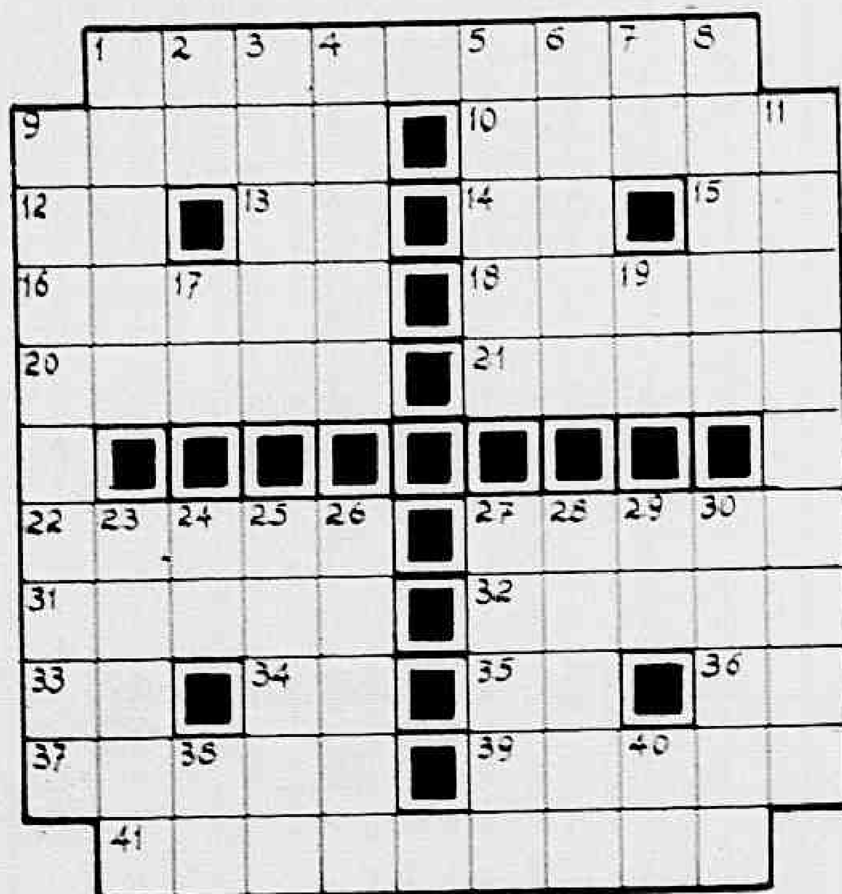


O REI E EU — Êle é o rei oriental que se apaixonou pela jovem ocidental, que vivia em seu palácio como professôra dos filhos.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 3

PARA VETERANOS

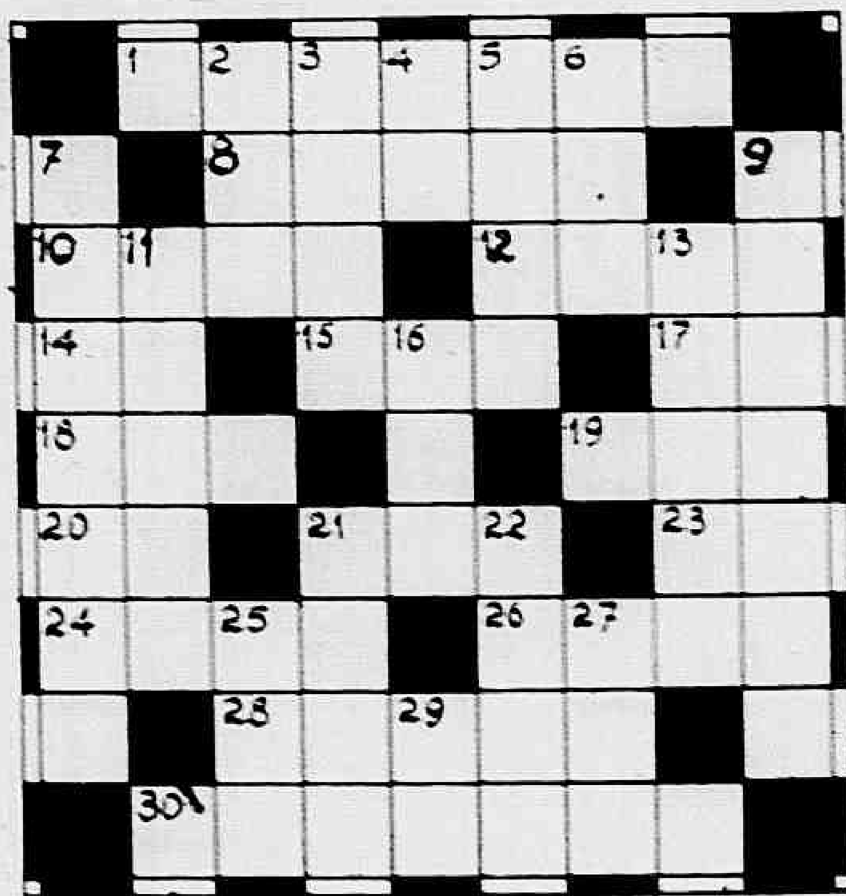


HORIZONTAIS: — 1. Último — 9. Feminino de frei — 10. — Medíocre — 12. Outro nome de Odin — 13. Distrito governado por um alcaide — 14. Coque — 15. Ilha do Brasil, no braço do rio Parnaíba — 16. Favorecer — 18. Obstruir, entupir — 20. Árvore da família das Leguminosas — 21. Surgiu — 22. Dão atividade — 27. Maquinal — 31. Nome de mulher — 32. Arbusto da família das Icacináceas — 33. Distinção — 34. Cidade da Birmânia — 35. Mi-bemol, na notação alemã — 36. Modo de andar — 37. Espécie de palmeira (pl.) — 39. Designação genérica de qualquer bilhete, em que o devedor confessa ter recebido uma quantia e se obriga a pagá-la — 41. Espécie de mandioca

VERTICAIS: — 1. Referente a nó — 2. Sufixo designativo de ofício, ocupação — 3. Dedicar — 4. Animal carnívoro da família dos Mustelídeos — 5. Obter com esfôrço — 6. Próprio de indivíduo inculto — 7. Símbolo do magnésio — 8. Ousadia — 9. Mania de passar por sábio — 11. Pessoa feliz na pesca — 17. Serpente sagrada do culto daomeano — 19. Interjeição de espanto — 23. Espécie de betume, feito de pó de tijolo, cal e areia — 24. Espécie de frecha usada pelos índios brasileiros — 25. Vedeta — 26. Forma arcaica de mesa — 27. Dividir ao meio — 28. Arranho — 29. Nota musical — 30. Aguardente extraída do arroz fermentado — 38. Alegra-se — 40. Entrada

PROBLEMA Nº 3

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Vigia, sentinela — 8. Lança, arremessa — 10. Dá, [illegible] — 12. Querem bem — 14. Brisa — 15. [illegible] — 17. Símbolo do rádio — 18. [illegible] — 19. À casa — 20. 3º mês dos hebreus — 21. Apologia — 23. Criminosa — 24. Solta rugidos — 25. Verdadeira, que existe de fato — 28. Amolecer — 30. Mentiras

VERTICAIS: — 2. Semelhante — 3. Ligar, unir — 4. Cinqüenta e um — 5. Lavrar — 6. Seguiam — 7. Acariciara, fizera afagos — 9. Da côr do ouro — 11. Comida feita de tartaruga, ovos e açúcar — 13. Tolo — 16. Idioma — 21. Sincero, franco e honesto — 22. Terra arroteada e própria para cultura — 26. A côr escarlate — 27. Época — 29. Estudo

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 2

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS. — Pará — amar — [illegible] — [illegible] — Roma — [illegible] — [illegible] — [illegible] — aroma — [illegible] — [illegible] — mar — [illegible] — [illegible] — mesa

VERTICAIS. — para — [illegible] — ramo — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — Apo — cama — [illegible] — arte — [illegible] — [illegible] — [illegible]

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS. — [illegible] — [illegible] — Nem — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible]

VERTICAIS. — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible] — [illegible]

... diária nunca esquecida a sua ... HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Juventude Alexandre

BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

QUÊDA DOS CABELOS

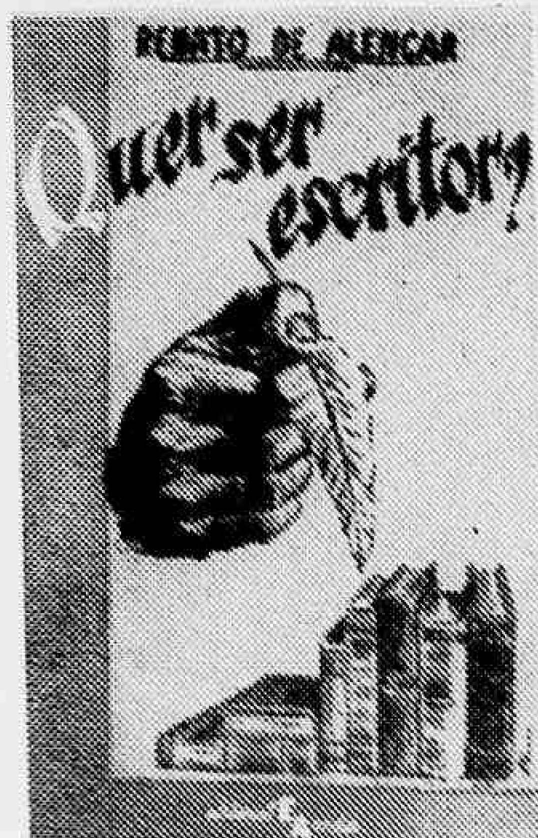
Calvície precoce

JUVENTUDE ALEXANDRE

INSUPERÁVEL

Há cinqüenta anos

QUER SER ESCRITOR?



Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.

•

Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal. Editorial Andes, Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro.

Preço: Cr$ 50,00.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa alguns vidros de Ventre-Livre

WINDSOR HOTEL

Sob nova administração
ELEGANTE BAR — LUXUOSOS E CONFORTÁVEIS APARTAMENTOS.
RUA GUAIANAZES, 10
(esq. rua dos Timbiras)
Telefone: 35-4195 — (rêde interna)
Telegramas: «WINDSORHOTEL»
SÃO PAULO — BRASIL

No próximo número:

JOSÉ RONALDO (o maior figurinista brasileiro) apresenta

A "NOVA" LINHA DO CARNAVAL CARIOCA

Uma coleção completa das mais belas e ricas fantasias carnavalescas

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 6 E 12 DE FEVEREIRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Sua posição vai ser grandemente melhorada na semana entrante. Haverá forte concurso de circunstância facilitando sua ação e os empreendimentos que tiver. No domínio da vida conjugal andará tudo muito bem.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Sua posição será inteiramente liberada durante os sete próximos dias. Poderá agir por conta própria, bastando ter a necessária prudência para não se desmandar. Sob o ponto de vista da profissão tudo correrá normalmente, havendo mesmo alguma satisfação.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não haverá solução de continuidade na favorável ambiência que o leitor está desfrutando. Os dias 7 e 11 serão magníficos, no seu caso, para a solução de qualquer pendência e para a estruturação dos vencimentos que estiver percebendo. Não perca a oportunidade.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Poderá fazer suas as recomendações acima. Situação, posição, vida conjugal e possibilidades econômico-financeiras, tudo continuará como antes, pois não haverá, nos próximos sete dias, qualquer modificação no seu ambiente planetário.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Não procure materializar os projetos agora neste novo período. Os influxos de Saturno, astro das realizações, lhe são inteiramente desfavoráveis. O Sol lhe iluminará os caminhos, noutra direção, porém.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Livre-se das astralidades dos dias 6 e 10, não fazendo propostas e recusando, de pronto, as que lhe fizerem. Limite-se, em tais dias, às tarefas profissionais comuns. Não saia do ordinário para não ter desilusões.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A coisa vai melhorar, como diz o vulgo. Na próxima semana o leitor conseguirá alguma coisa e terá sua situação financeira bem atenuada. Haverá um grande alívio nas aperturas.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Sua conduta diante de terceiros será modificada substancialmente o que lhe dará melhores e maiores possibilidades de êxito nos negócios e nos empreendimentos. Sòmente os domínios da vida sentimental continuarão perturbados.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Seja modesto nas suas pretensões e não alimente grandes esperanças O novo período não lhe será desfavorável, mas será fraco. Fique satisfeito com o pouco que conseguir, pois a insatisfação manifesta lhe acarretará prejuízos.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Haverá uma salutar reação no seu caso, propendendo as coisas para uma grande melhoria, especialmente no que disser respeito às especulações, aos negócios. O leitor não encontrará, igualmente, maiores dificuldades na satisfação dos seus justos desejos. Poderá fazer solicitações.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A boa posição ocupada pelo leitor, na semana anterior, continuará. Haverá facilidades em todos os setores de suas atividades, notadamente no campo dos negócios. A vida sentimental e a conjugal estarão muito bem amparadas.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Haverá, no caso do leitor, uma certa estabilização. Se tiver sabido explorar a ambiência que lhe foi dada no período anterior, neste terá apenas de colhêr os benéficos resultados. Haverá melhoria quanto ao psiquismo, pela atenuação do influxo de Mercúrio.

OS NOMES DA SEMANA

Fevereiro,	6	—	Gregório	—	Amanda
"	7	—	Romualdo	—	Júlia
"	8	—	Alfredo	—	Lúcia
"	9	—	Cirilo	—	Damiana
"	10	—	Bento	—	Aurea
"	11	—	Adolfo	—	Lourdes
"	12	—	Gaudêncio	—	Eulália

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

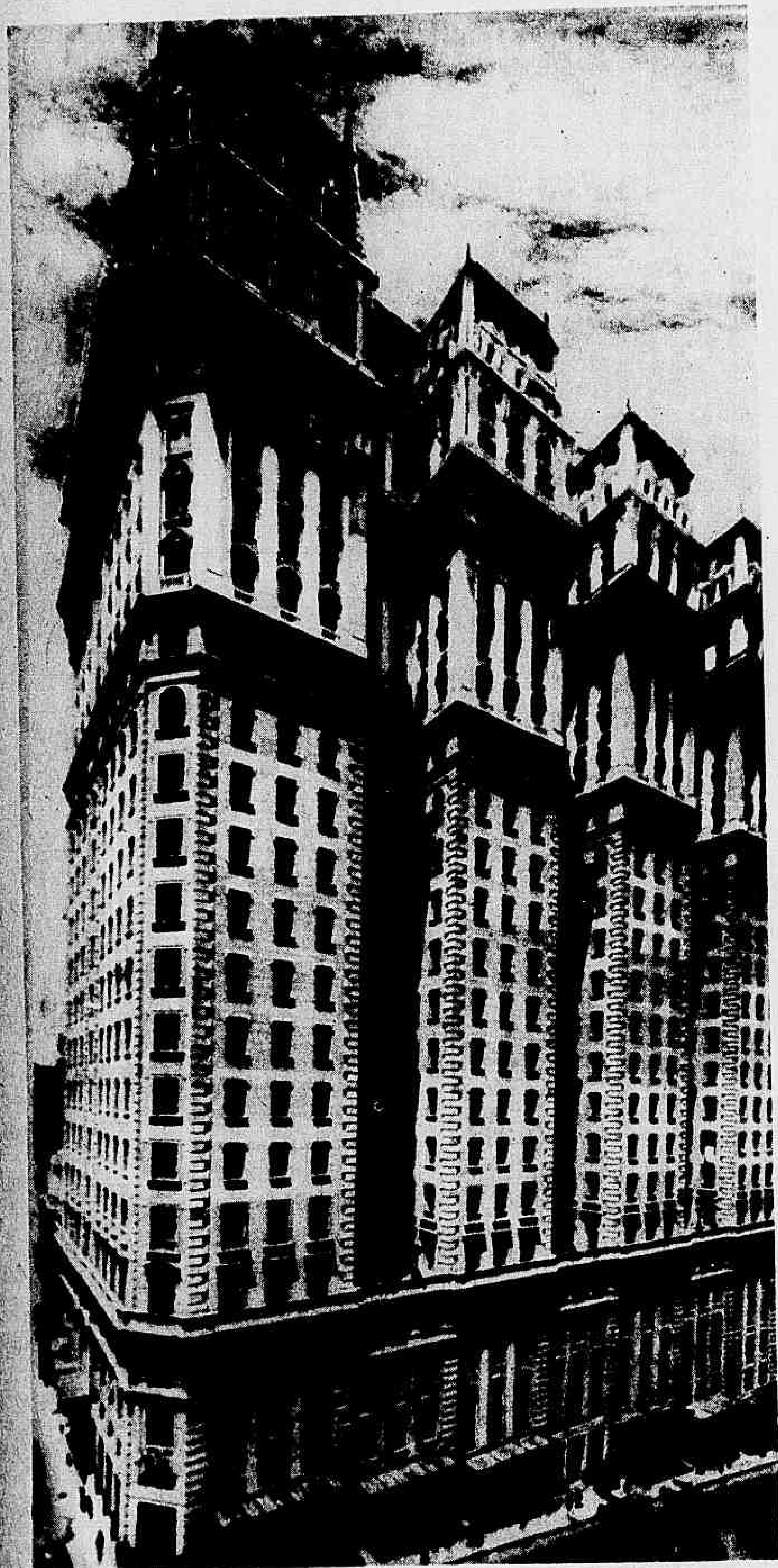
				(SIGNO DO:)
Fevereiro,	6	—	17º - 24' - 59"	(Aquário)
"	7	—	18º - 25' - 46"	(")
"	8	—	19º - 26' - 32"	(")
"	9	—	20º - 27' - 16"	(")
"	10	—	21º - 28' - 00"	(")
"	11	—	22º - 28' - 43"	(")
"	12	—	23º - 29' - 24"	(")

O GIGANTE ASSISTE O CENTENÁRIO

O MARTINELLI VIU SÃO PAULO CRESCER

BREVE HISTÓRIA DO COLOSSO PAULISTA ★ ASSASSINATOS ★ SUICÍDIOS ★ QUANTAS VÊZES SEUS ELEVADORES (12) DERAM VOLTA AO MUNDO.

Texto de HÉLIO ABREU ★ Fotos de RUI COUTO



Os edifícios têm alma? A verdade é que os marinheiros afirmam seus barcos possuí-la e os próprios cameleiros juram que a mesma existe em suas montarias. Alma por alma, é interessante lembrar que os gatos as possuem... em em número lembrar que os gatos as possuem... e em número

CONHECER São Paulo e não contemplar o edifício Martinelli era, antigamente, o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa. Aos olhos dos brasileiros do interior, os seus 30 pavimentos se agigantavam e pareciam querer esmagar aquêles que até então, em matéria de edifícios altos, sòmente conheciam o casarão assobradado do «coronel» de fazenda. Dominando a paulicéia êle permanecia (como ainda permanece) impávido desafiando as noites de tempestade. Sua fama correu mundo e fêz com que o Brasil inteiro soubesse de sua grandeza, que hoje ainda existe, se bem que outros gigantes, ainda mais altos, tenham surgido, sem contudo conseguirem sobrepujar a fama e a auréola de glórias que cobrem o antigo colosso. E, assim, o edifício assistiu ao formidável progresso de São Paulo, o Estado líder da federação que entra no seu IV Centenário tendo ainda nêle o seu mais famoso monumento. Diremos mesmo ser êle o mais «tederal» dos monumentos paulistas.

UMA VERDADEIRA CIDADE

Idealizado e construído pelo velho comendador Giuseppe Martinelli (que não era engenheiro mas levantou plantas e fêz desenhos), o Martinelli é, ainda em nossos dias, o maior edifício em área construída no Brasil. Sua história (às vêzes escrita com sangue de suicídios e assassinatos) carrega até agora as glórias e as lendas que sòmente a popularidade sabe e pode proporcionar. Enquanto viveu Giuseppe Martinelli o edifício brilhou e, quando o comendador foi desta para a melhor, com êle foram também os dias de esplendor do gigante de cimento. Sua fama, entretanto, permanece.

Para dar a ver a grandiosidade do edifício, basta dizer que dentro de suas paredes funcionam cinemas, hotéis, lojas de mil artigos, barbearias, «dancings» e mais de mil e quinhentas diferentes firmas, que ocupam as 2 mil salas do prédio.

★

A construção do Martinelli teve seu início em 1925 e a conclusão



São Paulo em 1941. Era assim que neste ano Martinelli via São Paulo. Casas pequenas e medrosas, nada mais.

das obras se deu em 1928. De início, contou o edifício com 14 telefones (muitos para a época) que provocam um violento contraste com os 1.446 hoje existentes. Na data de sua inauguração, era o Martinelli o prédio mais alto da América do Sul e os seus irmãos paulistas, da época, não se arriscavam a sair dos clássicos 10 pavimentos (30 m de altura) razão pela qual os 30 pavimentos com seus 105 metros dominaram completamente os céus de Piratininga. Pesa cêrca de 58 mil toneladas, ou seja, menos que o «Queen Elizabeth» que desloca 84 mil.

75 pessoas integram o condomínio que hoje detém o Martinelli, entre elas o dr. Joaquim Cintra Gordinho, que é também o administrador do edifício e que, no momento, empreende um gigantesco trabalho de recuperação do prédio.

É interessante frisar que a estrutura do Martinelli comportaria ainda mais 30 pavimentos, se se quisesse construí-los, segundo informou o dr. Gordinho Cintra.

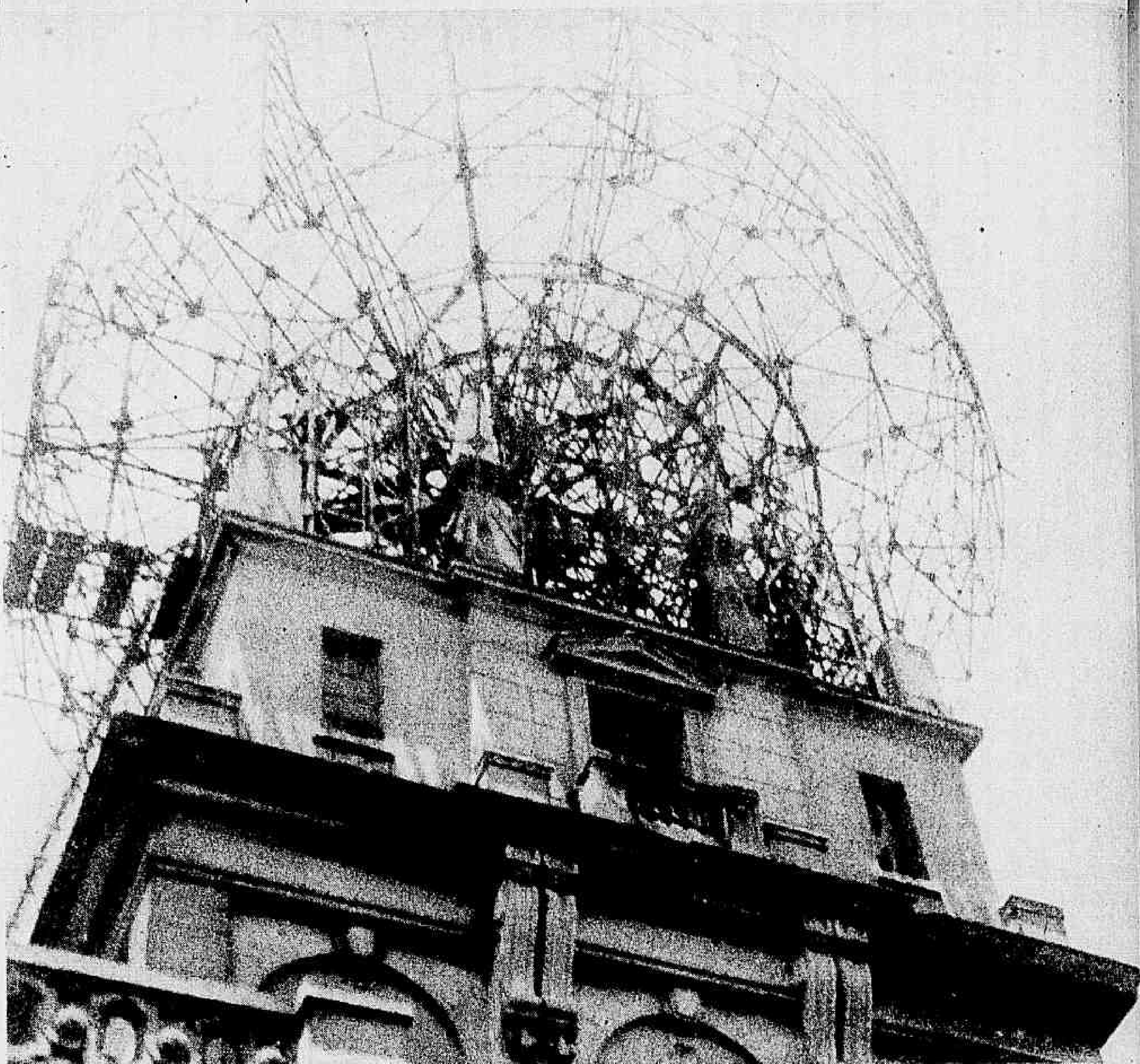


Mas, nem só de boa fama vive o Martinelli. Casos escabrosos marcam também sua existência, como aquêle ocorrido em 1943 com o menor Davilson Maquifretti, já encontrado morto numa sala vasia do edifício. Foi um crime sexual dos mais hediondos e seu autor nunca foi apanhado. Também o capitalista Guido Mioto perdeu a vida nos corredores do edifício, mas o matador foi prêso e cumpre pena na Penitenciária



Do alto da tôrre, Martinelli assim enxerga São Paulo, assistindo, cada dia, um novo sinal de progresso.

A tôrre. Antes aqui existiam os mais famosos anúncios de São Paulo. Hoje, resta apenas uma velha armação de ferro.



do Estado. Mesmo os suicidas, antigamente, tinham suas preferências pelos 105 metros de altura do Martinelli e nada menos de 5 pessoas perderam a vida atirando-se de suas janelas e terraços.

60 VÊZES A VOLTA DO MUNDO

Os elevadores do Martinelli (segundo o eng. Milkhos, da Cia. responsável) já deram até agora cêrca de 60 vêzes a volta ao mundo, se somadas tôdas as distâncias percorridas. Levando-se em conta que, pelo menos, dos 12 elevadores 6 funcionam ininterruptamente, teremos uma média de 11.520 m horários, ou sejam 276.480 por dia. Tudo isto reunido apresenta um total mensal de 8.294.401 metros, que, ao fim de doze meses, se transformam em 99.532.800 metros e por aí a fora até um total que vem corresponder a 60 vêzes a distância da volta ao mundo.

Hoje o Martinelli vive uma existência tranqüila e os próprios quadros tétricos desapareceram do asfalto que o circunda, enquanto que em seu redor S. Paulo cresce vertiginosamente, assombrando o Brasil e o mundo inteiro, e as lendas que se formaram acêrca de fantasmas que percorriam seus corredores e galerias, fazendo assuados e assustando os retardatários, vão ficando no esquecimento, como acontece com tôdas as coisas que fogem ao natural.

Ataliba Fernandes, zelador do edifício, aponta para a tôrre, local fatídico preferido pelos suicidas.



Outros gigantes surgiram, mais altos e imponentes, mas não conseguiram sobrepujar a fama do grande colosso.



I FESTIVAL DE CINEMA REALIZADO NO BRASIL

APENAS 20 MILHÕES DE CRUZEIROS PARA MOVIMENTAR ARTISTAS E FILMES DO MUNDO INTEIRO ★ E ENQUANTO O DÓLAR SOBE, CRESCE A PRESSÃO DAS DIFICULDADES ★ ARTISTAS DE 2º TIME SÃO MISTURADOS COM «ASTROS» DE 1ª GRANDEZA ★ E ONDE ESTÁ O CINEMA BRASILEIRO ?

SÃO PAULO V



Êle falava, em seu gabinete mobiliado com requinte, por trás de uma verdadeira coluna de pastas e processos. O «Serviço do Festival de Cinema» está instalado com todo confôrto, numa casa perto do Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo. Como qualquer repartição pública, tem um grande corpo de funcionários especialmente contratados. Um vai e vem constante acusa a excitação geral. Sente-se no ar que algo está para acontecer. Telegramas que chegam, ligações que se fazem para Paris, para Los Angeles. Correspondência vultosa. Notícias a cada instante. Fulano virá. Fulano não virá mais. Cicrano foi hoje mesmo para Paris. Beltrano já está em Roma. Dentro disto tudo, em seu gabinete, o sr. J. G. de Andrade Figueira, secretário executivo, interrompe o trabalho para nos dar as mais recentes informações:

— «Dispomos de muito pouco dinheiro. Temos apenas, para tudo, vinte milhões de cruzeiros, que nos deram os governos Federal e do Estado de São Paulo. Mas acontece que o dólar aumentou de preço incrivelmente e esta quantia ficou valendo menos da metade. Agora temos que fazer mágica, praticar o milagre da multiplicação».

O programa é extenso e dispendioso, incluindo a participação de vinte e uma nações estrangeiras, cada uma delas com sua comitiva de representação. O Brasil é que está numa situação difícil. O momento é de crise na nossa indústria cinematográfica e não temos notícia de qualquer produção brasileira capaz de ser apresentada num certame internacional, como o foram os documentários de Lima Barreto, «O Cangaceiro» e «Sinhá Moça», que mereceram prêmios pela sua qualidade. Assim, indagamos qual será a participação nacional no «I Festival Internacional de Cinema do Brasil». A resposta veio, melancólica:

— «Quando planejamos o festival, o cinema brasileiro estava em franca ascenção. Agora,



JEANETTE MC DONALD
Vai desencalhar



JOHN WAYNE
E' provável que venha

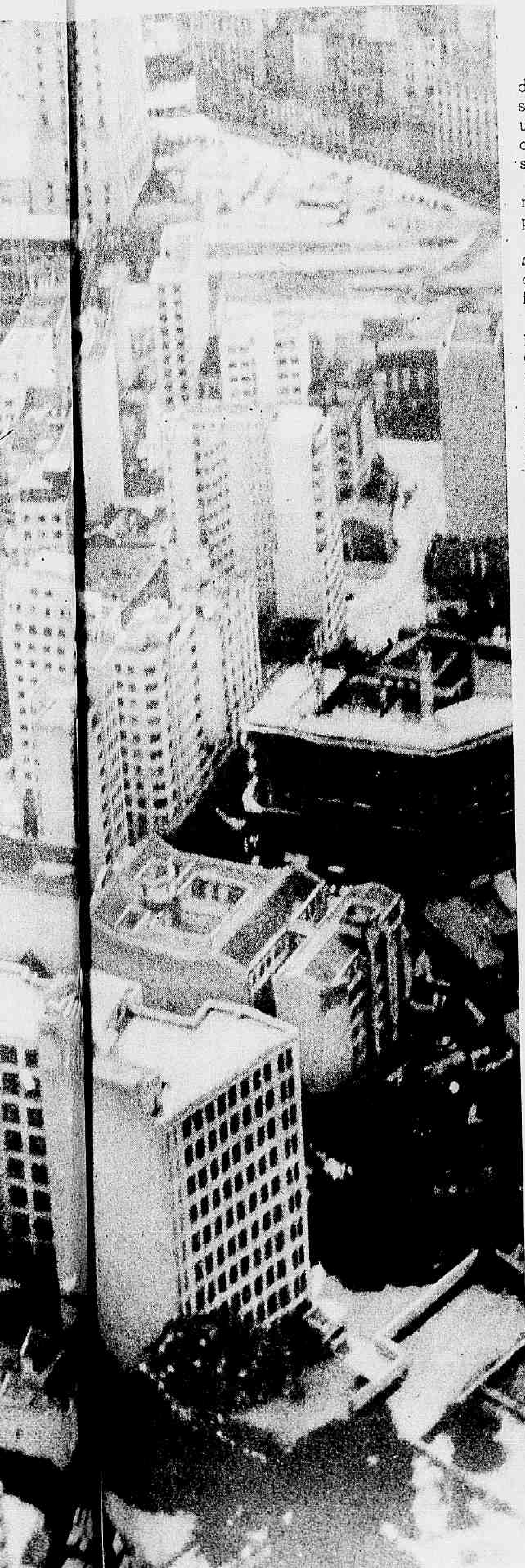


ZSA ZSA GABOR
Vem todinha



BOB HOPE
Road to S. Paulo

...VAI SER CANNES



Reportagem de MARITA LIMA

de fato, não há uma grande produção, em conseqüência da crise. Mas, mesmo assim, temos uma comissão designada especialmente para a escolha dos filmes nacionais a serem apresentados».

Não obtivemos a relação dêles, mas soubemos que «Limite» está sendo ansiosamente procurado.

— Se o mesmo é de crise para a indústria cinematográfica brasileira — ponderamos — e custa tão caro um festival dêstes, porque será feito? Qual o benefício que nos trará?

— Acreditamos que isto contribua bastante para um contacto geral entre artistas, diretores e técnicos estrangeiros e do Brasil, o que será um benefício de todo.

Soubemos que Seffert, um dos maiores produtores franceses está interessado numa co-produção franco brasileira. Êste é um dos benefícios de tal contacto. O outro, certamente, será uma maior colaboração estrangeira, de diretores, técnicos, etc., no cinema brasileiro. Enfim, isto são meras conjeturas, pois logo o sr. Figueira esclareceu:

— Não se trata de colaboração. Nossa finalidade é antes a da aproximação, simplesmente.

A PROGRAMAÇÃO

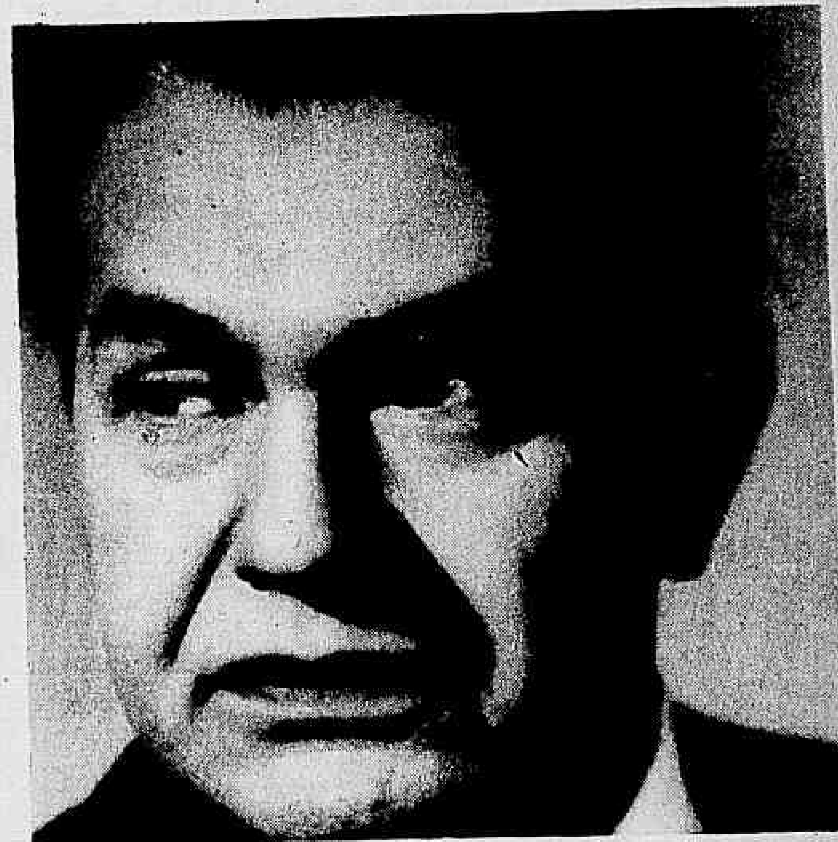
Entre as nações inscritas estão a Áustria, Alemanha, Argentina, Iugoslávia, Chile, Japão, Estados Unidos, França, Itália, Suécia, México, etc. Os filmes com que se farão representar é que não se sabe quais serão. Ainda não chegaram, por isso não podem ser revelados. Dos Estados Unidos, já se pode garantir, «How To Marry A Millionaire» e «Julius Caesar». Mas a Itália, por exemplo, não se tem idéia. Cada nação pode apresentar um número de películas proporcional à sua produção anual. Se esta sobe a 30, é permitida a participação de 1; de 31 a 80 permitem-se 2; de 81 a 150, 3 serão apresentadas; e para uma produção superior a 150 películas anuais, consentem-se 4. Neste último caso estão sòmente o Japão e os Estados Unidos. A Índia estaria também, mas não se inscreveu.

Uma vez que não existe entidade alguma que represente o Brasil, quem está se encarregando da orientação é a FIAPF (Federation Internationale de Associations des Produteurs de Films). Os festivais dependem de sua aprovação e obedecem às suas categorias: Festival com prêmios, como os de Veneza e Cannes; Festivais internacionais sem prêmios, como o de Berlim; Festivais de filmes educativos e científicos; e Festivais nacionais, como o de Punta del Este. O de S. Paulo não terá prêmios, nem classificação e a escolha das películas fica ao encargo de cada uma das entidades nacionais.

Constam igualmente do programa: um Festival de Cinema Infantil, apresentado pelo



VIRGINIA MAYO
Voltará sòzinha?



EDWARD G. ROBINSON
Visitará o Braz



MARLON BRANDO
De ôlho no T.B.C.



GINA LOLLOBRIGIDA
Cuidado com os gaviões

SÃO PAULO VAI SER CANNES

«Club Cendrillon» (da França), com os melhores filmes do mundo todo, especiais para crianças de 5 a 8 anos e de 8 a 13, e do qual fará parte o filme brasileiro «O Saci». Após a apresentação oficial, estas fitas serão projetadas em diversos cinemas do centro e dos bairros, gratuitamente, para a criançada de S. Paulo. Um Festival de filmes científicos será organizado por Jean Painlevé; nas Jornadas Nacionais poderão ser exibidos, segundo o critério de cada nação, filmes que não podem constar oficialmente do Festival, por já terem sido premiados; a UNESCO promoveu a organização de um museu, onde além da exposição internacional de livros, revistas, jornais, maquinária antiga, etc., será mostrada uma seleção dos melhores filmes de cada época; e também o cinema brasileiro terá a sua retrospectiva, com a colaboração do Museu de Arte Moderna de S. Paulo. As sessões serão realizadas no cinema «Marrocos», com 514 assinaturas e 400 lugares vendidos diàriamente, fora os convites.

CELEBRIDADES

Até o último momento, não se pode dizer com segurança a vinda dos atores, que dependem de seus compromissos. Sabe-se, no entanto, que dos Estados Unidos virão: Bob Hope, Janet Gaynor (!), Janet Mc Donald (!!!), Zsa Zsa Gabor, Jane Powell, Rondha Fleming, Virginia Mayo, Jane Crain, Ann Miller, Joan Crawford (até que enfim), e Edward G. Robinson. Quando só a primeira parte da lista estava garantida, puseram no Festival o nome de «Festival do Reumatismo». Depois as coisas melhoram um pouco, mas continuam faltando um Gregory Peck, um Marlon Brando, uma Shelley Winters e **Marylin Monroe**. Mas como dissemos antes, não é caso para desesperos. Ainda resta uma esperança. Até o último momento muito horóscopo pode dar certo... A Itália das belas Silvanas ainda não tem nada oficialmente prometido. De Portugal recebemos Antônio (Camões) Villar. Maria Felix virá, com certeza, seja pelo México, ou pela Espanha. Carmen Miranda avisou que não virá. Mas virá Carmen Sevilla. E também Paquita Rico, que embora não muito conhecida entre nós, chega precedida da fama de ser, indiscutivelmente, a mulher mais bonita do mundo. O resto é esperar, que não existe outro remédio.

Tampouco dos diretores estrangeiros, que constituem a esperança de muito talento nacional, tem-se qualquer informação.

Terminado o Festival (de 12 a 26 de fevereiro) ainda se prolonga um pouco a programação. Entra em cena o carnaval carioca que vai trazer para cá as celebridades presentes. Os bailes serão enfeitados pela presença de artistas internacionais, que desta forma saciarão sua curiosidade a respeito da famosa festa. Teremos ocasião de vê-los no Copacabana, em Quitandinha e no Municipal. Têrça-feira, como tenham o dia livre de qualquer programa, deverão estar espalhados pela cidade.

Agora compreende-se que vinte milhões de cruzeiros não bastem para isto. Mas não é dinheiro mal empregado. Com êle compra-se um compromisso maior. Se ainda resta alguma dúvida sôbre se o govêrno deve ou não apoiar financeiramente o cinema nacional, ela vai por terra. Não se compreende, realmente, que seja feito um Festival gigantesco as custas de um país que não pode se fazer representar condignamente no mesmo, porque tem a sua indústria em crise. Mas a crise é geral, não é só cinematográfica, e se tem cabimento uma despesa e um trabalho dêstes com o intuito (ingênuo) de incrementar uma aproximação internacional, muito maior é a obrigação de incrementar a indústria nacional. O Brasil já teve cinema. Embora não o acreditem totalmente os brasileiros, acreditam-no os estrangeiros que acharam nossos filmes a altura de prêmios. Teve. Agora está nas mãos do govêrno continuar tendo. Esperemos que seu entusiasmo cinematográfico tome coloração verde-amarelo, na hora da decisão.



ANN MILLER pousará no aeroporto de Congonhas. E com ela, suas pernas famosas.



JANE POWELL
Enviada do «Leão»



ANTONIO VILLAR
Com certeza



GREGORY PECK
Tem uma boa torcida



JEANNE CRAIN
Com marido e tudo



RHONDA FLEMING
Talvez assine contrato



SILVANA MANGANO
Cuidado com a Vera Cruz



JOAN CRAWFORD,
com tôda sua elegância e personalidade. Até que enfim.



MARYLIN MONROE
será um sucesso no Viaduto do Chá. Os paulistas requisitarão o Estrêla.

Semana LITERÁRIA

Um poema por semana

FERNANDO JORGE UCHOA

(Ilustração de MARIA TEREZA)



ROSA DO ESTRANHO

Rosa de ferro é o mundo,
arde em pétalas de fogo
e em punhais de labaredas
se planta no coração.
A rosa que sai do peito
nasceu da vida e feriu,
começou onde era côr,
seu perfume já foi sangue
de esperança juvenil.
Agora sim, rosa morta,
colhida dentro da mão,
parada no pensamento,
crescendo no claro olhar.
Rosa do mundo que mata
que ressuscita e engrandece
e vive e torna a morrer.
Rosa das horas de estática,
de uma beleza impossível,
que não podendo expressar-se
se entrega a outros destinos.

Ó rosa das estações,
do que mergulha e aprofunda
para ser compreendido.
Rosa do próprio infinito
estatelada na terra
porque não pôde crescer.
Rosa de sete caminhos
de sete encontros na vida
de sete prantos no chão
das chuvas de meditar.
Rosa que brilha no peito
dos que são crucificados.
Rosa das águas cantantes
dos mares de todo mundo.
Ó rosa negro veludo
da surprêsa de morrer,
rosa do branco das flores
saudades cheias de amargo.
Mas, rosa-ouro do sol,
do amor que vem aquecer,
rosa do homem encantado
pelos caminhos da vida.

CINEAC LITERÁRIO



João Luso

COMEMORA-SE êste mês o quarto aniversário da morte de João Luso (Armando Erse de Figueiredo), romancista e homem de jornal. A propósito, transcrevemos a dedicatória que o escritor apôs ao volume «Ao Sol e à Neve», dedicado à sua espôsa, na qual explica a gênese do seu trabalho: «À minha mulher — Quero dedicar-te êste livro, que viste escrever, que em boa parte inspiraste e no qual não pouco colaboraste. De tal maneira a tua presença constante e indispensável influiu na concepção e factura destas páginas erradias, que não podendo deixar de falar de ti, e não te querendo dar o verdadeiro nome, fui obrigado a transformar-te literàriamente nesse Leopoldo de cabelos louros e luminosa juventude, que por tôda a parte me dá o braço e junta às minhas as suas impressões das tranqüilas paisagens aldeãs e do rumoroso espetáculo das cidades, das montanhas vertiginosas e dos lagos suavíssimos, das soalheiras do Douro e das nevadas de Chavadel. Quantas vêzes os meus leitores perguntariam a meio das narrativas e descrições, onde a tua figura, ora poetizando uma idéia, ora alindando um quadro, aparecia sempre: — Mas que Leopoldo será êste, de quem êle tanto fala?... — Se leitores realmente tive, êsse Leopoldo, de ignorado nome, que extraordinário destino — pensariam êles — obrigou-o a fazer, a meu lado, as mesmas jornadas e a tomar parte nas mesmas aventuras, havia de impressioná-los, merecer-lhes uma curiosidade lisonjeira, que tais jornadas e aventuras, sem ti, não poderiam de certo despertar... O moço tão alegre e tão saudoso, de exuberante riso tropical e mais que latino sentimentalismo; o moço brasileiro, o moço louro, eras tu, querida Amiga e mulher querida, companheira dulcíssima e imprescindível da minha alma e da minha arte! Aceita, pois, a obra que é tanto tua como minha ou talvez mais ainda te pertença a ti do que a mim próprio. E assim para sempre fiquem unidos na vida, como unidos se acham neste livro os nossos corações e os nossos pensamentos».

★

Octávio de Faria acaba de concluir mais um volume de sua «Tragédia Burguesa», ATRAÇÃO, cujo lançamento próximo se fará pela editôra José Olímpio.

★

O romancista Lúcio Cardoso, nos vagares de sua fazenda, a duas horas do Rio, tem-se entregue de corpo e alma ao trabalho literário com algumas incursões pelo terreno agrícola (de menor importância). Assim, já tem prontos três romances, cujo lançamento se fará simultâneamente, e organizou uma seleção de trechos do seu «Diário», no qual define a sua posição apocalítica diante do mundo. Êste livro, escrito em linguagem poética, e com grande fôrça de sinceridade e beleza literária, provocará certamente as mais acirradas polêmicas em tôrno do autor de «Dias Perdidos».

★

Geir Campos organiza no momento um plano editorial destinado a provocar o maior interêsse: trata-se do lançamento, em edições populares, de pequenos cadernos, nos quais se publicarão pequenas coletâneas de poemas ou pequenas novelas de autores nacionais e estrangeiros. Os cadernos serão vendidos nas bancas de jornal, ao preço de dois cruzeiros.

GALERIA MANUEL BANDEIRA

O poeta Manuel Bandeira, sua mãe, irmã e amigos, numa foto de 1912.

Grupo na casa do engenheiro Souza Bandeira, que se vê à esquerda, sentado. Ao fundo, o autor de «Cinza das Horas». A fotografia é de 1919.

ESPELHO DE ESCRITORES

NELSON RODRIGUES — Nasceu no Estado de Pernambuco, há mais de quarentá anos, e poucos sinais conserva de sua origem nordestina: não fala cantado, não tem cabeça chata e não exibe os traços psicológicos característicos da gente pernambucana, aliás muito simpáticos. Estudou primeiras e segundas letras na terra natal e, desde cedo, revelou-se um temperamento polêmico e atrevido: com doze anos de idade dirigia um pequeno jornal de colégio, e desancava professôres e diretores com a maior facilidade. Chegou mesmo, nessa época, a articular contra um padre as acusações mais graves (parece que verdadeiras, também), e isto lhe custou conflitos de tôda ordem, que o recém-adolescente suportou com grande fibra e determinação cívica. Filho do jornalista Mário Rodrigues, um dos inovadores da imprensa carioca, cresceu e formou-se em ambiente de jornal, e até hoje é jornalista militante, ganhando a vida com sua máquina de escrever. Segundo declara, aos dezenove anos era um êmulo de Rimbaud, e fazia artigos de fundo para o jornal paterno, da mais alta qualidade literária e jornalística. Depois, obscureceu-se-lhe a inteligência por um certo prazo, e o futuro dramaturgo atravessou o que êle chama «a minha fase de burrice»: escrevia empolado, apaixonou-se por Dannunzio e lhe imitava o estilo, compunha romances enormes, de quinta classe. «Felizmente, a burrice passou» — reconhece — e teve, então, a chance de construir sua obra teatral, reconhecida por gregos e troianos com a coisa mais importante que já fêz no terreno da arte dramática brasileira. Seu grande sucesso público, que lhe abriu as portas da celebridade (declara-se, de brincadeira, o mais obscuro autor brasileiro vivo) foi a peça «Vestido de Noiva», dirigida e encenada por Ziembinski, e estreada no Municipal do Rio de Janeiro pelos COMEDIANTES, em 1943. Nesse momento, houve a seu respeito uma unanimidade de opiniões consagradoras. Depois, as coisas se complicaram, as opiniões divergiram, a crítica repartiu-se. Hoje em dia, é um dos mais discutidos autores da literatura brasileira. Há os que o consideram um novo Eugene O'Neill (de quem, êle próprio o reconhece, recebeu poderoso estímulo criador); outros, menos enfáticos, proclamam seu talento, mas apontam defeitos e imperfeições em sua obra; existem, por último, os detratores, os que transformam um problema artístico num caso pessoal, e o destroem com enfurecida e grotesca incompreensão. O nosso dramaturgo, no fundo satisfeito com todo êsse barulho, vai levando a vida, paixão e obras, certo de sua fôrça e de sua capacidade de construir. Além do «Vestido de Noiva», compôs mais as seguintes peças: «Anjo Negro», «A Mulher sem Pecado», «Dorotéia», «Álbum de Família» (interditada pela polícia) e «A Falecida», recentemente levada no Municipal, com grande êxito. Possui extraordinária vocação de folhetinista e, sob o pseudônimo de Suzana Flagg, escreveu romances de fabuloso sucesso popular. «Meu Destino é Pecar», por exemplo, publicado tem alguns anos no «O Jornal», dobrou a tiragem dêsse matutino, e até hoje as edições do livro vêm se sucedendo. Mantém uma seção diária no jornal «Última Hora», «A Vida Como Ela É», e através dela conquistou um enorme público ledor. Não se considera, no entanto, satisfeito com sua atividade de ficcionista. Pensa em escrever romances que sejam realmente de Nelson Rodrigues, romances rios, intermináveis, capazes de reduzir a «Tragédia Burguesa» de Otávio de Faria às proporções de folheto (no que se refere à extensão, naturalmente). Quanto ao mais, é polemista nato, contundente e cheio de artimanhas, sendo páreo duro em qualquer disputa intelectual. Reacionário em política, declara-se adepto intransigente da República Velha, com sua estrutura feudal e seus «coronéis» todo-poderosos. Fuma o pior cigarro do mundo (Yolanda 500) pois quer manter-se fiel às primeiras baforadas da infância. Ama o paradoxo, e tem o hábito de virar pelo avesso as verdades consagradas, transformando-as em pontos de vista personalíssimos. Não bebe, não joga, quase não vai ao cinema, detesta viajar e se nega a aprender qualquer língua estrangeira (sabe bem o espanhol, e chega). Trabalha, quase sempre, à base da intuição, e consegue por essa via uma extraordinária acuidade intelectual. Considera «Invenção de Orfeu» o maior livro de poesia jamais escrito no Brasil, e afirma que gostar ou não dêsse livro não é problema literário, mas de caráter. E' um nostálgico do catolicismo, e o vê como a única religião viável, no caso de vir a ser religioso. E' homem que se defende sempre, contra tudo o que não cabe em seus pontos de vista: faz das tripas coração, e de suas falhas e fraquezas extrai sua fôrça. Acredita no Demônio, jamais viajou de avião, engole um misterioso pó às refeições e alardeia uma úlcera de estômago (bastante duvidosa, por sinal, já que o dramaturgo tem um apetite de anjo). E' triste, afirma-se um triste, de cinco em cinco minutos. Tem do mundo uma visão trágica e profunda. E' homem sério, doloroso e, apesar de suas contradições (algumas graves), oferece aos que com êle convivem um belo espetáculo humano: o de um homem fiel a si mesmo, apesar de tudo e de todos. — H.P.

DEFINIÇÕES DE BISSEXTO

POETAS BISSEXTOS — «Não procurem a expressão nos dicionários, porque não a encontram. Pelo dicionário, bissexto só há ano, e é o que tem um dia a mais, o que ocorre de quatro em quatro anos. Poeta bissexto deve, pois, chamar-se aquêle em cuja vida o poema acontece como o dia 29 de fevereiro no ano civil. Esquematização grosseira. Em suma, bissexto é todo poeta que só entra em estado de graça de raro em raro. Falando da poesia brasileira contemporânea no número de setembro de 1942 da revista argentina «Sur», escreveu Vinicius de Morais, a propósito dos bissextos: «poetas que nós, seus íntimos chamamos cordialmente de bissextos — poetas sem livros de versos — bissextos pela escassez de sua produção, cuja excelência sem embargo os coloca ao lado dos mais citados». Poetas sem livros de versos, bissextos pela escassez de sua produção: essa é a boa doutrina. E a exemplificação de Vinicius foi excelente. Vou transcrevê-la, porque ela esclarecerá imediatamente o leitor sôbre a questão: «Bissexto é um Pedro Dantas, cujo poema «A Cachorra» passou a ser uma obra-prima da literatura brasileira. O mesmo se pode dizer de «O Defunto», de Pedro Nava, uma das peças mais belas e sinistras da nossa poesia. Bissexto é um Anibal Machado, escritor esporádico, em que o verso é uma espécie de estado de graça que assoma entre largos períodos de sombra; um Dante Milano, notável pela unidade de sua forma poética, de grande pureza; um Joaquim Cardoso, cuja produção se recusa à intimidade dos que lhe são mais chegados, tão íntima quer ser; um José Auto, poeta que, se tem dez poemas, terá muito, mas em quem a poesia é uma fatalidade de condição. Bons poetas que futuramente figurarão, estou certo, ao lado da melhor poesia brasileira». De acôrdo, e divirjo apenas quanto à inclusão de Dante Milano. Milano escreve muito. Só que não publica os seus poemas, porque é «durinho», como lhe chama o Ovalle. Mas eu nego que, a circunstância de não publicar os poemas em livro ou em revistas e jornais seja característica essencial do bissexto. O essencial é a produção rara. Lembro ainda que Vinicius deixou de citar o mais bissexto dos nossos poetas — Rodrigo M.F. de Andrade, autor de um único poema, a famosa «Ode pessimista», que tanta discussão suscitou na roda dos colaboradores da revista «Estética», onde foi publicada. Uma coisa que tenho observado nos poetas bissextos é a pobreza dos temas, quase sempre reduzidos a dois apenas: o de certa dor nos acidentes passionais, e o que Mário de Andrade chamou, com tanta felicidade, «tema da vida bêsta». O bissexto quando se embeiça por uma mulher que não pode ser dêle, faz verso na certa. Ou quando é lusco-fusco na Praça Mauá e êle espera na fila o ônibus Grajaú». — Manuel Bandeira, prefácio à «Antologia de Poetas Brasileiros Bissextos Contemporâneos».

P.S. — No prefácio, do qual transcrevemos um trecho, M.B. inclui Dante Milano e Joaquim Cardoso entre os poetas bissextos. Isto era certo em 1946, ano em que foi organizada a «Antologia». Já agora ambos são publicados e contumazes, tendo portanto perdido o título de bissextos para ganhar, evidentemente, outros títulos.



CAFÉ FILHO

CASTELLO

Não está fora de cogitação, nem dêle nem de certos meios políticos, que Café Filho venha a ser candidato à Presidência da República. Pelo sim pelo não, aqui fica minha contribuição à sua biografia política e começo por dizer que não vejo qualquer contradição essencial entre o Café de ontem e o Café de hoje. Ambos são o mesmo político liberal, conformado com a ordem econômica e social vigente, apenas instintivo e ajustado antes de 1937 e consciente e desajustado depois de 1950. Entre uma data e outra, o que houve foi um equívoco — o chamado Café esquerdista criado pela propaganda estadonovista empenhada em reduzir a comunismo tudo o que fôsse oposição ao fascismo triunfante. O próprio Café chegou em certo momento, ou por confusão ou por conveniência, a dar crédito em parte a essa balela e a aceitar a carapuça de político esquerdizante, de orientação populista.

O equívoco lhe foi proveitoso, pois a impressão errônea, ajudada por esforçada atuação demagógica na Câmara dos Deputados, lhe daria a substância política que permitiu a Ademar de Barros amarrá-lo provocadoramente e quase à fôrça na garupa de Getúlio Vargas.

Por falar nisso, guardo com precisão a cena da saída de Café do comício do Vasco logo que fêz o seu discurso e antes que Getúlio fizesse o dêle. Getúlio resistia ainda em reconhecê-lo como companheiro de chapa. Café abandonou o estádio sorridente, insubmisso, depois de reafirmar perante a massa getulista o «slogan» que tanto repetira no Palácio Tiradentes: «lembrai-vos de 37». Lá fora, recebia entre eufórico e inquieto o abraço da reportagem antigetulista. Por êsse tempo a atitude do atual Presidente lhe provocava comentários ácidos: não fazia segrêdo de que considerava mais fácil sua eleição como vice do que a de Getúlio como presidente. A LEC ainda não o vetara.

Mas, feito vice-presidente, Café, empolgado pelo colorido do movimento vitorioso, empenhado em legitimar a idéia que o povo dêle fazia, pensou tornar-se uma espécie de intermediário entre o govêrno e as massas. Daí, as filas de miseráveis que convocou à porta do Senado, que ainda hoje existem, em pequena escala, como sobrevivência de uma comédia de enganos. Ao mesmo tempo, e contraditòriamente, o cargo lhe despertou a consciência burguesa do poder, com seu aparato e sua glória. Café precisou de salas, de ante-salas, de gabinetes, de secretários, de honras burocráticas.

E' claro que tudo isso era apenas confusão. Café, homem pobre, honesto, sensível à miséria alheia, simpático aos humildes, não era um político de esquerda e nem perdera as estribeiras. Era e é um político de província, feito nas lutas eleitorais do liberalismo, tendo exercido no comêço da vida o cargo de chefe de Polícia pelo qual o acusam no Rio Grande inclusive de se haver dado à violência.

Sua carreira de deputado da oposição, que iria brilhar nos «meetings» conservadores de Armando de Sales Oliveira, desajudado das tinturas doutrinárias que os nossos deputados trazem via de regra das escolas de Direito, levou-o à posição extrema em 1937, o que lhe valeu o exílio, a pobreza quase negra (muitos dos que hoje o cortejam — foi Café quem me disse — passavam por êle na rua como se nunca o houvessem visto) e a deformação de sua verdadeira personalidade.

Reimplantado na vida pública, bafejado pelo êxito fulminante, Café Filho teve o necessário equilíbrio para superar afinal a confusão de sentimentos e idéias em que se viu metido. Para isso lhe foi estímulo decisivo a responsabilidade da vice-presidência num qüinqüênio em que o Presidente, incompatibilizado com o regime e suas sentinelas militares, tem exercido o mandato por vêzes com insegurança. Café, para garantir sua sobrevivência e afastar dêle as mesmas desconfianças que recaíam sôbre Getúlio, teve que tomar pé e fazer dentro de si mesmo uma operação de reconhecimento. A viagem à Europa justificou de público as bodas severas entre o vice-presidente e sua verdadeira mentalidade.

Hoje em dia, êle é um homem sem problemas: passou o esquerdismo, superou a crise infantil que quase o destruía nos seus primeiros contactos com o poder e que o levou a disputar ao nosso confrade José Irineu de Souza uma sala do Palácio Tiradentes para nela instalar um terceiro gabinete vice-presidencial, compreendeu, tanto quanto Ademar e muito mais do que Getúlio, a eficiência da cooperação do capital estrangeiro. E pode proclamar, como o fêz a uma Associação Comercial maravilhada, que a livre iniciativa é o único regime econômico compatível com a dignidade humana. Em uma só palavra, é um estadista.

Getúlio aceitou-o na convivência palaciana e o trata com carinho, caso virgem na história das relações entre um titular e um substituto legal em nosso país. Já uma vez, quando lhe vestiam a faixa presidencial confidenciou o Presidente a Café: «espero ter ainda o prazer de te enfiar nessa faixa».

Ademar, por outro lado, confia em Café, que até aqui não lhe faltou.

E entre êsses dois polos, entre essas duas esperanças, balança o coração do vice, o frágil coração do vice, sensível às ondulações do movimento político, ansioso pelo meio têrmo nas relações entre os dois homens cujo rompimento definitivo lhe será tão fatal quanto o definitivo entendimento.



Café Filho jamais poderia ter incluido a Vice-Presidência nos seus planos políticos. E mesmo sob a direção do seu temperamento inquieto e espetacular, o cargo honorifico não ganhou maior conteúdo ou importância política.

BALLET

A Semana em Revista



LA MARKOVA

Os balemaníacos do Rio (em número de 300, ou mais) vão assinar uma carta ao Marquês de Cuevas, pedindo que o «Grande Ballet», que fará a temporada de dança no Rio em junho próximo, traga como «convidada de honra», a famosa bailarina Alícia Markova.

Como **guest artits** do «Ballet Theatre», em maio do ano passado, Markova provocou recordes de bilheteria em Paris. Convidada pelo Marquês de Cuevas, abrilhantou a sua temporada na mesma cidade, em novembro último.

Agora, para a temporada do Marquês em Londres (que começou a 18) Markova foi de novo chamada de Nova York, para dançar seus papéis (Giselle, Pas de Quatre e Sylphides).

Alícia Markova é uma das figuras mais importantes do «ballet» contemporâneo — adolescente, participou do legendário «ballet» de Diaghileff — tendo sido a última descoberta dêsse célebre empresário. Foi uma das fundadoras do «ballet» inglês e consagrou-se nas grandes companhias da América como a mais perfeita «ballerina» no estilo romântico.

Por várias vêzes tem sido tratada a vinda de Markova para dançar no Rio, em recitais ou com o nosso corpo de baile. Mas as negociações não vão adiante por falta de interêsse da direção do Teatro Municipal. O convite do Marquês de Cuevas seria a oportunidade sonhada pelos balemaníacos do Brasil.

Markova estêve no Rio duas vêzes: a primeira em 1940, dançando com o «Ballet Russe de Monte Carlo»; a segunda em 1952, apenas de passagem para Buenos Aires.

DISCOS



ESTER DE ABREU

CARNAVAL

ZÉ e ZILDA — "Sacarrolha" e "O
o côco, sinhá" — Bem, o prim
não precisa de apresentação, é o já
torioso "As águas vão rolá". O ou
está vendendo muito, mas é nas
das das águas que rolam. (Odeon).

GERALDO PEREIRA — "Olh
pau peroba" e "Maior desacêrto"
Um excelente sambista, Geraldo, ca
a batucada de Buci Moreira, na
"A", e um samba de sua autoria,
face "B". (Colúmbia).

RISADINHA — "Eu quero rebo
e "Em cada coração um pecado"
Risadinha, um dos campeões do
naval passado, com "Se eu errei",
rá menores possibilidades desta
com músicas mais difíceis de agra
(Odeon).

ROBERTO PAIVA — "Bastão"
"Mangueira dos bambas" — "Bast
um samba de Wilson Batista, com
letra que faz jus ao renome do a
merece destaque na preferência
público. O outro não é lá essas
sas. (Sinter).

ESTER DE ABREU — "Marcha
cau-cau" e "Marcha do carneiri
— ó dona Ester, a senhora, co
sua posição social, devia procurar
sa melhor para gravar. Essas ma
nhas seriam ruins na voz de A
de Almeida, quanto mais na sua. (
ter).

CARTAZES

Pílulas

Faz algum tempo, Fernando Sabino contava numa de suas excelentes crônicas o embaraço em que se viu, quando o filho, muito naturalmente, veiu perguntar o que era aliás. Analisar a palavra gramaticalmente talvez fôsse pior (o filho de Sabino tem 5 anos) e o que queria era mesmo o significado prático de «aliás».

Como foi que o cronista saiu da enrascada não nos lembramos. Sabemos — isto sim — que tomou todo o cuidado para não ficar ridículo, como aquêle personagem do conto de Artur Azevedo, a quem o filho perguntara o que é plesbicito.

Quanto à palavra aliás, como defini-la? E' difícil, não há dúvida. Mas, noutro dia, alguém com mania de inventar ditos e rifões saiu-se com um que já ajudaria aquêle que quisesse definir o incômodo advérbio:

— De aliás em aliás o Dutra chegou a Presidente!

★

A única coisa que realmente se renova na Inspetoria de Trânsito é placa. Todo dia tem placa nova em algum lugar da cidade. O resto é sempre a mesma coisa, inclusive as ordens do sr. Estrêla que começavam sempre a vigorar debaixo de grande propaganda na imprensa, com o Papa do Engarrafamento dando entrevistas e explicações.

Há um ano veiu êle com a tal fila indiana, quando um coletivo não poderia passar a frente do outro a não ser lotado. A ordem, é claro, vigorou — como tôdas as ordens da Inspetoria de Trânsito — por poucos dias. Tal qual acontecera 5 ou 6 anos antes, pois o sr. Estrêla é um mestre para reordenar suas ordens antigas.

Na semana passada, por exemplo, voltou o chefe aos jornais. Era uma ordem nova. Nenhum carro poderia buzinar depois das 10 horas da noite ou coisa que o valha. Dizem que apareceu um repórter meio foca que, muito admirado, na hora da entrevista, informou ao maioral:

— Ué, «seu» Estrêla, mas essa ordem é tão antiga!

Dizem que Edgar ficou uma fera com o foca.

★

O fotógrafo saiu com sua máquina. Tinha ordem para fotografar bêbados, vagabundos, moleques, prostitutas, tudo enfim que pudesse ilustrar uma reportagem sôbre desajustados sociais

O fotógrafo conta-nos que, numa esquina da Lapa, havia um homem estatelado na calçada, ressonando. Ajeitou a máquina e lascou o «flash». Com a luz o homem acordou e, olhando espantado para o fotógrafo, levantou-se, sacudiu a roupa, como para tirar o pó e, visìvelmente embriagado, sacou do bôlso uma nota de mil cruzeiros e entregou-a ao fotógrafo, pedindo:

— Por favor, rapaz. Não publique isso.

O fotógrafo — sujeito decente — diz que queimou o negativo.



CINEMAS

LISTA

Aqui vai uma pequena lista de filmes realizados em outros países e que, provàvelmente, os cariocas verão durante a temporada de 1954:

ITALIA — "Sacrilège", direção de Augusto Genina, com Gino Cervi e Marta Toren. — "Villa Borghesse", direção de Gianni Franciolini, com Vittorio De Sica, Eduardo de Fillipo, Micheline Presle e Gerard Philipe. — "Theodora", direção de Ricardo Freda, com a grega Irene Papas, Maria Canale e Henri Grisol.

FRANÇA — "Les cahiers du conseiller Marinow", direção de Henri Calef, com a italiana Carla Del Poggio, Isa Miranda, Franck Villard e Jean Debucourt. — "Lés revoltés de Lomanach", direção de Richard Pottier, com Dany Robin, Jacques Castelot, Jean Debucourt e os italianos Amedeo Nazzari e Carla Del Poggio (produção franco-italiana).

ESTADOS UNIDOS — "Demetrius and the Gladiators", dfreção de Delmer Davies, com Debra Paget (há muito no ostracismo), Victor Mature e Susan Hayworth (Fox Cinemascope). — "The System", direção de Lewis Sailer com Frank Lovejoy (canastrão autêntico), Joan Weldon, Jerome Cowen e Don Seymour (Warner, que parece querer reeditar seus grandes êxitos do passado nos filmes de gangster). — "House of Wax", direção de André DeToth, com Vincent Price, Frank Lovejoy (canastrão arranja sempre um jeito de não ficar inativo), Phyllis Kirk e Carolyn Jones (Warner — uma nova versão, agora em 3D, do célebre "Museu de Cêra", filme de horror realizado na mesma emprêsa por Michael Curtiz, há 20 anos, com Lionel Atwill no papel ora vivido por Vincent Price). — "Stop, you're killing me", direção de Roy DelRuth, com o excelente Broderic Crawford (que nos visitou no carnaval passado), Claire Trevor (sempre em forma) o "gangster" Sheldon Leonard e outros, (Warner, sendo esta também uma reapresentação de uma história policial cômica, escrita pelo versátil Damon Runyon, e que na primeira filmagem teve Edward G. Robinson no papel principal. No Brasil a comédia chamou-se "um simples assassinato". "The wild one", direção de Lazlo Benedeck, com Marlon Brando, Mary Murphy e Robert Keith. (Columbia). — E, finalmente, a produção de John Huston, por êle mesmo dirigida "Beat the Devil", com um "cast" de astros, onde sobressaem: Humphrey Bogart, Gina Lollobrigida, Peter Lorre, o inglês Robert Morley, Jenifer Jones, Edward Underdown, Bernard Lee, Ivor Barnard, etc. (Santana-Romulus, que é a produtora de Huston).



CARLA DEL POGGIO

[redacted]

PETER

Acontece que eu sempre andei pendurado no áspero e balançante galho do noticiáric político e, assim, sinto-me no princípio meio perdido neste florido setor social. E começam a surgir as dúvidas: deverei manter o velho e austero estilo de João do Rio, com seu colarinho duro e polainas? Quando nascer uma criança, deverei dizer que o lar de Fulano de Tal foi enriquecido com mais uma menina, ou então, dizer na linguagem particular e nova de Jacinto de Thormes que há mais uma moça na pista? Sinto-me, sinceramente, confuso. E esta minha gravata vermelha? Combinará com êste meu terno côr de burro-quando-foge? Bem, tenho que consultar alguém. Já que, infelizmente, não posso consultar o antigo João do Rio, irei ao «Diário Carioca» conversar com Jacinto de Thormes.



ALENCASTRO GUIMARÃES

Depois dos cumprimentos de praxe (eu já mais polido), Jacinto começa a falar:

— «Escute, Peter. Você bebe? Joga cartas? Dorme tarde? Bate papo?

Ante o meu abanar de cabeça, conclui:

— «Então, procure outra ocupação. Cronista social tem que fazer tudo isto.

— «Não adianta falar nisto; agora é tarde.

Jacinto consertou os vincos das calças e falou profissionalmente:

— «Antes de mais nada, com urgência, deixe de usar meias brancas. Nem o Olegário Mariano usa mais isto. Compre uma garrafa de «whiskey», o menos falsificado possível, e vá bebendo para habituar o seu atual fígado. Compre três ternos escuros e evite a gravata borboleta. Quanto ao «smocking», pode ser aquêle velho mesmo; quanto mais velho, mais categoria tem o «clack-tie». Compre um sapato prêto e dois marrons para uso diário. Mande fazer uma calça mescla e dois palitós esportes. Bem, isto é o mínimo. Ah, compre gravata preta; é básica, veja o Alencastro que saiu na lista dos 10 mais elegantes. Bem, agora deixe-me trabalhar.

Quando eu ia saindo, ainda pude ouvi-lo dizer claramente:

— «E não se esqueça de jogar fora êstes horríveis sapatos...»

FAZANELO

SOLBIATI & FAZANELO

De anos para cá que Carmen Terezinha Solbiati vem ocupando as colunas sociais. Agora, virou discussão entre os nossos melhores cronistas de sociedade. Um diz que ela está noiva; o outro contesta. Podemos adiantar com segurança que, embora sem aliança no dedo, já está definitivamente noiva. Com o recente casamento de sua irmã, os pais de Terezinha têm se sentido sós e, assim ela não quer casar imediatamente. Com isto, o guarda da rua da Assembléia deixou de multar diàriamente Ricardinho Fazanelo e o Arpoador já não tem visto o belo corpo de Terezinha no seu «bikini».

GRANDE PRÊMIO S. PAULO

Os srs. Lineu de Paula Machado e Peixoto de Castro assistiram ao Grande Prêmio Quarto Centenário acompanhados de dois dos maiores turfistas internacionais: o príncipe Ali Khan e o sr. François Duprè, êste último criador, preparador de cavalos de corrida e dono de alguns bons hotéis do mundo como o «Plaza Athenè», «Jorge V» de Paris e o «Ritz-Carlton» de Montreal. Infelizmente, o sr. Duprè não trouxe nenhum animal como fêz o príncipe Ali Khan.

JORGE LANÇA O CARNAVAL

Neste calor dos diabos, foi excelente a idéia do sr. Jorge de Matos de fazer sua festa de sábado no alto da Tijuca. Foi uma bela mistura de apito, «whiskey», pandeiro, música e bola de encher. E bastante perto da piscina para quem tivesse sentido calor demais. Perfeita.

NOVOS EMBAIXADORES

Foi muito bem recebida a notícia das promoções a embaixadores dos srs. Berenguer César e Francisco Gualberto de Oliveira. Trata-se de dois bons valores da nossa diplomacia.

●

Com a presença de artistas e «vedetes» de todo o mundo, no mais perfeito ambiente (O Golden Room do Copacabana), estreando a decoração, teremos no dia 27 de fevereiro a maior festa carnavalesca do ano. Na famosa e elegantíssima festa do Copa já foram feitas 180 reservas. Vamos ter Marylin Monroe, Roseta Podestá, Gregory Peck e todo o nosso «café society». Vai ser uma bomba e a festa do ano.



ALI KHAN

JURANDIR E A ALIANÇA POPULAR (CONTRA O ROUBO E O GOLPE)



CARLOS Lacerda e o Partido Libertador (Pedro Xavier de Araújo) vetaram na organização da chapa da Aliança Popular (contra o Roubo e o Golpe) o ingresso na mesma de Jurandir Pires Ferreira, que por precaução já estava incluído na chapa do PSD.

O PR, entretanto, que havia convidado Jurandir para as suas fileiras, fechou a questão pelo seu ingresso na chapa, desconhecendo inclusive a declaração do candidato de que, desde que haviam surgido obstáculos, não insistiria no assunto. Para o PR, ou seja para Artur Bernardes (nacional) e Prudente de Morais, neto, (regional) o que importava era o cumprimento da palavra empenhada. E lutaram por ela, contra a coligação e ignorando a atitude de Jurandir.

O que pareceu estranho aos coordenadores da Aliança é que, sendo o movimento oposicionista, quisesse Jurandir nêle entrar, quando participava pùblicamente de uma legenda governista, como é a do PSD.

Até a hora de redigirmos essa notícia não havia uma decisão, ignorando portanto ainda o eleitorado se Jurandir está contra o Roubo e o Golpe, ou a favor . . .

Semana POLÍTICA

ENTRE JÂNIO E ADEMAR

C. C. B.

A menos que fatos novos, no correr da campanha, venham alterar substancialmente a luta pelo govêrno de S. Paulo, a disputa se dará, tal como está colocada agora a questão e ainda que surja uma terceira candidatura com apoio de Getúlio e Garcez, entre Jânio Quadros e Ademar de Barros.

A opinião paulista, até o começo da última semana, desconhecia ainda uma terceira posição e estava, na sua prática totalidade, dividida entre os dois polos da demagogia bandeirante, entre a vitalidade e a abundância de Ademar de Barros e o misticismo e a parcimônia de Jânio Quadros.

Ambos são candidatos nascidos na oposição, embora um e outro ainda esperassem até o meado da semana finda que pendesse para o seu lado, à falta de substância própria, um dos dois situacionismos, o federal e o estadual.

A campanha do prefeito de S. Paulo se desenvolverá na mesma base da redenção dos costumes públicos e da poupança nos gastos, na pregação de uma estrita moralidade, de um govêrno de pobreza e de contenção, tudo isso levado a um paroxismo demagógico.

A de Ademar de Barros, na promessa de realizações espetaculares, do enriquecimento do Estado e da nação, na ascenção do povo ao poder. E por estranho que pareça, Ademar espera explorar em seu benefício fatôres de ordem moral, pois, julgando-se traído pelo governador, espera retirar dessa «traição» elementos de galvanização dos sentimentos populares em seu favor.

Embora Jânio Quadros venha de uma recente vitória na capital, onde liqüidou pràticamente os grandes partidos, e embora Ademar de Barros tenha estruturada no interior uma organização partidária trabalhada em sete anos de poder, a expectativa em São Paulo é a de que, na capital, a votação de Jânio se reduzirá em relação à que obteve a 22 de março de 1952, beneficiando Ademar que se aproveitou de inevitáveis descontentamentos gerados pela ação administrativa do prefeito. Em compensação, no interior, a fôrça partidária do ademarismo dificilmente resistirá à onda de simpatia pelo movimento janista, que se comunicou do centro para a periferia em ondas concêntricas: em cada cidade de São Paulo existe um grupo que aspira agora repetir a vassourada de 22 de março.

Os boletins do IBOPE vão dando a vitória por larga margem a Jânio Quadros, mas ainda é cedo para uma previsão segura. Os recursos do ademarismo, a vasta soma de dinheiro que será lançada à campanha de tôdas as maneiras, poderão obter uma retificação dos resultados em muitos pontos. S. Paulo ainda não se definiu.

AMEAÇADA À REELEIÇ[ÃO] DO LÍDER DA MAIOR[IA]



GUSTAVO Capanema preferiria n[ão] reassumir êste ano a liderança [do] govêrno na Câmara, não pròpr[ia]mente pelas dificuldades que terá [de] enfrentar com a maioria decomposta [na] véspera das eleições estaduais. O p[ro]blema do líder é o da sua próp[ria] reeleição, pois, três anos de permanê[n]cia quase integral no Rio, preocupa[do] tão sòmente com os problemas par[la]mentares do govêrno, o afastaram [de] tal modo do eleitorado que êle teme n[ão] ser «reconhecido» ao voltar a Min[as].

Assim preferiria êle dedicar êste últi[mo] ano aos seus contactos com o eleitora[do] de Pitangui e adjacências, para re[vi]gorar sua candidatura.

Em situações como a do líder, o nat[u]ral seria que o comando do partido, e[m] reconhecimento dos serviços prestado[s], lhe assegurasse a reeleição. O comand[o] em Minas, porém, é hostil ao líder. Tr[a]dicionalmente hostil.

Aliás, o último líder da maioria [na] Câmara, Acúrcio Tôrres, não consegui[u] voltar, depois da liderança, ao Palác[io] Tiradentes.

UMA C

Meu caro Joe

Você, com a chamar de vel também avô . . Mas a REVIS que, em 1930, vitoriosa, na s jornalismo. Po profissão, aind cionado no inq dalos em que de tantos ano elevar muitos cidos da époc trabalho.

O que me vo são e não com Em 1930, nac ao lado do sr. anos e anos, nas abas do subir também outubro. E e Agora, uma câmara colhe o Póvoas de estar fazendo Receba um

P. S. Junto já dev de Ara

U M N

VITORINO FRE candidatos ao Machado. Sôbre pelos adversário

SIMÕES FILHO de propriedade acolhido notíci fazer restrições

JANGO GOUL ser candidato é desinteressar-s do PTB e o M

FERRAZ IGRE seu partido nã o movimento en não temos outro

CASTILHO CA pois, embora t nismo paulista ficasse bem fig

AURO MOUR aliciador de el a UDN venha natural assim paulista.

BENEDITO V da delegação Horizonte, atri da Justiça, q



JA GO

PERFIL POLÍTICO



JOSÉ ANTÔNIO DE VASCONCELOS COSTA — E' dos deputados mais moços da presente legislatura: 38 anos. Sòmente Gurgel do Amaral e Bias Fortes Filho estão emparelhados com o rapaz que nasceu na terra do atacante Genuíno (Sete Lagoas). Reeleito em 1950 pelo PSD mineiro, Vasconcelos bandeou para as fileiras de Ademar de Barros com armas e bagagens. Bacharel pela Escola de Direito de Belo Horizonte em 1937, Benedito Valadares nomeou-o logo prefeito de Pouso Alto e mais tarde de Pouso Alegre. O interventor João Beraldo (1946) deu outras oportunidades ao jovem advogado: fê-lo diretor do Departamento das Municipalidades, diretor do DIP estadual e diretor do Departamento de Compras. Sua transferência para Rio, entretanto, foi obra do ex-Ministro Corrêa e Castro que levou o atual deputado para seu gabinete.

Vasconcelos orgulha-se do eleitorado que conquistou em Minas: em 1945 obteve 115.000 votos, em 50 conseguiu 32.500. Na Câmara tem participado da Comissão de Transporte e Comunicações e da Comissão de Economia. Em 1951 — como dissemos — Ademar acenou para o rapaz com o convite para liderar o populismo em Minas. E Vasconcelos topou. E passou, também, a vice-líder do PSP na Câmara. Vasconcelos Costa tem viajado e procurado registrar suas impressões de viagem em revistas e jornais de Belo Horizonte e Rio. Há muito que prepara um romance que teria o nome esquisito de Flor do Gheto. Sempre de cigarro à bôca, o rapaz de Minas é maneiroso e manhoso como todo mineiro. Atende a qualquer pessoa que lhe escreve do interior com presteza e eficiência. Qualquer carta que lhe chega às mãos é logo respondida com as providências cabíveis. Por isto, sua correspondência está sempre em dia e êste penoso trabalho lhe toma algumas horas do dia ou das manhãs claras no seu apartamento de Copacabana. De quando em vez, o deputado deixa a Câmara e vai ao interior ver como anda seu eleitorado. E' uma maneira inteligente de ser lembrado. Muita gente acredita que êle acabará no Palácio da Liberdade se os fados ajudarem o populismo. Pode ser que não — mas — sua carreira é mesmo para lá.

UMA CARTA DE VÍTOR DO ESPÍRITO SANTO

Rio, 14/1/54

Meu caro Joel Silveira:

Você, com a cumplicidade do Castelo Branco, arranjou um meio de me chamar de velho. Acontece que sou velho mesmo. E além de velho sou também avô...

Mas a REVISTA DA SEMANA errou redondamente em um ponto, ao afirmar que, em 1930, quando me deixei fotografar ao lado do chefe da revolução vitoriosa, na sua marcha triunfal para o Catete, eu já não era um foca no jornalismo. Pois saiba que, hoje, com 51 anos de idade e quase 36 de profissão, ainda sou mais foca. Tão foca que não tive o meu nome relacionado no inquérito do Banco do Brasil nem em qualquer dos outros escândalos em que essa nossa terra tem sido tão fértil... Tão foca que, depois de tantos anos de profissão, não consegui senão servir de degrau para elevar muitos figurões que, hoje, querem até olhar-me de cima... esquecidos da época em que viviam como postulantes junto à minha mesa de trabalho.

O que me vale é que tenho bastante senso de humor para vê-los como êles são e não como êles imaginam ser.

Em 1930, naquele vibrante outubro em que, recém-saído da cadeia, apareço ao lado do sr. Getúlio Vargas, a quem viria a combater sem tréguas durante anos e anos, muita gente que subiu que nem foguete, vivia a se agarrar nas abas do meu casaco, certa de que eu aproveitaria a oportunidade para subir também. O mesmo fenômeno se repetiu em 1945, depois do 29 de outubro. E eu continuo onde sempre estive.

Agora, uma pequena informação: naquela fotografia dentre os que a câmara colheu, além do sr. Getúlio Vargas, os únicos vivos somos eu e o Póvoas de Siqueira, secretário do «Jornal do Brasil». Os outros devem estar fazendo alas à minha espera lá no Além.

Receba um grande abraço do amigo velho

Vítor do Espírito Santo

P. S. **Junto lhe mando cópia de uma «Nota Carioca» que escrevi e que** já deve ter sido publicada em muitos jornais, inclusive no «Correio de Aracaju».



UM NOME, UMA NOTÍCIA

VITORINO FREIRE quer ser governador do Maranhão. Está, assim, cozinhando os candidatos ao pôsto, inclusive o seu amigo Remi Archer e o brigadeiro Cunha Machado. Sôbre êsse último, diz êle que sua candidatura está sendo insuflada pelos adversários políticos.

SIMÕES FILHO não anda satisfeito com o governador Régis Pacheco. «A Tarde», de propriedade do ex-ministro da Educação e o jornal mais influente da Bahia, tem acolhido noticiário hostil ao governador e, na intimidade, o sr. Simões passou a fazer restrições à orientação do sr. Régis.

JANGO GOULART, apesar das declarações que tem feito em contrário, deverá ser candidato do PTB ao govêrno do Rio Grande do Sul. Sua tática, aliás, é desinteressar-se pelas posições com que lhe acenam: assim foi com a presidência do PTB e o Ministério do Trabalho. Assim está sendo com o govêrno gaúcho.

FERRAZ IGREJA, deputado da UDN de São Paulo, confidenciou a um amigo que seu partido não tem outra saída senão apoiar a candidatura Jânio Quadros. Todo o movimento em contrário — disse — é para meter mêdo ao PDC, mas na verdade não temos outra saída.

CASTILHO CABRAL foi a São Paulo tratar da sua candidatura a deputado federal, pois, embora tenham lhe prometido a senatória, não acredita: 1º) que o situacionismo paulista se saia bem da crise e 2º) que, sendo Borghi o candidato, lhe ficasse bem figurar na chapa ao lado do «marmiteiro».

AURO MOURA ANDRADE, que saiu da UDN para o PDC, é hoje o principal aliciador de elementos políticos do interior para o seu novo partido. É natural que a UDN venha sofrendo mais que as outras agremiações com essa atividade e é natural assim que Auro seja objeto de comentários azedos no Automóvel Clube paulista.

BENEDITO VALADARES voltou dos Estados Unidos, onde se achava como membro da delegação brasileira à Assembléia da ONU, mais cedo do que devia. Em Belo Horizonte, atribui-se a precipitação do ex-governador ao açodamento do ministro da Justiça, que pretendeu tomar-lhe o lugar de senador na chapa do PSD.



JANGO GOULART



SIMÕES FILHO



BENEDITO VALADARES

DICIONÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO



GREGÓRIO — Fiel às suas velhas inclinações tenentistas, e tendo em vista que os tenentes de 1930 acabaram irremediàvelmente generais, Vargas contratou o fusco Gregório para seu «anjo da guarda» particular e chefe de muitos outros anjos do céu palaciano. O «tenente» Gregório não precisa atingir o generalato, para dar ordens neste país essencialmente verde-oliva. Com dois empurrões e uma cara feia, liquida qualquer resistência física ou moral. De vez que anjo não tem costas (mesmo sendo guarda-costas), nem côr (mesmo os que pertencem às hostes diabólicas), a pretura de Gregório nem de leve incomoda o indisfarçável preconceito racial dos brasileiros de sangue azulado. Explica-se: por motivos de Estado, o tenente Gregório foi decretado (Estado Novo) branco de olhos verdes. Se aparece negro nas fotografias, é porque adversários maliciosos lhe publicam apenas o negativo.

REACIONÁRIO — Para o comunista malenkovista, é reacionário o comunista stalinista; para o comunista stalinista, o é o socialista avançado; para o socialista avançado, o socialista água-de-flor; para o socialista água-de-flor, o democrata esquerdista; para o esquerdista, o liberal; para o liberal, o fascista; para o fascista, o nazista; e para o nazista, o comunista.

PETRÓLEO — Somos tão nacionalistas em matéria de petróleo, que quando se bota a gasolina estrangeira num motor estrangeiro, ela explode de raiva.

CANDIDATO ÚNICO — De todos os candidatos é o único que não aparece. Sendo a democracia, para muita gente desacostumada, uma coisa cara, incômoda e cheia de surprêsas, é natural que esteja sujeita a frequentes esforços de simplificação. A dificuldade tem residido em que nenhum candidato único consegue ser o único nem na própria família.



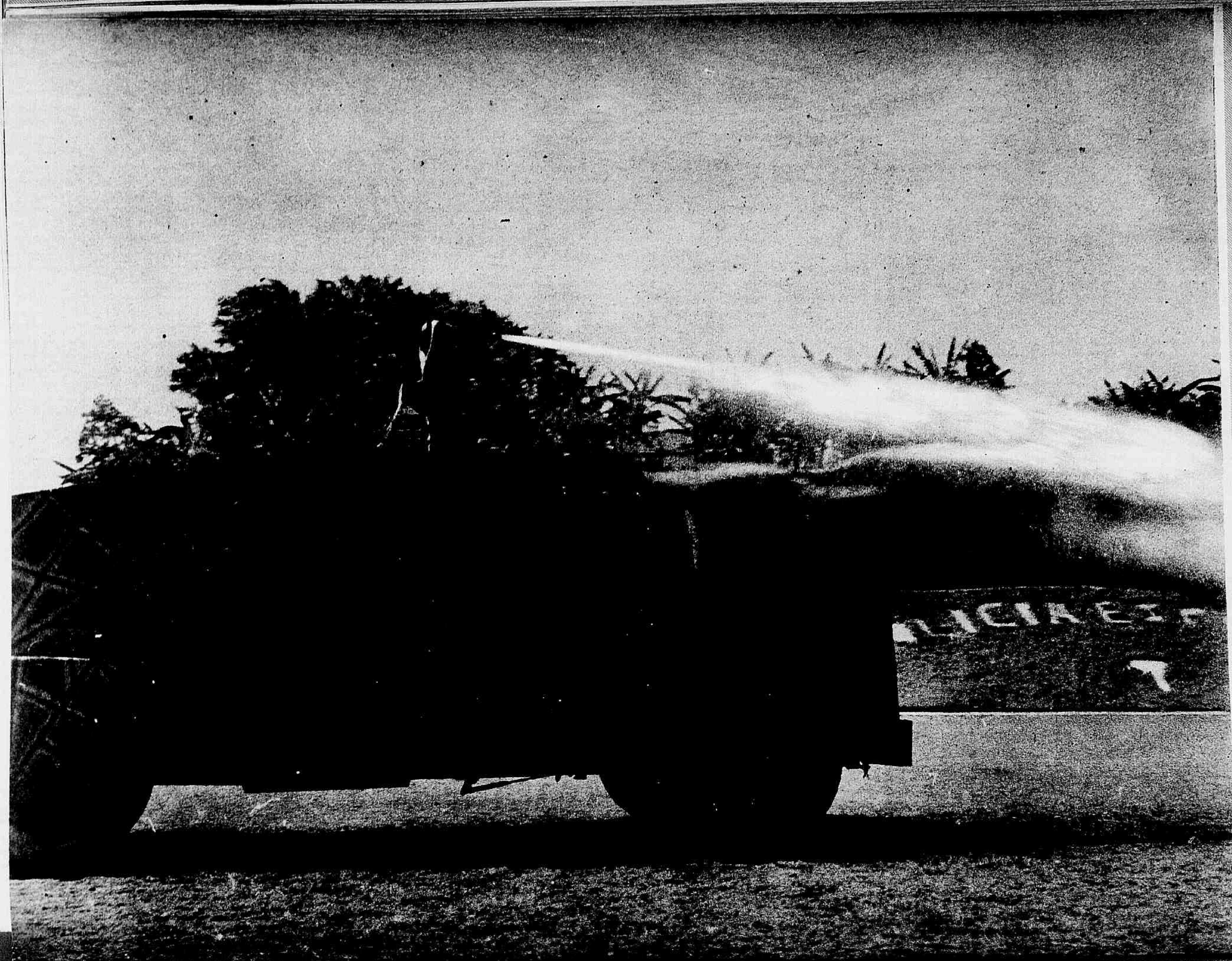
ETERNA VIGILANCIA — E' o preço da liberdade. Como todos os gêneros de primeira necessidade, está sujeita ao tabelamento da COFAP. Às vêzes também é preciso importar do estrangeiro, mas nem sempre o Banco do Brasil fornece divisas. De maneira que não raro somos levados a recorrer às divisas do Brigadeiro. Sempre que há um enguiço na eterna vigilância, o sr. Getúlio Vargas aproveita dar um golpinho.

AS ALIANÇAS NO SUL

No Rio Grande do Sul, apesar de ser o PSD o partido majoritário e de ser a UDN o menor partido local, menor mesmo do que o PRP, são os pessedistas que procuram manter a qualquer preço sua aliança com os udenistas, não pròpriamente por causa dos 40 mil votos do general Flores da Cunha, mas em defesa do princípio nacional PSD-UDN pregada pelos gaúchos majoritários.

O PRP, aliás, com seus 50.000 votos na zona de imigração italiana, acredita ser ainda o fiel da balança, tal como aconteceu nos dois últimos pleitos, quando ora fêz o triunfo pender para o candidato do PSD (Valter Jobim), ora para o candidato do PTB (Ernesto Dorneles).

O terceiro partido no Rio Grande é o Libertador, que elegeu dois deputados federais e cinco estaduais. Êsse é um aliado firme dos pessedistas.

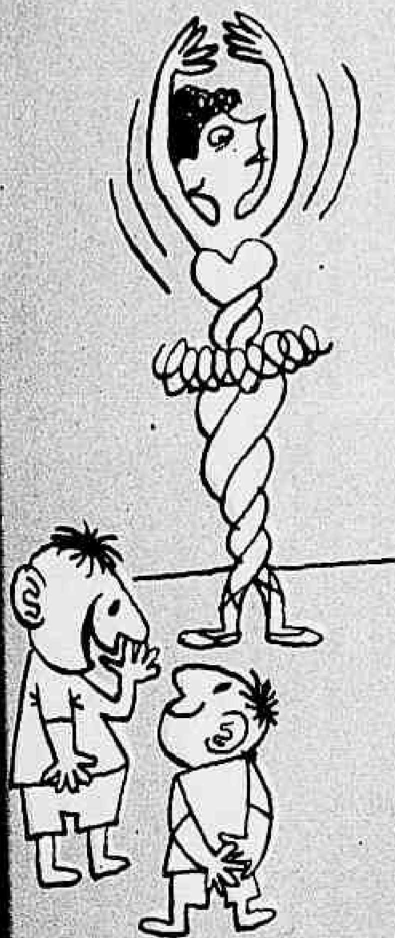


ÚLTIMO FLASH

A POLÍCIA MECANIZA-SE — O carioca já encontrou um nome apropriado para a esquisita viatura que aparece na foto ao lado. «Brucutu». E' a última aquisição da polícia do general Âncora, e, segundo as esplicações policiais, trata-se da última palavra em matéria de dispersão de comícios proibidos, desmantelamento de arruaças e arrefecimento de tempestades urbanas. Todo êsse poder ofensivo de «Brucutu» reside, não no seu pavoroso aspecto, de grande efeito psicológico, mas, principalmente, no indomável jôrro de água que é capaz de lançar até uma distância de 40 metros. As primeiras experiências foram feitas lá no morro de Santo Antônio, com o concurso dos guapos e façanhudos rapazes da Polícia Especial. «Brucutu» pôs-se em ação, investiu solene e poderoso contra o batalhão de músculos, e em poucos minutos, com o seu jôrro atômico, punha «biceps» e caixas toráxicas no chão, ou os suspendia no ar. O general Âncora assistiu ao espetáculo inaugural do novo monstro a entrar em atividade contra o povaréu. «Foi um espetáculo bonito», declarou êle, depois, aos jornalistas.



ERA UM BÊBEDO INVETERADO MAS CONSEGUIU DEIXAR DE BEBER DEFINITIVAMENTE. PERDEU O CRÉDITO.



— Eu encerei o assoalho com cola-tudo.

Êle era o único que sabia que aquêle sujeito era enganado pelo seu melhor amigo. Mas não podia dizer nada porque era êle próprio o seu melhor amigo.



CONTINUO — Tem uma pequena que quer lhe falar. Diz que é a Marilyn Monroe.
EMPRESÁRIO — Mande esperar. Já é a décima quinta que me aparece hoje.

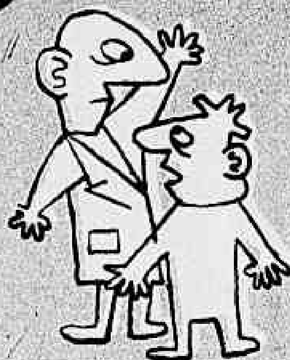
CUCO

Uma seção meio pancada

leon eliacarr

Assinatura do autor, no seu Oldsmobile.

Ilustrado por PIQUÍ



UM — Ontem dei um tiro no ouvido.
OUTRO — E não morreu?
UM — Não. Tirei a cabeça a tempo.

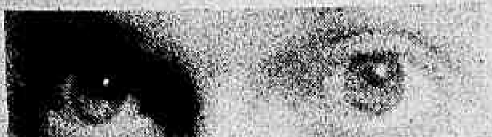
QUE SUJEITO FABULOSO!

- Acordava às 7 da manhã para ouvir a Hora da Ginástica.
- Chegava pontualmente às sessões de cinema para não perder o Complemento Nacional.
- Ia a tôdas as conferências do sr. Pedro Calmon.
- Adorava bater papo com o sr. Tomás Seixas.
- Lia todos os anúncios dos jornais.
- Adorava refresco de côco duplo.
- Jantava às 7,30 para não perder a Hora do Brasil.
- Tomaua chope na Brahma para ouvir valsas vienenses.
- Era fã de Yvonne de Carlo.
- Leitor assíduo do «Diário Oficial».
- Morava em Niterói.

Telegrama de pêsames enviado por engano a um amigo recém-casado:

LAMENTO IMENSA-
MENTE ACIDENTE CONTE COMIGO PASSAREI
FREQUENTAR SUA CASA MAIS ASSIDUAMEN-
TE MAS MELHOR VOCÊ FAZER UMA VIAGEM
— CARLOS

PONTOS DE VISTA

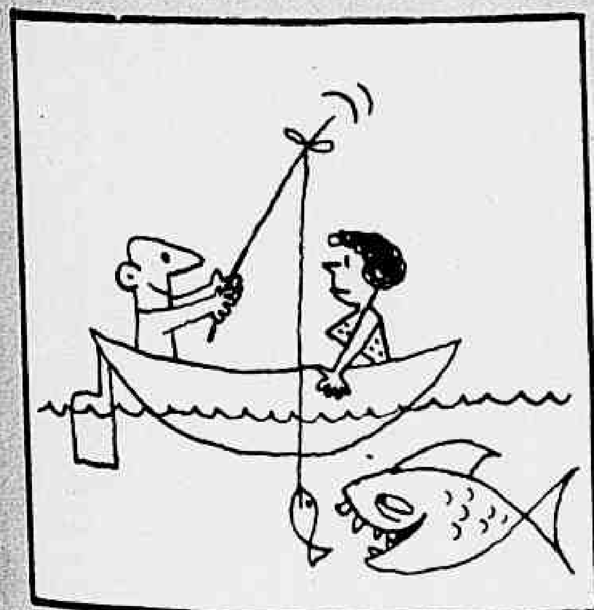


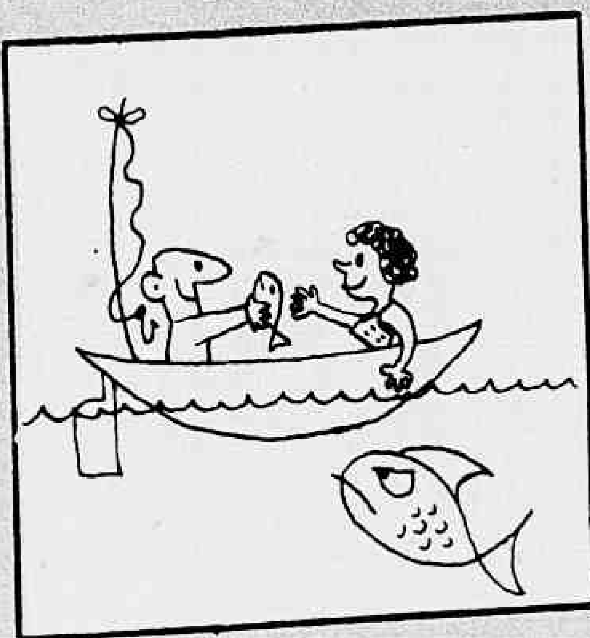
FILANTE é um sujeito que traz sempre o cigarro no bôlso dos outros.

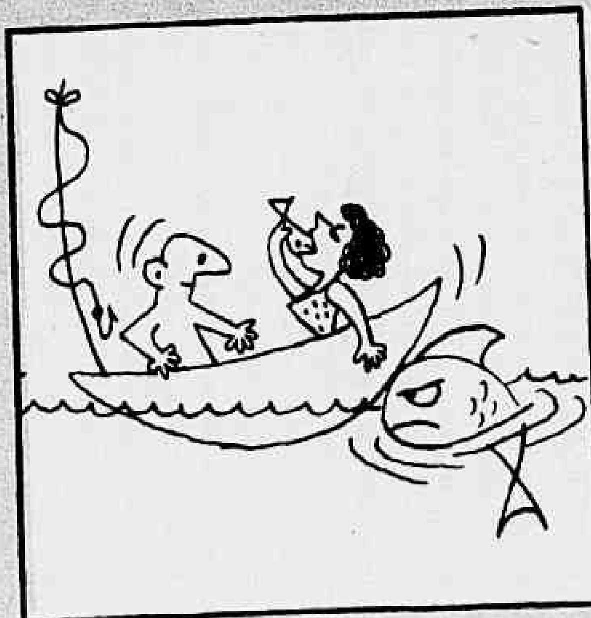
●

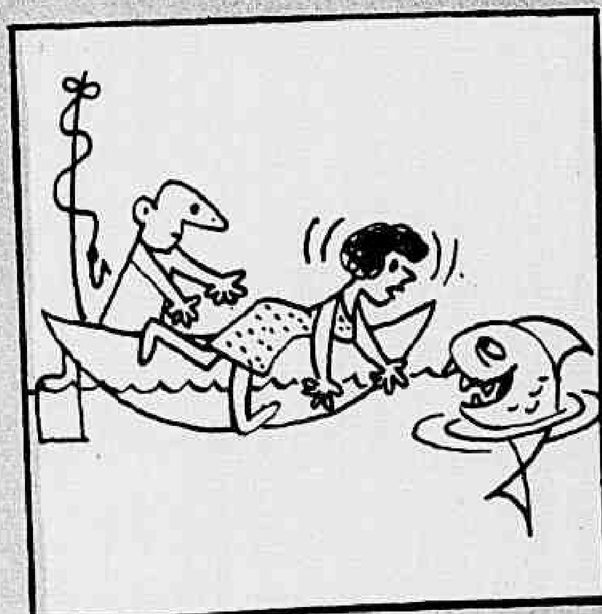
ÓPERA é um conjunto de pessoas que fazem os maiores desatinos, cantando.

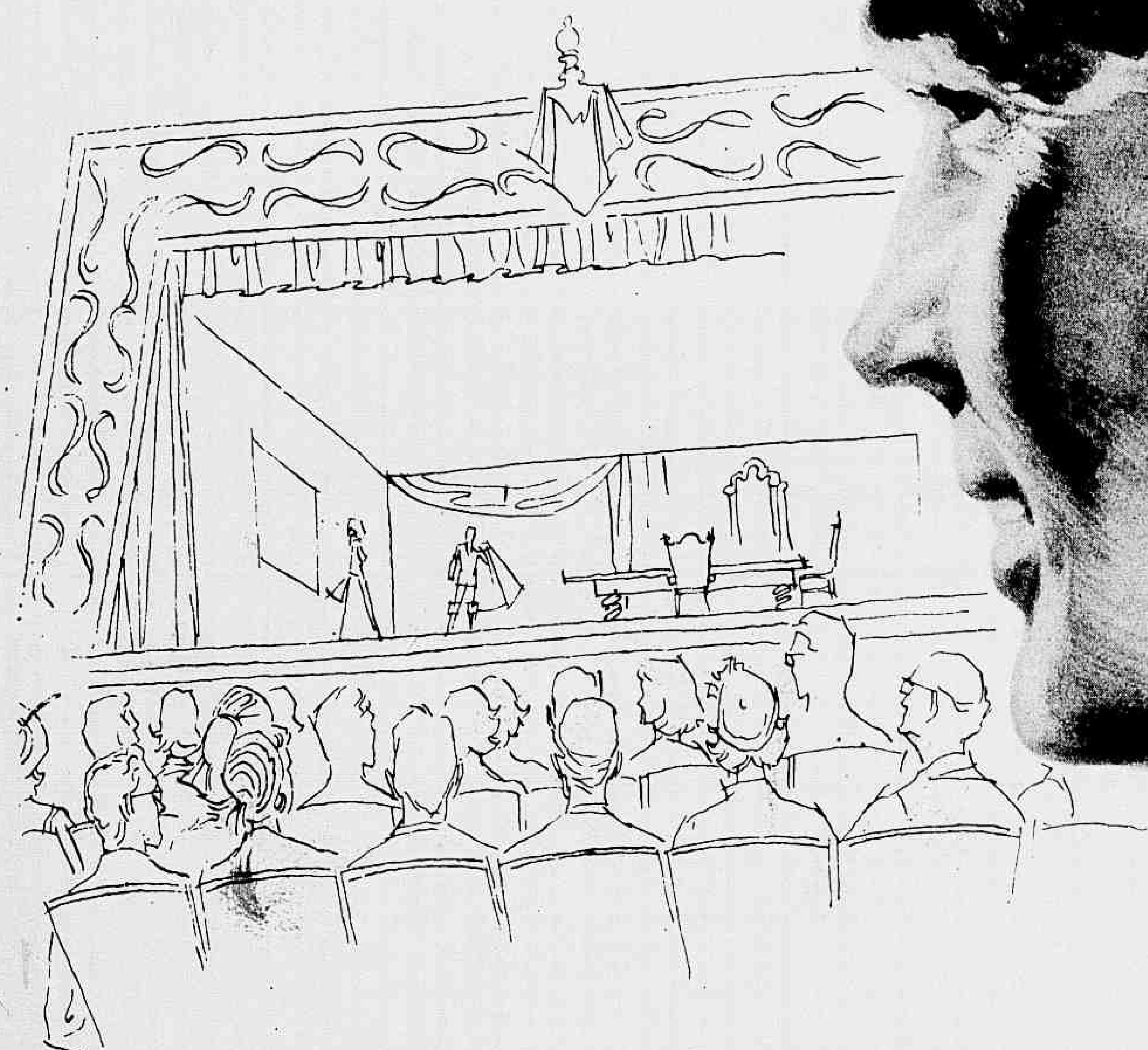
E AQUÊLE ESPECIALISTA EM COLETES AFIRMOU QUE NÃO DAVA ENTREVISTAS EXCLUSIVAS. SÓ COLETIVAS.











Um crítico de teatro...

...é aquêle que distingue entre as peças a que apresenta mais forte expressão de bom gôsto. Êsse mesmo senso de discernimento é que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-8R.244

UM PRODUTO SOUZA CRUZ